

DALLA NOSTRA TERRA

AS CONTRIBUIÇÕES “GEOGNÓSTICAS” ITALIANAS AO MUSEU NACIONAL

Antonio Carlos Sequeira Fernandes

Vittorio Pane

Renato Rodriguez Cabral Ramos

Andrea Siqueira D'Alessandri Forti



200 anos
MUSEU NACIONAL
UFRJ



SÉRIE LIVROS DIGITAL 11

DALLA NOSTRA TERRA:
AS CONTRIBUIÇÕES “GEOGNÓSTICAS”
ITALIANAS AO MUSEU NACIONAL

Antonio Carlos Sequeira Fernandes

Vittorio Pane

Renato Rodríguez Cabral Ramos

Andrea Siqueira D'Alessandri Forti

Rio de Janeiro
Museu Nacional
2017

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Reitor – Carlos Antônio Levi da Conceição

Museu Nacional
Diretora – Claudia Rodrigues Ferreira de Carvalho

Editor Geral – Ulisses Caramaschi

Editores de Área – Adriano Brilhante Kury, Alexander Wilhelm Armin Kellner, Andrea Ferreira da Costa, Cátia Antunes de Mello Patiu, Ciro Alexandre Ávila, Débora de Oliveira Pires, Guilherme Ramos da Silva Muricy, Izabel Cristina Alves Dias, João Alves de Oliveira, João Wagner de Alencar Castro, Marcela Laura Monné Freire, Marcelo de Araújo Carvalho, Marcos Raposo, Maria Dulce Barcellos Gaspar de Oliveira, Marília Lopes da Costa Facó Soares, Rita Scheel Ybert, Vânia Gonçalves Lourenço Esteves

Conselho Editorial – André Pierre Prous-Poirier (Universidade Federal de Minas Gerais), David G. Reid (The Natural History Museum - Reino Unido), David John Nicholas Hind (Royal Botanic Gardens - Reino Unido), Fábio Lang da Silveira (Universidade de São Paulo), François M. Catzefflis (Institut des Sciences de l'Évolution - França), Gustavo Gabriel Politis (Universidad Nacional del Centro - Argentina), John G. Maisey (American Museum of Natural History - EUA), Jorge Carlos Della Favera (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), J. Van Remsen (Louisiana State University - EUA), Maria Antonieta da Conceição Rodrigues (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Maria Carlota Amaral Paixão Rosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Maria Helena Paiva Henriques (Universidade de Coimbra - Portugal), Maria Marta Cigliano (Universidad Nacional La Plata - Argentina), Miguel Trefaut Rodrigues (Universidade de São Paulo), Miriam Lemle (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Paulo A. D. DeBlasis (Universidade de São Paulo), Philippe Taquet (Muséum National d'Histoire Naturelle - França), Rosana Moreira da Rocha (Universidade Federal do Paraná), Suzanne K. Fish (University of Arizona - EUA), W. Ronald Heyer (Smithsonian Institution - EUA)

Normalização – Leandra de Oliveira

©2017 Museu Nacional

Design da capa – Orlando Grillo

Projeto gráfico e diagramação – Lia Ribeiro

Ficha catalográfica

D144 Dalla nostra terra: as contribuições “geognósticas” italianas ao Museu Nacional / Antonio Carlos Sequeira Fernandes ... [et al]. – Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2017
Dados eletrônicos : il. color. – (Série Livros Digital ; 11)

ISBN 978-85-7427-068-5

1. Geologia – Itália. 2. Museu Nacional (Brasil) – Coleções. 3. Museus de história natural. I. Fernandes, Antonio Carlos Sequeira. II. Museu Nacional (Brasil).

CDD 554.5

Agradecimentos

Os autores sentem-se imensamente gratos às diversas contribuições recebidas por parte de instituições, pesquisadores, docentes e técnicos brasileiros e italianos que auxiliaram significativamente a realização deste trabalho, fazendo os seguintes agradecimentos: ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo apoio financeiro; à Prof^a. Dr^a. Maria José Veloso da Costa Santos (UFRJ) e à arquivista Sílvia Ninita de Moura Estevão (Arquivo Nacional), pela incansável disposição na pesquisa documental e disponibilização dos originais constantes no acervo da Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR) do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), auxílio imprescindível para que os autores pudessem identificar as contribuições italianas ao Museu Nacional ao longo do século XIX; aos professores doutores Arnaldo Campos dos Santos Coelho (Professor Emérito) e Ciro Alexandre Ávila (Curador das coleções de mineralogia e petrografia) do Museu Nacional/UFRJ, que auxiliaram com suas valiosas informações, críticas e sugestões durante o desenvolvimento deste trabalho; ao Dr. Orlando Grillo (Museu Nacional/UFRJ) pela elaboração do mapa com regiões e localidades da Itália e ao Eng^o Metalúrgico André Luiz Binello pela leitura e comentários ao texto; às alunas Cecília de Oliveira Ewbank e Marina Jardim e Silva pela colaboração no levantamento da documentação histórica que, direta ou indiretamente, auxiliou no esclarecimento dos diversos aspectos relacionados às coleções do Departamento de Geologia e Paleontologia; ao embaixador Dr. Álvaro da Costa Franco (Centro de História e Documentação Diplomática/ Palácio Itamaraty) pelas informações sobre o vice-cônsul do Brasil em Catânia e o sistema de representação diplomática existente na época do governo imperial; aos amigos da *Sezione di Giaveno* do *Club Alpino Italiano*, Dr. Livio Lussiana, Mirella Portigliatti, Rita Maritano, Alessandra Pueroni, Enrico Croce e Fabrizio Milla, assim como ao Sr. Giulio Vigna, pelo auxílio durante a estadia do primeiro autor em *Giaveno*, recebendo-o com simpatia e contribuindo com suas informações sobre a região do *Piemonte*; ao Dr. Daniele Ormezzano (*Museo Regionale di Scienze Naturali* de *Torino*) e à Dr^a. Marta Zunino, que possibilitaram a visita do primeiro autor aos afloramentos miocênicos da *Collina di Torino*, localidade de procedência de alguns dos exemplares doados por Giovanni Michelotti ao Museu Nacional, e às coleções paleontológicas do *Museo Regionale* da *Università di Torino*, bem como por suas valiosas sugestões; ao Dr. Piero Damarco (*Museo Paleontologico della Riserva Naturale di Valleandona, Valle Botto e Valle Grande dell'Ente Parchi Astigiani della Regione Piemonte*) e sua equipe pela coordenação na visita ao *Museo Paleontologico* e aos afloramentos pliocênicos da região de *Asti* de onde procederam outros exemplares enviados por Giovanni Michelotti ao Museu Nacional; ao Dr. Massimo Appolloni (*Curatore Collezione Malacologiche, Museo Civico di Zoologia di Roma*) pelas informações sobre Giovanni Rigacci, Luigi Metaxà, G. Ponzi e o possível remetente da coleção malacológica do “Museu de Roma” em 1837; aos Drs. Fausto Barbagli e Stefano Vanni (*Museo di Storia Naturale, Sezione di Zoologia La Specola, Università degli Studi di Firenze*) pela disponibilização das cartas de Felipe Lopes Netto e João Barbosa Rodrigues a Enrico Hillyer Giglioli e auxílio no acesso aos livros de tombo do museu; aos Drs. Lorenzo Rook e Stefano Dominici (*Museo di Storia Naturale, Dipartimento di Scienze della Terra e Sezione di Geologia e Paleontologia, Università degli Studi di Firenze*) pelas informações sobre os fósseis brasileiros enviados por João Barbosa Rodrigues a Enrico Hillyer Giglioli; à Dr^a. Silvia Cerri (*Centro per la cultura d'impresa di Milano*) por ter propiciado a digitalização das imagens provenientes do arquivo fotográfico do *Fondo Edison*; e ao *Centro per la cultura d'impresa di Milano* e à *Edison S.p.A.*, por ter concedido a autorização para publicação de algumas imagens históricas pertencentes ao arquivo fotográfico do *Fondo Edison* de antigas localidades mineiras italianas ativas no século passado.

Sobre os autores

Antonio Carlos Sequeira Fernandes

Licenciado e Bacharel em História Natural pela Universidade Gama Filho, Licenciado em História pela Universidade Veiga de Almeida, Mestre e Doutor em Ciências-Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi professor da Universidade Santa Úrsula, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Faculdade Celso Lisboa onde lecionou disciplinas como Geologia, Paleontologia e Neontologia. Docente aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é Pesquisador Colaborador Voluntário no Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional. Atuou como docente nos programas de pós-graduação em Geologia do Instituto de Geociências/UFRJ e de Ciências Biológicas (Zoologia) e Geologia do Quaternário (*lato sensu*) do Museu Nacional/UFRJ, sendo docente colaborador no Programa de Pós-graduação em Geociências (Patrimônio Geopaleontológico) do Museu Nacional. Ex-curador da coleção de paleoinvertebrados, desenvolve pesquisas relacionadas à Icnologia, Paleontologia de Invertebrados e história das coleções geológicas e paleontológicas do Museu Nacional adquiridas no século XIX e da Paleontologia brasileira. É membro da Sociedade Brasileira de Paleontologia, da Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia e do Club Alpino Italiano, Sezione di Giaveno, Turim, Itália e membro da Academia Teresopolitana de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa na categoria de Sócio Correspondente Brasileiro.

Vittorio Pane

Bacharel em Geologia pela *Università di Torino*, Itália, é membro do *Club Alpino Italiano*, *Sezione di Giaveno*, *Torino* e curador do *Museo Geologico Sperimentale*, atuando em projetos educacionais na área de Geociências, com ênfase em Paleontologia. Desenvolve pesquisas de caráter histórico e antropológico direcionadas ao estudo da arqueologia mineira italiana, além de atividades de campo destinadas à pesquisa, estudo, determinação e classificação dos espécimens mineralógicos dos Alpes Ocidentais. Também atua no estudo, determinação e classificação da indústria lítica do Paleolítico inferior ao Eneolítico e na identificação de técnicas museológicas para a recuperação, restauro e exposição de antigas coleções geológicas. É membro da *Società Geologica Italiana*, da *Società Paleontologica Italiana* e da *Associazione Micromineralogica Italiana*.

Renato Rodriguez Cabral Ramos

Geólogo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestre e Doutor em Ciências-Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro lotado no Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional, onde ocupa atualmente o cargo de Vice-Diretor. É curador das coleções de Rochas Sedimentares, Mineralogia e Geologia Econômica, desenvolvendo pesquisas relacionadas à Geologia Sedimentar e Patrimônio Geológico. É professor dos programas de pós-graduação em Geologia do Instituto de Geociências/UFRJ e em Geologia do Quaternário (*lato sensu*) do Museu Nacional/UFRJ. É membro da Sociedade Brasileira de Geologia, Sociedade Brasileira de Espeleologia, Associação Brasileira de Estudos do Quaternário e do *International Council of Museums*.

Andrea Siqueira D'Alessandri Forti

Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Especialista em História da Arte e Arquitetura no Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestra em

História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. De 2007 a meados de 2010 foi estagiária e bolsista PIBIC do Museu Nacional/UFRJ, onde colaborou com a pesquisa desenvolvida por seu orientador na época, Professor Antonio Carlos Sequeira Fernandes, sobre a curadoria e recuperação do histórico das coleções geopaleontológicas adquiridas pela instituição ao longo do século XIX. Atualmente, é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio, onde desenvolve uma pesquisa sobre a importância da arte como documento histórico para o estudo da ditadura militar no Brasil.

Lista das ilustrações

- Figura 1. Decreto de criação do Museu Nacional em 6 de junho de 1818 e imagem em cartão postal sem data do prédio do Museu Nacional no Campo de Santana (acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional).
- Figura 2. O Museu Nacional em fotografia de 31/07/2008. O prédio, antiga residência da família imperial brasileira, abriga o Museu Nacional desde 1892 quando a instituição foi transferida da construção que ocupava no Campo de Santana. Fotografia de Antonio Carlos S. Fernandes.
- Figura 3. Catálogo da coleção Werner datado de 1824, do acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional e dois exemplares da histórica coleção: à esquerda, amostra de hematita da *Isola d'Elba* (MN 191-M) e, à direita, amostra identificada originalmente como pirolusita do *Piemonte* e reclassificada como manganita (MN 1123-M). Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.
- Figura 4. Aviso de 29 de janeiro de 1831 do Visconde de Alcântara para o diretor do Museu Nacional receber os produtos mineralógicos e geognósticos do *Vesuvio* (documento do Museu Nacional número 141, pasta 1; acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional).
- Figura 5. Aviso de 15 de janeiro de 1834 do Ministro dos Negócios do Império que autoriza o diretor do Museu Nacional a receber do Encarregado de Negócios da Santa Sé um caixão com produtos de história natural dos Estados Pontifícios (documento do Museu Nacional número 13, pasta 2; acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional).
- Figura 6. Exemplares de hematitas da *Isola d'Elba*: (A) MN 191-M, pertencente à coleção Werner; (B) MN 257-M; (C) MN 259-M; (D) MN 1290-M; (E) MN 1297-M, apesar de atribuído à *Isola d'Elba*, podem existir dúvidas sobre sua procedência. Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.
- Figura 7. Minerais do *Piemonte*. Em cima: amostra com cristais de granada e piroxênio, MN 977-M; embaixo, cristais de granada de *Traversella*, MN 3372-M. Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.
- Figura 8. Minerais do *Piemonte*: vesuvianita. Exemplares MN 1936-M (em cima) e MN 2238-M (embaixo). Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.
- Figura 9. Minerais do *Piemonte*: galena, MN 371-M (em cima, à esquerda); epidoto, MN 2239-M (em cima, à direita) e apatita, MN 655-M (embaixo). Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.
- Figura 10. Minerais do *Vesuvio*: espinélio, MN 1238-M (em cima, à esquerda); vesuvianita, MN 4185-M (em cima, à direita) e MN 2010-M (ao centro); e meionita, MN 2699-M (embaixo). Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.
- Figura 11. Minerais da *Sicília*: enxofre, MN 4005-M (em cima) e MN 7277-M (ao centro); e celestita, MN 7276-M (embaixo). Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.
- Figura 12. Carta de Giovanni Michelotti ao diretor do Museu Nacional (acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional) e alguns dos fósseis que doou à instituição em 1836: *Strombus bonelli* (em cima, à direita, MN 483-I), *Arca ovata* (embaixo, à esquerda, MN 307-I) e *Perna maxillata* (embaixo, à direita, MN 1352-I). Os fósseis

enviados por Michelotti compunham a primeira coleção de fósseis de invertebrados estrangeiros do Museu Nacional. Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.

- Figura 13. Vista do afloramento pliocênico do *Parchi e Riserve Naturali Astigiani de Valleandona* (em cima) com detalhe dos fósseis presentes (embaixo, à esquerda). Destas rochas pliocênicas vieram alguns dos fósseis coletados por Giovanni Michelotti. Embaixo, à direita, os paleontólogos Antonio Carlos S. Fernandes, Piero Damarco e Vittorio Pane, em 26/05/2010. Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.
- Figura 14. Em cima, a lista dos exemplares recentes e fósseis enviados pelo “Museu de Roma” em 1837, hoje extraviados (acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional). Embaixo, o exemplar de *Pietra Paesina* procedente da *Toscana* na coleção de petrografia. Fotografia de Antonio Carlos S. Fernandes.
- Figura 15. Capa do relatório do cônsul brasileiro em *Catania* para D. Pedro II que tem como anexos um mapa com os derrames do *Etna* em 1886, fotografias dos derrames, sendo um com a moldura do *Club Alpino Italiano, Sezione di Catania* e uma amostra da lava (MN 4492, coleção de petrografia). Acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional e fotografia de Antonio Carlos S. Fernandes.
- Figura 16. Medalhas com o busto do imperador Napoleão III e do rei Vittorio Emanuele II cunhadas em lava do *Vesuvio* nos derrames de 1867 e 1868 (MN 2114, coleção de petrografia). Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.
- Figura 17. Vista do *Vesuvio* a partir de Pompeia (em cima) e a imagem do derrame de lava de sua última atividade em 1944 junto à encosta do monte *Somma*. Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.
- Figura 18. A misteriosa caixa rotulada como “Coleção do Vesúvio” contendo divisões com pequenas amostras de minerais procedentes do *Vesuvio* e outras ilhas vulcânicas como de *Lipari, Vulcano e dei Ciclopi*. Etiquetas originais redigidas em francês (ao meio, à esquerda) e a análise do diário do imperador Pedro II permitiram lançar hipóteses sobre sua origem. Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.
- Figura 19. Mina de *Perticara*: a torre do poço *Vittoria*, detalhe do interior das galerias da mina (fotografias cedidas pela *Fondo Edison de Milano*) e exemplar MN 7275-M de enxofre com betume da mina de *Perticara* resultado da permuta com Alberto Ponis (fotografia de Antonio Carlos S. Fernandes).
- Figura 20. Fósseis pliocênicos doados pelo *Museo Geologico Sperimentale*: em cima, *Pecten (Flabellipecten) flabelliformis* (MN 8341-I), *Dentalium (Dentalium) sexangulum* (MN 8331-I) e *Terebratulla ampulla* (MN 8337-I) procedentes respectivamente de *Monale, Valleandona e Capriglio, Asti, Torino*. Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.

Sumário

Nota do primeiro autor	13
Prefácio	15
Prefazione	17
Introdução	19
I	25
<i>Note di geologia italiana</i> Conhecendo um pouco a geologia da Itália	
II	31
<i>La prima collezione</i> A Coleção Werner e seus minerais italianos	
III	35
<i>La scomparsa dei primi invii</i> O extravio das primeiras remessas	
IV	39
<i>Un Giovane paleontologo tenta un contatto con il museo</i> Giovanni Michelotti, os fósseis do piemonte e a misteriosa coleção enviada de Roma	
V	45
<i>Quando si pretese di permutare la lava con gli smeraldi e la donazione del chirurgo</i> A oferta de Giacomo Lacaita e a doação do cirurgião Joaquim Pereira de Araújo	
VI	49
<i>Un contributo dalla Sardegna</i> Uma contribuição de Domenico Lovisato	
VII	51
<i>Geologia imperiale e la cassa dimenticata</i> A coleção de D. Leopoldina, o Museu do Imperador e uma outra “Coleção do Vesúvio”	
VIII	55
<i>Intreccio tra politica, geologia e cultura popolare</i> As lavas do Etna e o cônsul em Catânia	
IX	59
<i>La pietra paesina e le medaglie di lava vesuviana</i> Uma paisagem registrada em pedra da Toscana e os medalhões de lava, um registro histórico das atividades do Vesúvio	
X	63
<i>Olio e pesci per una ricetta geologica</i> O óleo de Salerno e o irmão do pintor	
XI	67
<i>L'importanza della diversità e l'astuzia del commerciante</i> A contribuição do Barão e a astúcia do comerciante	
XII	73
<i>Dal Piemonte per il Museo Nazionale</i> A contribuição do Museo Geologico Sperimentale	
XIII	75
<i>Dalla nostra Terra, il Brasile</i> Do Brasil para a Itália: a remessa de João Barbosa Rodrigues	
Notas	79
Referências	87
Fontes	92
Cronologia	93

Lista de anexos

- Anexo 1. Minerais de origem italiana relacionados no catálogo de 1824 da coleção Werner. Observe-se que nem todos os minerais hoje citados para a coleção Werner encontram-se relacionados no catálogo oitocentista. As amostras da Córsega estão aqui relacionadas porque a ilha pertencia à *Repubblica di Genova* até 1768 quando passou a pertencer à França.
- Anexo 2. Minerais da coleção de mineralogia do Museu Nacional procedentes de diversas localidades da Itália (exceto do *Vesuvio* e arredores) e incluídos no acervo, além dos exemplares da coleção Werner, provavelmente no século XIX.
- Anexo 3. Minerais da coleção de mineralogia do Museu Nacional cuja procedência é atribuída à região do *Somma/Vesuvio* e que possivelmente foram incorporadas ao acervo ainda no século XIX.
- Anexo 4. Relação dos fósseis da região do *Piemonte* identificados no livro de tombo da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional com correspondência na listagem dos fósseis enviados por Giovanni Michelotti em 1836.
- Anexo 5. Exemplares de rochas sedimentares e ígneas da coleção petrográfica, e amostra de óleo da coleção de geologia econômica, procedentes da Itália.
- Anexo 6. Minerais procedentes da Itália doados pelo barão Ottorino de Fiore di Coprani, com data de entrada em 05/07/1939.
- Anexo 7. Fósseis de moluscos da região de *Emilia-Romagna* coletados em 1970 nas camadas pliocênicas de *Castell'Arquato*, província de *Piacenza*, e doados em 1971 ao Museu Nacional pelo médico Luiz Roberto Tostes.
- Anexo 8. Fósseis do Piemonte doados pelo *Museo Geologico Sperimentale del Club Alpino Italiano*, *Sezione di Gavi* em 2007 e 2009.

Nota do primeiro autor

Era a manhã de um dia quente de novembro de 2006 quando fui apresentado ao geólogo Vittorio Pane. De férias no Rio de Janeiro e a convite da psicóloga Monica Nicola, nossa aluna no departamento, Vittorio apresentou em uma palestra o excelente trabalho que a *Sezione di Giaveno* do *Club Alpino Italiano* desenvolvia sobre a geologia ambiental no *Piemonte*, sua região natal. Grande admirador da região, Vittorio demonstrou possuir um amplo conhecimento de sua geologia, minerais, rochas e fósseis. Após a palestra e os cumprimentos de praxe, comentei com o Vittorio que o Museu Nacional possuía em seu acervo de paleoinvertebrados uma pequena coleção de fósseis oriundos do *Piemonte*, que aqui chegara nos anos 30 dos oitocentos remetida por um paleontólogo piemontês, Giovanni Michelotti. Entusiasmado com a notícia, Vittorio examinou os exemplares confirmando a sua origem e ressaltando a importância dos fósseis que tínhamos no acervo do Museu Nacional. A partir daí, teve início uma profícua parceria.

Com a ajuda da então estudante de história e museologia Andrea Siqueira D'Alessandri Forti, levantaram-se os dados históricos da documentação e procedeu-se à reconstituição dos eventos ocorridos até a chegada dos fósseis de Michelotti ao Museu Nacional. Os resultados da pesquisa foram apresentados no ano seguinte em dois eventos, o V Encontro de Filosofia e História da Biologia e o XX Congresso Brasileiro de Paleontologia, sendo publicados¹.

Ainda em 2007, com o apoio do Vittorio e o auxílio do colega Renato Rodriguez Cabral Ramos, tomei a iniciativa de abrir uma nova frente de trabalho. A pesquisa não mais se limitaria aos fósseis da coleção, mas, sim, também às coleções de mineralogia, petrografia e geologia econômica do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional. E assim foi feito. Análises dos documentos históricos presentes no Setor de Memória e Arquivo da instituição e comparações com os levantamentos realizados junto aos acervos das três coleções permitiram uma ideia aproximada da situação dos exemplares italianos, de suas permanências e perdas na instituição.

O resultado foi proveitoso. Dos levantamentos preliminares no acervo resultaram comunicações divulgadas no 44º Congresso Brasileiro de Geologia em Curitiba em 2008², na Conferência Internacional Coleções e Museus de Geociências em Coimbra em 2009³ e na Jornada de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) realizada em 2008⁴, bem como um artigo no boletim informativo do *Club Alpino Italiano*, *Sezione di Giaveno* publicado em 2010⁵. E, se por um lado a divulgação do acervo geognóstico⁶ italiano do Museu Nacional era importante nos eventos científicos, também era a sua divulgação na Itália, com a intenção de relatar pessoalmente o trabalho que se estava desenvolvendo no Museu Nacional. Assim, a convite do presidente da *Sezione di Giaveno* do *Club Alpino Italiano*, Dr. Livio Lussiana, proferi três conferências, sendo duas na cidade de Giaveno, na sede do *Club Alpino Italiano* e no *Istituto di Istruzione Superiore “Blaise Pascal”*, e outra em *Torino*, no *Museo Regionale di Scienze Naturali di Torino*, ocasião que me possibilitou conhecer a coleção paleontológica da universidade e do *Museo Regionale*. Na oportunidade, com o apoio do Dr. Daniele Ormezzano e da Dr^a. Marta Zunino, pude visitar as localidades fossilíferas na colina de *Torino* de onde vieram os fósseis enviados por Giovanni Michelotti ao Museu Nacional na década de 1830, bem como na região de *Asti*, com o apoio do Dr. Piero Damarco e sua equipe do *Museo Paleontologico della Riserva Naturale di Valleandona, Valle Botto e Valle Grande dell’Ente Parchi Astigiani della Regione Piemonte*. Como atividade complementar, acompanhado do colega Vittorio, eu visitei também os museus de Zoologia, de Paleontologia e de Antropologia de *Firenze* e o *Museo Nazionale Preistorico Etnografico “Luigi Pigorini”*, em *Roma*⁷.

A pesquisa sobre as origens dos exemplares geológicos e paleontológicos italianos nos arquivos históricos do Museu Nacional resultou na descoberta de outras contribuições oriundas da Itália, motivo das visitas aos museus em *Firenze* e *Roma*. Elas envolveram as remessas de exemplares zoológicos ao Museu Nacional por Enrico Giglioli, então diretor do *Museo di Zoologia 'La Specola'* em *Firenze* nas últimas décadas dos oitocentos⁸, e as remessas de material zoológico e antropológico brasileiro a Giglioli pelo botânico João Barbosa Rodrigues e pelo diplomata Felipe Lopes Netto, ambos amigos do diretor italiano. Foi nessa ocasião que Vittorio e eu tivemos acesso às cartas enviadas por Barbosa Rodrigues e Lopes Netto a Giglioli, disponibilizadas para nosso estudo pelo Dr. Fausto Barbagli do museu *La Specola*, e às informações dos seus livros de tombo para identificação da permanência dos exemplares remetidos do Brasil pelos dois ilustres brasileiros. Com o apoio do Dr. Stefano Vanni, também do *La Specola*, foi possível examinarmos o exemplar do peixe dipnoico “*Lepidosiren giglioliana*” remetido por Barbosa Rodrigues ao amigo italiano, hoje exposto no *La Specola*. Eventos como o Encontro de Filosofia e História da Biologia em 2009⁹, o *Scientiarum Historia III/ Congresso de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia* em 2010¹⁰, o Encontro de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul em 2010¹¹, o Encontro de História e Filosofia da Biologia de 2011¹², as jornadas de Iniciação Científica da UFRJ^{13,14} e artigos completos^{15,16,17} publicados foram os veículos para a divulgação dessa outra etapa das pesquisas relacionadas às relações entre a Itália e o Brasil.

Faltava, entretanto, uma obra que sintetizasse, junto com breves inserções que abordassem a evolução da história do Museu Nacional, os acontecimentos relacionados às remessas, por doações ou solicitações de permutas, efetivadas ou não, que levaram à situação atual do acervo de exemplares italianos presentes nas coleções do Departamento de Geologia e Paleontologia. Preencher essa lacuna, ainda que possa parecer incompleta, foi o grande objetivo dos autores deste trabalho.

Cabe ressaltar que os autores preferiram não fazer uso de um vocabulário extremamente técnico, tampouco uma redação formal nos moldes acadêmicos, visando atingir os pesquisadores de diferentes áreas e também o público em geral. Para evitar equívocos de tradução, os autores também optaram pela manutenção das designações originais em italiano dos acidentes geográficos, localidades, cidades, divisões políticas e instituições italianas.

Antonio Carlos Sequeira Fernandes
Rio de Janeiro, setembro de 2017

Prefácio

Ulisses Caramaschi

O acervo de uma instituição, principalmente de uma instituição voltada para a pesquisa científica, possui história. Sua formação e constituição estão intimamente ligadas aos eventos, pessoas e lugares que, em um encadeamento constante, levaram à reunião daquele acervo. Idealmente, cada peça ou exemplar depositado em uma coleção científica possui localidade, data e coletor. A primeira está ligada à sua origem, ou seja, o local de sua coleta ou obtenção, que possibilita estudar a distribuição geográfica das amostras e carrega intrinsecamente a informação que naquela determinada localidade existe, ou pelo menos existia, aquele material. A data refere-se, o mais exatamente possível, ao dia ou período em que foi obtida aquela determinada amostra. Isso informa que, pelo menos até aquela data, aquele material existia naquela determinada localidade, que hoje pode estar completamente destruída por algum evento natural ou mesmo pela nefasta ação antrópica. Muitas vezes, a data de obtenção do material não é exatamente de sua coleta, mas sim aquela em que foi incorporado à coleção científica para onde foi enviado. Finalmente, o coletor ou coletores refere-se a quem obteve o exemplar ou a amostra. Excetuando-se o óbvio crédito ao coletor, essa informação também serve para dar credibilidade ao material e permite traçar as pessoas e os contactos que participaram da reunião daquele acervo. Muitas vezes, o levantamento dessas informações, cruciais para darem real significado científico ao material, é muito trabalhoso e exige verdadeiro tino de investigador para quem o realiza. Mais ainda quando o acervo a ser pesquisado pertence às coleções de uma instituição quase duocentenária, como o Museu Nacional, atualmente incorporado à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

As origens das coleções do atual Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional confundem-se com a própria origem da instituição. De fato, as primeiras coleções incorporadas ao recém-criado Museu Real, nos idos de 6 de junho de 1818, foram as coleções geológicas e mineralógicas. Obviamente, muitas das amostras incorporadas às coleções nesses primeiros tempos referiam-se a material europeu, pela própria ascendência e importância da Europa sobre aquela distante terra apenas recentemente elevada a Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, passando então a possuir real existência política. Assim sendo, nesta obra que agora temos em mãos, brilhantemente produzida por Antonio Carlos Sequeira Fernandes, do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional, Vittorio Pane, do *Museo Geologico Sperimentale* em *Giaveno, Torino* (Itália), Renato Rodriguez Cabral Ramos, também do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional, e Andrea Siqueira D'Alessandri Forti, que também trabalhou no mesmo Departamento, temos o estudo minucioso sobre o destacado acervo de material geológico e paleontológico proveniente da Itália e atualmente depositado no Museu Nacional.

O corpo da obra está distribuído em uma introdução e treze capítulos, nos quais se reflete o árduo trabalho dos autores em traçar a origem de todas as amostras de origem italiana depositadas na coleção. Digo árduo trabalho porque, para elucidar a localidade, data de coleta (ou de entrada na coleção) e coletor (ou doador) de cada amostra, foi envolvida uma pesquisa histórica pelos documentos da época ainda restantes, cartas, biografias, diários de viagem, antigos livros de registro e de tombo, além do próprio minucioso exame das amostras envolvidas. Trabalho de detetives! Porém, ao oposto do que se possa pensar, o resultado não foi uma árida relação comentada de amostras. Pelo contrário, o texto é de muito agradável leitura, fluente e de elogiável correção linguística e histórica. As muitas citações em língua italiana, inclusive no cabeçalho de cada capítulo, servem para adornar ainda mais o texto, mas não são imprescindíveis para seu entendimento caso o leitor não domine essa língua. Destacam-se, ainda, as reconstituições de época, em parte fictícias, em parte verdadeiras, apresentadas brevemente no início de cada capítulo. São deliciosas ilações

sobre os personagens e as origens dos materiais das coleções e as situações envolvidas em sua obtenção nas épocas remotas dos séculos XIX e XX. Reais ou não, tais reconstituições levam o leitor a experimentar os sentimentos dos cientistas, nobres e pessoas comuns ao se depararem com amostras de rara beleza, raridade ou valor, ou a perceberem apenas as situações e eventos ocorridos à época e que redundaram na reunião desse importante acervo. Por fim, tudo se fecha em uma lista de referências bibliográficas abrangente, bem cuidada e que realmente embasam as informações apresentadas, e oito anexos que relacionam todas as amostras de rochas, minerais e fósseis envolvidas na obra.

As figuras são um caso à parte. Produzidas a partir de antigos documentos e figuras ou a partir de fotografias recentes, as 20 figuras, que na verdade são verdadeiras pranchas envolvendo diversos itens individuais, ilustram brilhantemente o conteúdo. Desde o decreto de criação do Museu Real, atualmente Museu Nacional, passando por representações dos prédios ocupados por essa instituição e pelos documentos de assentamento das amostras envolvidas, chega-se às figuras das amostras. Estas retratam as mais significativas peças de rochas, minerais e fósseis referidos, além de registros de depósitos fossilíferos, paisagens, minas e várias outras curiosidades.

Finalmente, emoldurando e complementando o brilhante texto, encontram-se as partes de praxe em uma publicação desse tipo: o sumário e uma listagem dos anexos detalhados, o índice das figuras, uma nota explicativa do primeiro autor, os agradecimentos e uma cronologia dos eventos importantes ligados aos temas abordados. Ao final, aparece um pequeno resumo sobre a carreira dos autores e as notas referentes a cada capítulo.

As coleções geológicas e paleontológicas italianas do Museu Nacional merecidamente possuem agora uma obra à altura de sua representatividade e importância científica e histórica. Graças à inegável competência dos autores, esta obra possui um grau de complexidade muito bem balanceado, tal que pode ser perfeitamente compreendida por pesquisadores e por leigos interessados nos temas abordados. Em resumo, um livro bem elaborado, informativo, bonito e útil.

Ulisses Caramaschi
Departamento de Vertebrados
Museu Nacional/UFRJ

Prefazione

Lorenzo Mariano Gallo

Fin dai tempi più remoti della proto-storia, raccogliere e custodire oggetti naturalistici, soprattutto di tipo geologico-minerario, è stata una delle aspirazioni umane: erano di volta in volta amuleti, strumenti magici, farmaci e medicamenti, oggetti ornamentali oppure soltanto inusuali stranezze.

Le prime raccolte ordinate di *fossilia* (all'epoca indistintamente minerali, rocce e fossili) che perseguono un intento scientifico risalgono al Medio Evo, con le collezioni di personaggi quali Johan Kentman, Anselmo Van Boodt, Ferrante Imperato, Ulisse Aldovrandi ecc.: sono le prime realizzazioni del movimento delle *wunderkammer*, fenomeno che caratterizzerà la museologia embrionale d'Europa per i quasi tre secoli che vanno dal Cinquecento all'intero Settecento.

E queste raccolte diventeranno ben presto il deposito documentario su cui si effettuano i primi studi dedicati alle varie tematiche delle scienze naturali. Le ricerche scientifiche subiscono un impulso innovativo dai grandi viaggi di esplorazione intrapresi intorno al globo a partire dalla fine del XV secolo fino alla prima metà del XX, che ampliano la visione del mondo, soprattutto negli aspetti più eclatanti della Natura. I materiali raccolti vengono ordinati, organizzati, catalogati e studiati. Nascono un po' ovunque in tutto il mondo collezioni pubbliche e private, che in breve diventeranno veri e propri musei, destinati alla conservazione dei reperti su cui si basano le conoscenze via acquisite dalla Scienza.

La rivoluzione darwiniana finalmente fornisce una interpretazione globale degli organismi sia in senso evolutivo, nel tempo, che in senso geografico, anche se per arrivare ad una completa comprensione delle distribuzioni di fossili sarà necessario attendere l'evolversi delle teorie collegate alla deriva dei continenti. Si arriva a comprendere appieno il concetto di biodiversità, anche in senso paleontologico, e ad esprimere in una più ampia visione quello di geodiversità. Ma queste osservazioni non avrebbero potuto aver luogo senza l'esame delle collezioni presenti nei vari musei mondiali, dove sono conservate le tracce materiali su cui sono stati costruite le ricerche e le scoperte che hanno costituito e costituiscono i vari tasselli dell'evoluzione della Scienza. È la necessità, per vari studiosi, di avere a disposizione non solo la documentazione cartacea, ma anche gli oggetti specifici su cui questa si appoggia. Per questo fin dal XVIII secolo si sviluppa l'uso di allestire all'interno di varie istituzioni museali delle vere e proprie raccolte di scambio da utilizzare sia per far accrescere le proprie collezioni sia per fornire ad ogni centro di studio un'illustrazione di porzioni più o meno estese di territorio. La quantità e l'interesse scientifico delle raccolte presenti diventa uno dei parametri di primaria importanza per misurare la valenza di ogni istituzione. Anche se molti musei fanno a gara tra loro per accaparrarsi reperti unici o spettacolari da esporre al pubblico, nel solco tracciato dal retaggio delle *camere delle meraviglie*, in parallelo l'obiettivo di direttori e curatori di Museo diventa l'acquisizione di materiali, anche privi di valenza estetica, destinati non all'ostensione, ma alla costituzione di collezioni di studio e di confronto, giunte a costituire, spesso, la parte più rilevante dell'intera istituzione museale. Si può valutare, facendo riferimento alla maggior parte dei più importanti musei naturalistici del mondo, che attualmente i reperti in esposizione non superino, numericamente, neppure il 2-3% dell'intero patrimonio scientifico di ciascuna specifica istituzione.

Le raccolte di studio e ricerca permettono quindi agli studiosi di un territorio di avere campioni di confronto provenienti da altre aree del mondo, e quindi di inquadrare i propri materiali in esame all'interno di un unico mosaico che costituisce la base della geodiversità. Ma insieme a queste valenze scientifiche e geografiche si è introdotta, nel corso del tempo, un'ulteriore componente di notevole interesse: la storia. Le raccolte testimoniano le tipologie e le modalità con cui ricercatori del passato, talvolta diventati celebri per le loro opere, hanno sviluppato i loro studi ed elaborato teorie spesso innovative. Non si può scindere l'intera produzione

scientifica di Charles Darwin dalla copiosa quantità di reperti da lui raccolti durante il viaggio del Beagle, né si può separare Carl Linnaeus e il suo *Systema Naturae* dalla grande quantità di reperti raccolti in tutto mondo ed inviati all'Università di Uppsala per essere esaminati e descritti. I documenti cartacei, i manoscritti originali, i volumi a stampa dell'epoca, seppure affascinanti, non possono competere al confronto con i singoli oggetti esaminati dagli studiosi del passato. Poter riesaminare, magari alla luce di moderne tecniche, un cristallo descritto da René Just Haüy o un frammento d'osso già esaminato da Georges Leopold Cuvier o ancora un campione di basalto raccolto da Charles Lyell, al di là della profonda emozione suscitata, permette all'odierno ricercatore un confronto del dato scientifico con quanto si rileva dalle loro opere.

La duplicazione e diffusione di molte raccolte di studio nei vari musei ha fornito, infine, anche un'ulteriore tutela per la conservazione della biodiversità e della geodiversità, salvaguardando materiali che hanno potuto essere conservati nonostante eventi catastrofici naturali (eruzioni vulcaniche, incendi, terremoti) o antropologici (guerre, sabotaggi, incuria). Diventa così importante scoprire che almeno una parte dei materiali di studio di Carlo Antonio Napione (chimico e mineralogista torinese, autore del primo trattato di mineralogia in lingua italiana), verosimilmente dispersi per l'incuria, oltre che per i bombardamenti che nell'agosto del 1944 distrussero una parte del Museo di Geologia di Torino, siano ancora conservati ed esaminabili al Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Altrettanto interessante risulta sapere che nello stesso museo sono presenti anche parte degli esemplari delle raccolte geo-paleontologiche di Giovanni Michelotti, geologo e naturalista torinese del XIX secolo, famoso per le sue ricerche sui molluschi e sui coralli.

La valenza del materiale scientifico derivato da scambi tra le varie istituzioni o da lasciti di singoli ricercatori, di solito documentato da lettere e cataloghi, è stata sovente ridotta, nel tempo, a causa dell'incuria o dell'imperizia. A volte un solo trasloco male organizzato, che sposta e disperde cassette o campioni, oppure un intervento di pulizia effettuato in modo inadeguato, possono creare danni enormi. Spesso non vengono perduti i materiali, ma il sapere ad essi collegato. In questo caso risulta fondamentale la figura del curatore di museo, il cui lavoro, oltre alla vera e propria conservazione fisica del bene museale, deve anche vertere sulla tutela della documentazione relativa all'oggetto o alla raccolta, che è alla base della memoria culturale della collezione.

Quando i danni del tempo incidono più o meno drasticamente sulle raccolte storiche, il lavoro dei curatori diventa investigativo. L'analisi riunisce vari particolari: un cartellino di accompagnamento, una nota a lato di un testo, una citazione su un catalogo, un numero manoscritto su un'etichetta e così via: dettagli che vengono legati insieme in una concatenazione di fatti, con ragionamenti logici degni di Sherlock Holmes o di Hercule Poirot. Da questi puzzles rinasce la storia della collezione, e di conseguenza quella delle persone che su queste hanno operato: la storia della conoscenza torna a rivivere.

Questo volume deriva dalla faticosa raccolta di molti particolari che hanno permesso agli autori di quest'opera di ricostruire l'intera sequenza dei rapporti culturali e di scambio intrapresi tra alcuni studiosi ed istituzioni museali naturalistiche italiane e il Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro: un lavoro complesso, certoso, fatto di analisi dei dettagli, a volte ben definiti, in altri casi persi all'interno di un labirinto, talvolta con dubbi e ripensamenti, fino a trovare l'intuizione giusta per ricostruire, infine, un altro tassello, un altro pezzo di storia della Scienza.

Lorenzo Mariano Gallo
Sezione di Mineralogia, Petrografia e Geologia
Museo Regionale di Scienze Naturali di Torino

Introdução

Quando tudo começou

Na tarde de sábado do dia 6 de junho de 1818, algumas horas antes do já tradicional beija-mão no Palácio de São Cristóvão, Dom João VI sentou-se junto à mesa onde se encontravam os documentos a assinar. Entre eles estava o principal documento do dia, o decreto de criação do Museu Real, redigido pelo seu valido e conselheiro, o ministro Thomaz Antônio de Vilanova Portugal¹⁸, “homem de confiança” do Rei¹⁹. Com o intuito de “propagar os conhecimentos e estudos das ciências naturais do Reino do Brasil”²⁰, Dom João VI fundava o museu que viria a se instalar em prédio junto ao Campo de Sant’Anna. Assim começou o Museu Nacional ao final da segunda década dos oitocentos, com um acervo inicial composto por uma valiosa coleção de minerais classificados pelo notável mineralogista alemão Werner²¹ e objetos variados cedidos pelo rei à nova instituição; no ano seguinte, em 1819, o Museu contava com um diretor, frei José da Costa Azevedo, um porteiro, João de Deus e Mattos, um ajudante para as preparações zoológicas, Manoel dos Santos Freire, um escriturário, Tenente José Joaquim de Sant’Anna e um tesoureiro, Thomaz Pereira de Castro Vianna. O Museu assim começava tímido, simples, humilde, carente de um acervo maior, mas com a esperança de se tornar nos anos vindouros a principal casa de história natural do país, reproduzindo no Rio de Janeiro, a capital do Reino, o padrão e conhecimento dos museus europeus. Com o incentivo e dedicação dos diretores e componentes de seu corpo técnico o Museu cresceu ao longo dos anos, adentrando nos dois séculos seguintes como uma das maiores instituições de pesquisa e ensino do país. Diversas contribuições de naturalistas e pesquisadores nacionais e estrangeiros contribuíram para o sucesso desse crescimento incluindo, neste aspecto, os diversos exemplares oriundos do solo italiano. Dom João VI até poderia imaginar que a nova casa de história natural atingiria no futuro seus objetivos, mas nunca poderia pensar que, 74 anos após sua fundação, o Museu estaria ocupando o mesmo prédio onde naquele sábado, em 6 de junho, tudo começou.

A chegada da Corte em 1808 trouxe inúmeros benefícios para a antiga colônia portuguesa, limitada pelas diversas restrições que lhe eram impostas pela metrópole, Lisboa. Com a transferência do Reino o quadro de atraso administrativo foi pouco a pouco se modificando com as várias medidas tomadas por Dom João (1767-1826), então príncipe regente²². Entre as primeiras medidas, ainda quando de sua passagem por Salvador, esteve a abertura dos portos às nações amigas, a criação da escola de medicina e a permissão da instalação de manufaturas e indústrias de vidro, pólvora e moagem de trigo. Já no Rio de Janeiro, deu-se início à estruturação do aparelho administrativo com a criação de vários órgãos que permitissem o pleno funcionamento do reino e, entre eles, a Imprensa Régia, criada em maio do mesmo ano para a publicação da grande quantidade de documentos oficiais que agora se acumulavam, bem como “todas e quaisquer obras, sobretudo daquelas que ajudassem a divulgar a imagem da própria monarquia”²³. Com a Imprensa Régia, foram produzidas obras dos interesses mais diversos, como “romances, estudos históricos, poesia, teatro, crítica literária, trigonometria, astronomia, medicina, religião, saúde pública”²⁴, além

daquelas relacionadas a nossa geografia e às ciências naturais. Graças à Impressão Régia foi publicada, em 1817, a primeira obra brasileira com menção à ocorrência de fósseis no território nacional, a “Corografia Brasílica” do padre Manuel Aires de Casal e, em 1819, a que procurava estimular por parte dos brasileiros as viagens semelhantes às expedições científicas realizadas pelos grandes exploradores naturalistas estrangeiros, a “Instrução para os viajantes e empregados nas colônias sobre a maneira de colher, conservar e remeter os objetos de história natural”, obra de autoria discutível.

Na primeira década da presença da Corte, o Reino do Brasil carecia de uma verdadeira instituição de ciências naturais. A Casa de História Natural fundada pelo vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa em 1784, também conhecida como Casa dos Pássaros, assim chamada pelo grande número de aves taxidermizadas que possuía, destinava-se, desde seu início, à preparação de animais para posterior remessa aos museus da metrópole. Em 1813, Dom João extinguiu a referida instituição, ficando o Rio de Janeiro por cerca de cinco anos sem uma casa destinada à história natural. O vácuo “científico” assim criado somente foi corrigido em 6 de junho de 1818 com a fundação do Museu Real por Dom João VI, agora já aclamado rei. Ulteriormente, com a Independência em 1822, a nova casa de ciências naturais passou a denominar-se Museu Nacional e Imperial e, com a Proclamação da República, em 1889, somente Museu Nacional²⁵.

No início do funcionamento da nova casa a carência de “objetos” naturais era extremamente acentuada e a aquisição e organização de suas coleções tornou-se a principal preocupação de seus três primeiros diretores, frei José da Costa Azevedo (1763-1822), João da Silveira Caldeira (1800-1854) e frei Custódio Alves da Pureza Serrão (1828-1847), respectivamente nos períodos de 1818 a 1822, 1823 a 1827 e 1828 a 1847²⁶. A passagem das primeiras missões de naturalistas estrangeiros e sua atuação no território brasileiro em nada, ou bem pouco, auxiliaram no enriquecimento do acervo da instituição, já que o produto de suas explorações era remetido, na sua quase totalidade, aos museus europeus. Este foi, por exemplo, o caso da expedição dos naturalistas bávaros Johann Baptiste von Spix (1781-1826) e Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), que chegaram ao Brasil por ocasião do casamento da arquiduquesa austríaca Maria Leopoldina Josefa Carolina de Habsburgo com o príncipe Dom Pedro (1798-1834)²⁷, em 1817, e que, ao retornarem à pátria apresentaram a Maximiliano I (1756-1825)²⁸, duque da Baviera, o produto de suas coletas: “uma parelha de índios, 85 espécies de mamíferos, 350 de aves, 130 de anfíbios, 116 de peixes, 2.700 insetos, oitenta aracnídeos e crustáceos e 6.500 plantas”²⁹. O Museu Real, recém-criado, não parece ter sido aquinhado com exemplares obtidos pelas atividades dos dois naturalistas bávaros, desconhecendo-se registros documentados de suas doações à instituição.

A atuação dos naturalistas viajantes não passou despercebida pelo governo e, em alguns casos, Dom João chegou a subvencionar as explorações dos estrangeiros considerados competentes. Através de “Decreto de 1º de julho de 1815”, por exemplo, mandou pensionar dois naturalistas e botânicos alemães, Georg Wilhelm Freireyss (1789-1825) e Frederich Sellow (1789-1831) que, como contrapartida, tinham a:

[...] obrigação de apresentarem nesta corte no fim de cada uma das suas viagens, não somente a memória descritiva delas, mas os exemplares de todos os objetos que tiverem analisado e coligido, os quais serão recebidos no real gabinete, que para este fim me proponho mandar estabelecer.³⁰

Ao pensionar e determinar a obrigatoriedade dos naturalistas, Dom João anunciou, assim, a futura fundação do Museu Real³¹, para o qual ao menos o botânico Frederich Sellow, cumprindo suas obrigações, contribuiu com a remessa de produtos naturais: no período de 1823 a 1831 enviou coleções de peles de grande número de animais, minerais, rochas e, inclusive, fósseis da província Cisplatina³².

As atividades dos naturalistas estrangeiros, em geral, não eram fortuitas e nem sempre resultavam de seus interesses individuais. Com objetivos e metas pré-determinados, “os viajantes guiavam-se por políticas estatais e científicas, além de receberem financiamento e instruções de viagens”³³. Como continuidade dessa política, e tendo como modelo as “Breves Instruções” elaboradas para os naturalistas e correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa³⁴, em 1819 o governo publicou, através da Impressão Régia, a “Instrução para os viajantes e empregados nas colônias sobre a maneira de colher, conservar e remetter os objectos de história natural. Museu de História Natural de Paris, 1818”, a qual se tornou a expressão do ideal de funcionamento do Museu Nacional nas três primeiras décadas de seu funcionamento³⁵. A obra constava de duas partes, sendo a primeira composta pelo texto intitulado “Reflexões sôbre a História Natural do Brazil, e sôbre o Estabelecimento do Museu e Jardim Botânico em a Cidade do Rio de Janeiro” e, a segunda, a “Instrução” propriamente dita, traduzida de uma memória francesa, seguida de “Notas à traducção antecedente”, as quais haviam sido extraídas das “Breves Instruções dadas pela Acadêmia das Sciencias de Lisboa aos seus Correspondentes”³⁶. Era na parte referente às “Reflexões” que se encontravam as diretrizes utilizadas pelos três primeiros diretores citados visando o aumento do acervo e a melhoria do funcionamento do Museu Nacional. Entre os trechos de maior importância destacavam-se os relacionados à formação de museus regionais pelos governadores das províncias, a duplicação das coleções para a remessa ao museu do Rio de Janeiro, a organização de catálogos do acervo, o intercâmbio com instituições estrangeiras, a listagem dos objetos remetidos à instituição, além da sugestão de empregar naturalistas no país para melhor estudo de sua riqueza natural. Incluía-se, também, a remessa de produtos pelos naturalistas nacionais e estrangeiros ao museu. Na parte referente às “Instruções”, além das diversas orientações sobre a coleta e remessa dos inúmeros produtos de história natural, encontravam-se as referentes aos minerais, rochas e fósseis:

As amostras de todo o gênero de fósseis que puderem ajuntar-se, são dignas da curiosidade do filósofo, e consequentemente merecem ser conservadas em um museu. Por isso recomenda-se aos correspondentes, que de todos os diferentes metais, ainda dos vulgares, de todo o gênero de petrificações, cristalizações, betumes, fósseis, lavas, piritas, etc. remetam os exemplares, que lhes for possível ajuntar. Todos estes exemplares, de qualquer dos três gêneros, de terras, pedras, e fósseis, devem remeter-se em caixões separados, podendo ser, para evitar confusão, embrulhados à parte com números diferentes que correspondam aos números da relação, de que adiante falaremos./Acomodar-se-ão nas caixas, ou bocetas de modo que o movimento do transporte lhes não cause algum dano; e se observarão as mais cautelas necessárias, para que a umidade os não prejudique.³⁷

Evocando então a “Instrução”, os diretores do Museu Nacional recorreram ao governo pedindo sua intervenção junto aos naturalistas e presidentes de províncias para remessa de exemplares à instituição. Com relação aos minerais, rochas e fósseis, os primeiros resultados se fizeram sentir com os exemplares coletados por Frederich Sellow e enviados ao Museu Nacional, em parte ainda presentes no acervo.

As medidas aplicadas aos naturalistas e governadores das províncias, entretanto, não eram suficientes. A necessidade de aumento do acervo da nova instituição de História Natural era premente, com solicitações de providências ao governo Imperial e, nesse sentido, os primeiros diretores do Museu Nacional puseram mãos à obra, insistindo com os governantes. A notícia da existência da nova instituição no Rio de Janeiro chegou ao exterior, principalmente à Europa, resultando nas primeiras remessas de exemplares naturais ao Rio de Janeiro. As contribuições ocorreram com os intercâmbios internacionais que se consagrariam no decorrer do século XIX, permitindo à nova instituição de ciência “dispor de coleções de caráter universal” importantes no “ideal de funcionamento e organização

do Museu Metropolitano, agora no Rio de Janeiro” segundo moldes europeus, como se pretendia para o Museu Nacional³⁸. E assim, entre outras contribuições, pouco mais de 12 anos após a fundação do Museu, chegavam as primeiras contribuições italianas.

As remessas vindas da Itália não seguiram um padrão temporal de envio, e nem mesmo tiveram os mesmos motivos. Entretanto, face ao grande interesse de naturalistas e instituições europeias em obter exemplares do Novo Mundo, a permuta pode ser considerada como o motivo principal. A deficiência na conservação da documentação original oriunda da Itália, na maioria dos casos, dificulta a compreensão e o motivo da maioria das remessas.

Os exemplares mais antigos nas coleções geológicas do Museu Nacional não foram propriamente remetidos direto da Itália, correspondendo a amostras de minerais existentes na coleção Werner, primeira coleção de materiais naturais a compor o acervo inicial da instituição, ainda em 1818. As primeiras remessas de materiais geognósticos vindas da Itália começaram 13 anos depois, compostas principalmente por minerais e exemplares vulcânicos que chegaram ao Museu Nacional em 1831 (procedentes de *Genova*), 1834 e 1837 (do “Museu de Roma”, no Vaticano). Também fósseis, mas do *Piemonte*, foram enviados pelo advogado e paleontólogo Giovanni Michelotti (1814-1898), numa tentativa frustrada de permuta por exemplares zoológicos brasileiros. Em 1843 seguiu-se outra proposta de permuta por um senhor Lacaita (?-?), possivelmente de *Napoli*, mas que pela indicação da documentação existente, não se concretizou. No mesmo ano, minerais e lavas do *Vesuvio* eram doados ao Museu Nacional por um médico cirurgião da Armada brasileira, Joaquim Pereira de Araújo (?-?). As doações e incorporações de exemplares de história natural às coleções do Museu Nacional, de um modo geral, também se tornaram comuns a partir de então, com continuação no século seguinte. Ao final do século XIX, o Museu foi agraciado com a incorporação dos diversos materiais pertencentes ao Museu do Imperador, uma coleção particular de Dom Pedro II (1825-1891)³⁹ que passou à instituição em 1892. Entre os exemplares existentes estariam os remanescentes da coleção mineralógica herdada de sua mãe, a imperatriz Leopoldina (1797-1826)⁴⁰, amostras do *Vesuvio* e de outras localidades vulcânicas italianas, além de amostras de lavas do *Etna*, enviadas de *Catania* ao imperador pelo cônsul brasileiro na cidade. Embora não esteja no contexto deste livro, não se pode deixar de citar a famosa coleção arqueológica greco-romana com exemplares de *Ercolano* e *Pompeia*, composta hoje por mais de 700 peças⁴¹, pertencente à imperatriz Teresa Cristina (1822-1889)⁴², princesa do *Regno delle Due Sicilie* e esposa do imperador Pedro II. Napolitana, a imperatriz visitou sua cidade natal por duas ocasiões com Dom Pedro, sendo destas viagens a proveniência de parte dos materiais geognósticos do Museu do Imperador.

Ao longo do século XX novas doações foram incluídas nas coleções geológicas do Museu Nacional. Em 1919, Afonso d'Angelo Visconti (?-?), irmão do famoso pintor Eliseu d'Angelo Visconti (1866-1944), doou exemplares de peixes fósseis e frascos com óleo procedentes da região de *Giffoni Valle Piana*, nas proximidades de *Salerno*. Em 1939, o barão Ottorino di Fiore di Coprani (?-?), docente italiano da Universidade de São Paulo, doou ao Museu Nacional minerais procedentes principalmente da *Sicilia* e do *Vesuvio* e, em 1941, moluscos recentes. Em 1971, o médico Luiz Roberto Tostes (?-), aficionado colecionador de conchas, doou uma coleção de moluscos fósseis pliocênicos provenientes de *Castell'Arquato*, da região da *Emilia-Romagna* e, em 1974, em uma permuta com o comerciante Alberto Ponis (?-), de *Lucca*, três novos exemplares da *Sicilia* e de *Perticara* foram incorporados à coleção mineralógica do Museu, mas com desvantagem em relação ao valor histórico e comercial dos exemplares que lhe foram cedidos em permuta como detalhado no capítulo XI. Finalmente, no despontar do século XXI, em 2007, fósseis piemonteses com procedências semelhantes aos enviados em 1836 por Giovanni Michelotti foram doados pelo *Museo*

Geologico Sperimentale da Sezione di Gaieno do Club Alpino Italiano.

Os autores procuraram, com base nos documentos presentes na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional e no conteúdo geopaleontológico de seu acervo, recompor os acontecimentos que ocorreram durante as contribuições acima citadas, com interpretações sobre suas perdas e permanências. Ao início de cada capítulo permitiu-se a liberdade de compor breves reconstituições, em parte fictícias, em parte verdadeiras, relacionadas a cada tema analisado.

I

Note di geologia italiana

Conhecendo um pouco da geologia da Itália

Giovanni Michelotti caminhava ladeira acima pela estreita estrada de terra que o levava à parte superior da colina que se elevava a partir das margens do rio Pó e em cujo topo encontrava-se a esbelta Basílica de Superga, local do descanso eterno dos reis da Casa de Savoia. Michelotti não estava ali por acaso. Do alto da colina poderia vislumbrar uma bela vista de Torino, sua cidade natal, que não se cansava de apreciar. Mas não era apenas este o motivo de sua visita à colina. Alguns quilômetros adiante encontraria as exposições de rochas onde poderia encontrar os exemplares que vinha se dedicando a estudar, os fósseis de moluscos marinhos de idade miocênica, como o gastrópode *Strombus bonelli*, assim denominado uma dezena de anos antes, em 1823, pelo ilustre paleontólogo francês Adolphe-Théodore Brongniart⁴³. Michelotti não se contentou em coletar somente os fósseis dessa localidade. A sudeste de Torino encontravam-se os depósitos pliocênicos existentes nas proximidades de Asti onde, além de belos exemplares do molusco bivalvío *Arca ovata*, encontraria outros exemplares excelentemente bem preservados. Foram exemplares como esses que, em 1836, Michelotti enviou ao Museu Nacional e, graças a ele, compuseram a primeira coleção de fósseis de invertebrados da instituição que havia sido criada há pouco menos de duas décadas na distante cidade do Rio de Janeiro. Michelotti certamente tinha consciência das diferenças de idade entre as faunas das duas localidades e que elas seriam testemunhas das ingressões marinhas que haviam ocorrido na região montanhosa que tanto amava e cuja natureza não conseguia deixar de apreciar. Mas o que certamente não podia saber era a complexidade dos movimentos da crosta terrestre que teriam transformado os depósitos marinhos em excelentes exposições paleontológicas no alto daquelas colinas. Se no Brasil dizemos que o mar virou sertão, no Piemonte o mar virou montanha. A compreensão dos eventos geológicos ocorridos na região, como em outras partes do mundo, somente veio à luz mais de um século depois com os estudos que levaram ao conhecimento da mecânica da “tectônica de placas”. Ficava claro, então, como o Piemonte, que antes era mar, acabou virando montanha.

Os exemplares “geognósticos” que chegaram ao Museu Nacional a partir da terceira década do século XIX são procedentes das principais províncias geológicas da Itália, distribuindo-se desde a bela região nordeste piemontesa até o sul do país, na charmosa ilha da Sicília. Compostos por fósseis, minerais e rochas (em sua maioria de origem vulcânica) os exemplares vieram principalmente de oito regiões italianas: (1) do Piemonte, região situada no noroeste do país, com forte influência da evolução geológica alpina; (2) da *Isola d’Elba*, situada no arquipélago toscano localizado próximo ao litoral da região da Toscana, na Itália central, e posicionado entre o mar da Liguria e o Mare Tirreno; (3) das colinas em torno da cidade de Firenze, também na Toscana, com a *Pietra Paesina*; (4) de *Perticara*, na região de Emilia-Romagna, também na Itália central, mas voltada para o mar Adriático; (5) das colinas ao redor de Roma, a Cidade Eterna; (6) do complexo vulcânico *Somma/Vesuvio*, em Napoli, na região da Campania, ao sul; (7) da Sicília, na região meridional autônoma italiana

representada pela maior ilha do país circundada pelo mar Mediterrâneo; e (8) da *Sardegna*, situada no Mediterrâneo a oeste da península Italiana. Todas essas regiões passaram por ampla evolução geológica que se desenrolou durante o Fanerozoico, divisão temporal da história geológica da Terra que se iniciou há 540 milhões de anos e que se estende até os dias atuais, e seus principais aspectos evolutivos encontram-se brevemente detalhados, visando compreender a sua origem.

A evolução geológica a que nos referimos está intimamente ligada à dinâmica da Terra⁴⁴. Nosso planeta é formado por um núcleo com quase 7.000 km de diâmetro, um manto que constitui 80% do seu volume, e uma fina crosta, formadora do fundo oceânico e das terras emersas, os continentes. Apesar de sólida, esta camada superficial não é estática, sendo dividida em placas que se deslocam sobre o manto situado abaixo, em virtude das correntes de convecção do magma no manto e do empuxo das placas nas zonas de subducção. O processo que leva ao deslocamento dessas placas é conhecido em geologia como tectônica de placas e é em decorrência dele que temos a formação das cadeias meso-oceânicas, a expansão dos fundos oceânicos, o deslocamento das placas continentais, a formação de montanhas (como as Montanhas Rochosas, os Andes, o Himalaia e os Alpes) e, por outro lado, a formação de áreas mais profundas, as fossas marinhas, onde uma placa mergulha sob outra, no processo denominado subducção. Terremotos, tsunamis e formações de vulcões são consequências, também, desses fenômenos. Continentes se uniram e se separaram no passado geológico de nosso planeta, mares se expandiram e se estreitaram, e muitos depósitos marinhos passaram a compor o arcabouço das montanhas, como o caso dos depósitos marinhos do *Piemonte*, nos processos de soerguimento formadores de cadeias montanhosas, conhecidos como orogenéticos. As regiões que hoje formam a Itália, tanto continental como insular, estavam sujeitas a esses processos, que incluíram também intensa atividade vulcânica que resultou na formação de muitos minerais e material vulcânico, objeto de interesse por inúmeros pesquisadores do passado e do presente. Uma síntese dos fenômenos tectônicos que formaram a Itália se torna, portanto, necessária⁴⁵.

A história geológica da península Italiana tem suas raízes na longínqua era Paleozoica quando se formaram as rochas que hoje constituem a região oriental da *Sardegna*. Constituem as litologias mais antigas aflorantes em território italiano, representadas por rochas plutônicas, essencialmente granitos, bem como rochas metamórficas de alto grau e rochas sedimentares. A parte sudeste da *Sardegna* teve sua origem durante o evento orogenético denominado Hersiniano, ocorrido em função da colisão de dois paleocontinentes, o Gondwana (então formado pelas massas continentais como a América do Sul, a África, Madagascar, a Índia, a Austrália e a Antártida) e a Laurásia (continente formado por partes da América do Norte, da Europa e da Ásia), cujo clímax se deu no final do período Carbonífero, há pouco mais de 300 milhões de anos atrás.

Na realidade não se pode falar da história geológica da Itália sem estender a análise, de forma mais ampla, para toda a área da bacia mediterrânea. Há cerca de 220 milhões de anos, já na era Mesozoica, a região onde hoje se encontra a península italiana estava localizada nas bordas de um oceano conhecido na geologia histórica como o mar de Tétis, extensa massa d'água que formava um amplo golfo situado a leste do supercontinente Pangeia, que reunia todas as massas continentais então existentes, entre as regiões europeia e africana. Era o final do período Triássico, há pouco mais de 200 milhões de anos, cujas condições ambientais revelavam uma zona de transição entre a terra e o mar. Durante esse período formaram-se no fundo marinho as imponentes formações coralíneas que posteriormente originaram as rochas calcárias hoje conhecidas como *Dolomiti*, ou Dolomitas, cadeia montanhosa situada no nordeste da Itália e parte integrante dos Alpes calcários do sul e que hoje se estende do rio *Adige*, a oeste, até o *Valle del Piave*, a leste. Geograficamente, as *Dolomiti* distribuem-se pelas províncias italianas de *Belluno*, Tirol do Sul e *Trentino*.

Simultaneamente à subducção do fundo oceânico do mar de Tétis sob a Eurásia, massa terrestre continental formada por partes dos atuais continentes europeu e asiático, foram gerados esforços tectônicos que induziram à rotação da Paleoáfrica e seu afastamento no sentido nordeste. Esse fenômeno levou, gradualmente, ao fechamento do mar de Tétis e à abertura de dois novos oceanos, o Atlântico e o *Ligure-Piemontese*.

O oceano *Ligure-Piemontese*, formado durante o período Jurássico, estava localizado entre duas margens continentais. Para o oriente se encontrava *Adria*, também conhecida como Promontório Africano, da qual, à exceção da *Sardegna* e da *Sicilia*, fazia parte o território italiano, a atual área do mar Adriático e uma vasta zona da península Balcânica. Para o ocidente encontrava-se a margem paleoeuropeia constituída pela península ibérica, de outras regiões do sul da Europa (formada por partes da Alemanha, França e Suíça) e das grandes ilhas da *Sardegna*, *Córsega* e *Sicilia*.

No intervalo Jurássico-Cretáceo, há cerca de 145 milhões de anos, a área onde um dia surgiria o território italiano atual estava completamente submersa alcançando profundidades superiores aos 3.000 metros. Nesta fase se depositaram os sedimentos carbonáticos que originaram os calcários rosados conhecidos como *rosso ammonitico*, particularmente abundantes nos Pré-Alpes da região do *Veneto* (região nordeste da Itália), na *Toscana*, no *Marche* (na área central da Itália junto ao mar Adriático) e em parte também na *Sicilia*, ao sul. Em outras áreas marinhas menos profundas e com um clima paleotropical, proliferaram importantes organismos construtores de recifes, como corais e moluscos bivalvíos do grupo dos rudistas. Cabe assinalar também a existência de algumas áreas emersas durante o Jurássico em cujas rochas foram registradas pegadas de dinossauros, como a *Lavini di Marco* na província de *Trento*, ao sul do Tirol, e a *Località Pontrelli*, situada nas proximidades da pequena cidade de *Altamura* na *Puglia*, no sul da península Italiana, e o esqueleto completo de um dinossauro (*Scipionyx sanniticus*) proveniente da pedreira de *Pietraroja*, na província de *Benevento*, região da *Campania*. Esta descoberta, além de se tratar de um esqueleto completo desse tipo de animal, fato raro na paleontologia, é ainda mais importante quando se considera que, até 20 anos atrás, acreditava-se que a Itália não fosse testemunhar a presença de fósseis atribuídos aos dinossauros em seu território.

O afastamento da Paleoáfrica da atual América do Sul a partir do Jurássico causou, também, a separação da América setentrional do bloco Ibérico, determinando a formação de nova área oceânica. Estes deslocamentos de massas continentais constituíram a base da futura estrutura de toda a área mediterrânica e desencadearam o fenômeno orogenético que produziu o levantamento da cadeia alpina. A progressiva rotação no sentido anti-horário da Paleoáfrica resultou no fechamento do oceano *Ligure-Piemontese*, cuja crosta então mergulhava sob a margem africana, bem como na colisão da *Adria* com a margem do continente europeu, determinando a fase compressiva expressa na base do dobramento alpino.

O fenômeno orogenético alpino perdurou, então, por cerca de 60 milhões de anos, do Cretáceo médio-Superior até o Eoceno superior, há cerca de 34 milhões de anos. Durante o Oligoceno, por volta de uns 30 milhões de anos atrás, desenvolveu-se junto à margem meridional do continente europeu uma extensa faixa de dobramentos que se estendia do sul da Espanha até a Áustria. Dessa faixa de dobramentos faziam parte ainda uma série de blocos que hoje constitui o norte da *Córsega*, as ilhas Baleares, as regiões montanhosas da *Sila* e do *Aspromonte* na *Calabria* (*Reggio Calabria*), os montes *Peloritani* (*Monti Peloritani*) na *Sicilia* e a região de *Kabylie* ao norte da Argélia, na África. Exatamente durante este período ocorreu um fenômeno geológico de grande significado quando toda a área baleárica-provençal começou a fraturar-se e a afundar causando, em pouco tempo, a separação de uma ampla porção do continente europeu. Este fragmento continental, constituído pela *Córsega* e pela *Sardegna*, migrou no sentido sudeste realizando uma espécie de rotação

anti-horária, cujo centro estava localizado pouco ao sul de *Genova*. A deriva destas duas ilhas durou cerca de 14 milhões de anos e determinou um novo e importante evento compressivo junto à margem ocidental do promontório de *Adria* que, agora, se encontrava em contato com o continente europeu. Este novo sistema orogenético é a causa do levantamento da cadeia apenínica que constitui, de noroeste a sudeste, a verdadeira espinha dorsal da Itália.

As condições paleoclimáticas favoreceram o desenvolvimento de novas espécies biológicas entre as quais estavam os numulítídeos (do latim *nummus*, que significa moeda). Eram foraminíferos marinhos hoje extintos que possuíam uma carapaça ou concha mineralizada com forma discoidal. O grande acúmulo de restos desses foraminíferos contribuiu para a formação de espessos pacotes rochosos eocênicos e oligocênicos tanto nos Alpes como junto aos Apeninos. Na região do *Veneto* ao norte da Itália encontra-se o excepcional depósito fossilífero de *Bolca*, junto à vila homônima, na província de *Verona*. As camadas de rochas, de idade eocênica, são conhecidas pelo nome de *Pesciara* pela riqueza de fósseis de peixes onde foram identificados cerca de 100 gêneros e 160 espécies de peixes ósseos e cartilaginosos, além de restos de répteis, crustáceos, penas de aves e uma riquíssima flora fóssil.

Terminado o deslocamento da *Córsega* e da *Sardegna*, entramos em um período geológico, o Mioceno médio (cerca de 17 milhões de anos atrás), que viu a península Italiana agora parcialmente submersa pelo mar. Somente alguns territórios como a *Puglia*, os Alpes, a *Sardegna* oriental e a cadeia apenínica (ainda não posicionada na sua configuração atual) estavam emersos. No Mioceno superior, por volta de 8 milhões de anos atrás, ocorreu um novo movimento tectônico que determinou a abertura de grande depressão de forma triangular encravada no bloco sardo-corso e na futura margem da península Italiana. Formou-se assim um verdadeiro e único oceano em miniatura com profundidade que atingiu os 3.600 metros: o mar Tirreno, cujo alargamento favoreceu o empilhamento de grande quantidade de sedimentos junto à borda ocidental da *Adria*, contribuindo para a segunda fase de formação da cadeia apenínica.

No Mioceno superior, em intervalo de tempo que durou cerca de 1 milhão de anos, ocorreu um evento geológico que teve significado muito particular: a crise de salinidade do mar Mediterrâneo. Circundado quase todo por terra, tendo ao norte a Europa e a Anatólia, a leste pelo Oriente Médio e ao sul pelo norte da África, com uma ligação a oeste com o oceano Atlântico através do estreito de Gibraltar, o Mediterrâneo é um mar em equilíbrio hidrológico negativo, ou seja, com intensa evaporação que determina uma perda de água superior àquela oriunda dos rios e da chuva. A diferença, no entanto, é compensada pela introdução de água salgada proveniente do Atlântico através do estreito de Gibraltar, originando um aporte hídrico que evitou então à época que o Mediterrâneo secasse.

Todavia, por volta de 6,5 milhões de anos atrás, provavelmente após a existência de movimentos tectônicos, o estreito de Gibraltar se fechou determinando progressiva e rápida evaporação do Mediterrâneo. Formaram-se, assim, grandes concentrações de evaporitos, rochas formadas pela precipitação química de minerais como o sal-gema (cloreto de sódio), a silvita (cloreto de potássio), a anidrita (sulfato de cálcio) e a gipsita (o gesso, composto por sulfato hidratado de cálcio). Mas a crise de salinidade do Mediterrâneo não teve grande duração. Ao final do Mioceno, há 4,8 milhões de anos, a região de Gibraltar novamente se rompeu e a área mediterrânica tornou-se novamente submersa. Enormes acúmulos de sedimentos de mar profundo cobriram os depósitos salinos precedentes, um testemunho desta nova fase de evolução geológica da região. Paralelamente à deposição dos evaporitos, ocorreu o soerguimento gradual da cadeia apenínica determinando a exposição progressiva dessas rochas que hoje estão presentes na *Sicilia*, na *Calabria*, na região de *Marche* e na *Emilia-Romagna* até alcançar, enfim, o *Monferrato* piemontês.

Terminada a crise de salinidade do Mioceno superior ocorreu uma elevação gradual do nível marinho, que atingiu altura bem superior à atual. Ainda no Plioceno inferior, a península Italiana se apresentava como uma estreita faixa de terra com ampla enseada na atual *Pianura Padana*, região que se estende ao longo da Itália setentrional, abrangendo as regiões do *Piemonte*, *Lombardia*, *Emilia-Romagna* e *Veneto*. Uma longa faixa de terra se estendia desde a *Liguria* até o norte da *Basilicata*, ao sul da península. A região da *Toscana* estava submersa, com exceção de um arquipélago de pequenas ilhas das quais a principal era a *Isola d'Elba*, enquanto a *Córsega* e a *Sardegna* constituíam um território único.

A cadeia apenínica sofreu nova migração para leste até alcançar sua posição atual e a orogênese alpina causou o soerguimento da sua parte oriental constituída pelos pré-Alpes vênéticos e friulanos. O mar Tirreno ampliou-se, aumentando sua profundidade e intensificou-se a atividade vulcânica submarina. Da mesma forma, em várias áreas do *Lazio* e da *Campania* ocorreu intensa atividade vulcânica como, por exemplo, nos *Colli Albani*, a sudeste de *Roma*, e em *Campi Flegrei*, a oeste de *Napoli*.

Foi neste momento da história geológica da Itália que se acumulou grande quantidade de sedimentos marinhos caracterizados pela presença de riquíssima fauna de invertebrados, além de cetáceos, sirênios e quelônios. Certamente a bacia sedimentar *Ligure-Piemontese* constitui o exemplo mais emblemático da presença destes depósitos aflorantes nas proximidades de *Castell'Arquato*, na província de *Piacenza*, região de *Emilia-Romagna*. As sucessões marinhas gradam para depósitos continentais que contém rica fauna de mamíferos onde predominam os mastodontes, como os da espécie *Anancus arvernensis*.

Contemporaneamente, junto à parte interna da cadeia apenínica ocorreu um colapso tectônico que determinou a formação de várias bacias tectônicas (conhecidas na geologia como grábens) como as do *Val d'Elsa*, do *Valdarno*, da planície de *Firenze* e do *Val Tiberina*. Originalmente, essas depressões foram ocupadas pelo mar transformando-se, sucessivamente, em lagos amplos hoje completamente desaparecidos, com exceção do *Lago Trasimeno*, um dos maiores lagos peninsulares da Itália com área de 128 km² situado na província de *Perugia* na região da *Umbria*. Na *Calabria* e na *Sicilia* também ocorrem rochas sedimentares atribuídas ao Plioceno, caracterizadas por calcários margosos muito brancos que recebem o nome de *trubi*.

A situação atual da Itália revela que o país, pela sua natureza geológica muito complexa, está continuamente sujeito a fenômenos frequentemente catastróficos, tais como os constantes terremotos, as erupções vulcânicas, as inundações e os deslizamentos de terra. Sobre esses fenômenos incidem o desconhecimento daqueles que, não compreendendo a fundo a característica estrutural da terra italiana, têm permitido uma ocupação antrópica que se tornou deletéria em áreas de elevado risco geológico. Situação que hoje a população paga, amargamente, as consequências.

Foi dessa península de conturbada evolução geológica que vieram os materiais “geognósticos” que pouco a pouco se tornaram componentes do acervo do Museu Nacional.



II

La prima collezione

A Coleção Werner e seus minerais italianos

Percorrendo as salas ainda em grande parte vazias do prédio no Campo de Sant'Anna, frei José da Costa Azevedo antevia um trabalho árduo pela frente. No ano anterior, em 6 de junho de 1818, Dom João VI havia criado o Museu Real e seu nome havia sido indicado para ser o primeiro diretor da nova casa de história natural. Frei José era a pessoa ideal para o cargo. Brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1763, frei José havia frequentado os cursos de Filosofia e de Ciências Naturais na Universidade de Coimbra, especializando-se posteriormente em mineralogia⁴⁶. Devido a seus conhecimentos nessa disciplina, havia sido nomeado professor de mineralogia da Academia Real Militar de onde saiu para ocupar o cargo de diretor do Museu. Religioso de costumes austeros e de excelente reputação⁴⁷, frei José não poupou esforços para melhorar o novo estabelecimento e entre eles transferiu a coleção de minerais europeus que se encontrava na Academia Militar para a maior sala do prédio do Museu. Aos poucos se juntou a essa importante coleção de minerais europeus outros exemplares brasileiros e, em 1821, com a administração da casa ainda sob sua direção, abriu as salas da instituição à visitação pública, expondo seu rico acervo mineralógico. Entre os minerais, procedentes da mística 'Isola d'Elba' e da belíssima região do 'Piemonte', estavam as primeiras amostras italianas a compor as coleções do Museu Nacional. Era o início de uma participação que se prolongaria por quase duas centenas de anos estabelecendo, assim, uma importante contribuição internacional para o Museu Nacional.

Os primeiros exemplares de minerais italianos que vieram a compor o acervo do Museu Nacional faziam parte da famosa coleção Werner que chegou ao Museu após sua criação por Dom João VI, em 1818. Antes de sua chegada ao Museu, a coleção teve uma história bastante curiosa. Karl Eugen Pabst von Ohain (1718-1784), assessor de minas da Academia de Minas de Freiberg (*Bergakademie Freiberg*), na Alemanha, possuía uma coleção de minerais com 3.326 exemplares arranjados e descritos por Abraham Gottlob Werner (1749-1817), eminente geólogo e mineralogista alemão, fundador da moderna mineralogia e da geognosia, que lecionava na academia. Devido à classificação por Abraham Werner, a “coleção Werner”, como ficou conhecida, foi adquirida pelo ministro Antônio de Araújo e Azevedo (1754-1817), o primeiro conde da Barca, na Alemanha, vindo a coleção para a colônia portuguesa em 1807 com a fuga da Corte de Lisboa. O barão de Eschwege, Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), aluno de Werner, após sua chegada ao Brasil em 1810, providenciou sua guarda, tendo como destino inicial o Arsenal de Guerra, onde os alunos da antiga Academia Militar a utilizavam nos estudos. Em 1819, a coleção foi transferida da academia para o Museu Real no Campo de Sant'Anna onde, com a abertura de suas exposições ao público a partir de 1821⁴⁸, foi apreciada junto com outros minerais brasileiros nos anos seguintes pelos diversos viajantes e naturalistas estrangeiros que passaram pelo Rio de Janeiro como Ernst Ebel (1794-?)⁴⁹, Maria Graham (*Lady Maria Dundas Graham Callcott*, 1785-1842)⁵⁰, George Gardner (1810-1849)⁵¹, Thomas Ewbank (1792-1870)⁵² e Enrico Hillyer Giglioli (1845-1909)⁵³. Em 1824 a coleção foi reorganizada “mediante catalogação e

numeração cuidadosa”⁵⁴, mas da coleção original restam hoje no acervo do Museu Nacional cerca de 1.200 amostras que foram identificadas através dos estudos de recuperação realizados no decorrer do século XX⁵⁵.

Curiosamente, se não fosse a atuação de um mineralogista italiano, o tenente general Carlo Gerolamo Antonio Maria Galeani Napione (1756-1814), a coleção Werner teria se perdido ainda nas docas de Lisboa, antes da fuga da família real para a colônia portuguesa na América e cuja história foi resumida por Vaneza Santiago de Azevedo (1988-)⁵⁶. Nascido em *Torino*, químico, engenheiro, mineralogista e militar, Napione ingressou no Corpo Real de Artilharia em 1771, aos 15 anos. Estudou na Escola de Mineralogia de Saboia e posteriormente foi para Freiburg, onde assistiu a aulas com Abraham Werner. No período de seu retorno foi responsável por diversas contribuições, sendo a mais significativa o primeiro tratado italiano de mineralogia⁵⁷, sua principal obra. Com a iminente invasão francesa ao *Piemonte*, Napione se exilou em Portugal a convite de Dom Rodrigo de Sousa Coutinho (1755-1812), vindo junto com a comitiva real, em fuga do cerco francês ao reino português. Antes disso, teria sido seu profundo conhecimento de mineralogia que salvou aquela que anos depois viria a ser a primeira coleção de exemplares de história natural do Museu Nacional.

A coleção Werner, que havia sido comprada pelo primeiro conde da Barca, já há algum tempo encontrava-se perdida na alfândega de Lisboa; examinando os materiais que por lá estavam depositados, Napione reconheceu a importância da coleção, salvando-a de uma perda irreparável. No Rio de Janeiro, após a chegada da Corte, a coleção integrou então o acervo da Real Academia Militar onde Napione foi presidente da Junta Militar e professor de Química, e onde a coleção Werner foi utilizada para o ensino. Para Vaneza de Azevedo:

A Real Academia Militar, no início de sua trajetória, é marcada pela pesquisa científica e a formação de especialistas no âmbito da mineralogia, engenharia, química e geografia. A utilização da coleção Werner demonstra o caráter prático das aulas na Academia, tendo por objetivo a especialização voltada para o crescimento do Brasil enquanto corte portuguesa nas terras de Ultramar. Sendo posteriormente integrada ao acervo do recém-criado Museu Real no ano de sua decretação, já fazendo então quatro anos da morte de Napione, vemos sua ligação com esta instituição. Os atos de um homem ultrapassam seu horizonte; Napione se apresenta como figura de grande relevância para os objetivos posteriores à sua morte, ou seja, o desenvolvimento da indústria nacional promovido pelos profissionais formados no âmbito de seu trabalho. Traça-se, assim, um dos inúmeros vieses no desenvolvimento do ensino/pesquisa científica empreendidos com a criação do Museu Real, atualmente Museu Nacional, compreendendo que a história desta instituição se situa não como marco fundador das ciências no Brasil, mas que se relaciona intrinsecamente com a historicidade deste saber.⁵⁸

Carlo Antonio Napione, hoje considerado patrono da indústria militar brasileira, faleceu no Rio de Janeiro. Até sua morte certamente não poderia imaginar que quatro anos depois Dom João VI criaria o primeiro museu de história natural do Brasil e a coleção que salvou na alfândega de Lisboa seria a primeira e mais importante de seu acervo.

A maior parte dos minerais do acervo original da coleção Werner é procedente de Freiberg ou de outras regiões próximas, com um número bem menor de amostras provenientes de outros países europeus. O exame cuidadoso do catálogo da coleção elaborado em 1824 no Museu Nacional revela a presença de 20 exemplares procedentes da Itália ou de localidades como a Córsega que, até 1768, pertenceu à *Repubblica di Genova*, passando posteriormente à França. Assim, dos 20 registros, dois referem-se à *Sicilia*, três à Córsega, quatro à *Isola d'Elba*, dois à *Tolfa*, no *Lazio*, três ao *Piemonte* e as demais sem localidades definidas da Itália ou com dúvidas sobre sua origem italiana, brevemente comentadas em seguida.

As amostras provenientes da Córsega, uma de magnetita, uma de hematita e outra de antimônio, estão referenciadas no Anexo 1 pelo fato da ilha ter pertencido à *Genova* até meados do século XVIII e por existir uma possibilidade dos exemplares terem sido coletados antes de sua passagem para a França. A leitura atenciosa de sua descrição original no catálogo permite concluir que as amostras são provenientes da Córsega e não da *Sardegna*, situada ao sul da primeira e que ainda hoje pertence à Itália. Dos montes de *Tolfa*, um conjunto vulcânico junto aos Apeninos situado no norte da região do *Lazio*, constavam duas amostras de alunita, um mineral composto por sulfato hidratado de alumínio e potássio de onde é obtido o alume, substância que os antigos gregos e romanos utilizavam como adstringente e fixador para tinturaria. Da *Sicilia*, vieram duas amostras sendo uma de tetraedrita, um sulfeto de antimônio de ferro e cobre, e outra de galena, um minério de chumbo. Três amostras, duas de quartzo identificadas como pequenos geodos de calcedônia, e uma amostra de talco, foram assinaladas como provenientes da Itália, mas sem determinação específica das localidades de procedência. Três amostras, embora não estejam assinaladas suas procedências no catálogo, podem ter sido provenientes da Itália: a primeira, uma amostra de *lumachella*, ou coquina, tem ocorrência em várias localidades como no *Val Brembana*, situado na província de *Bergamo* na região da *Lombardia* ao norte da Itália. Na realidade a *lumachella* é uma rocha sedimentar composta por grande quantidade de conchas cimentadas em uma matriz argilocalcária com ocorrência não só na Itália como em outros países, a exemplo da Espanha e da *Carinzia*, uma região austríaca situada no leste dos Alpes, de onde também pode ter sido sua procedência. Cabe ressaltar que na *Roma* imperial a *lumachella* era utilizada como pedra ornamental e seu nome foi criado durante o Renascimento por escultores italianos ao trabalhar com calcários compostos contendo as conchas de moluscos fossilizados. As outras duas amostras de origem duvidosa e formadas por quartzo de coloração verde encontram-se simplesmente referenciadas como prasio. Esta variedade de quartzo pode ter várias origens, mas, na Itália, é encontrada próximo à cidade de *Rio Marina* na *Isola d'Elba*, de onde vieram também outras amostras da coleção Werner. Da *Isola d'Elba* vieram as amostras de hematita e, do *Piemonte*, duas amostras de serpentinito, uma rocha de coloração esverdeada de origem metamórfica e utilizada em revestimentos, e uma amostra de pirolusita, um mineral de manganês.

Das vinte amostras citadas no catálogo original da coleção Werner, somente cinco encontram-se registradas no atual livro de tombo da coleção de mineralogia do Museu Nacional. A magnetita da Córsega, três exemplares de hematita da *Isola d'Elba* e a amostra de pirolusita do *Piemonte*. As demais, certamente, se extraviaram entre a redação do catálogo em 1824 e a elaboração do livro de tombo quando da organização da coleção de mineralogia na década de 1940, um período de cerca de 120 anos. Na coleção de mineralogia encontram-se hoje seis amostras atribuídas à coleção Werner procedentes da Itália (*vide* Anexo 2): quatro exemplares de hematita da *Isola d'Elba*, um exemplar de pirolusita procedente do *Piemonte*, um exemplar de calcário oriundo provavelmente de *Carrara*, e um exemplar classificado como piromorfita cuja procedência seria a *Sardegna*.

As amostras de hematita da *Isola d'Elba* seriam procedentes dos depósitos de minérios de ferro que são parte integrante da província metalogênica da *Toscana* e cuja exploração remonta ao tempo dos etruscos⁵⁹. Na *Isola d'Elba* os depósitos de ferro encontram-se restritos a uma faixa estreita que se estende de norte a sul ao longo da extremidade leste da ilha e, em sua área mais ao norte (*Rio Albano-Rio Marina*), encontram-se as ocorrências de hematita, pirita e limonita⁶⁰, área na qual os exemplares da coleção Werner teriam sido coletados. A esplêndida cristalização dos minerais de hematita e pirita da área de *Rio Marina* é objeto de atenção por colecionistas e museus⁶¹ e sua presença na coleção também estaria ligada à grande importância dos depósitos de ferro da ilha desde a Antiguidade clássica.

Já o *Piemonte*, de onde é atribuído o exemplar de pirolusita, é uma região italiana interessante do ponto de vista mineralógico com ocorrências minerais em diversas localidades como o *Val d'Ala*, o *Valle di Viù* e o complexo mineralógico de *Traversella* no *Val Chiusella*. As ocorrências de óxidos de manganês no *Piemonte* costumam ser conhecidas sob a forma de dendritos, estruturas inorgânicas normalmente resultantes da precipitação de óxidos de manganês ou de ferro nos planos de estratificação e de fraturas de rochas sedimentares ou metassedimentares, bem como na superfície e poros de minerais. No caso do exemplar da coleção Werner atribuído ao *Piemonte*, amostras semelhantes foram encontradas, mas com raridade, na mina de *Praborna*, uma mina de manganês existente no *Val d'Aosta* e ativa na segunda metade do século XVIII quando explorava as ocorrências de braunita, um silicato de manganês utilizado na indústria de vidraria⁶². Apesar de registrado na coleção como uma amostra de pirolusita, o exemplar apresenta a cristalização típica de manganita, um mineral de óxido-hidróxido de manganês [MnO(OH)] cujos cristais frequentemente encontram-se arrançados em feixes.

Ainda na fase inicial de sua estruturação e composição do acervo e pouco mais de dez anos após a incorporação da coleção Werner, o Museu Nacional começaria a receber novos exemplares geológicos da Europa, sendo a Itália sua principal fonte de remessas.

III

La scomparsa dei primi invii

O extravio das primeiras remessas

Junto à janela de seu gabinete no prédio ocupado pelo Museu Imperial e Nacional, frei Custódio observava a paisagem que se descortinava a sua frente no Campo da Aclamação⁶³. Entretanto, não era a visão do campo que preenchia seus pensamentos naquele momento, mas a preocupação com a instituição que dirigia e, particularmente com suas coleções. Desde sua fundação por Dom João VI nos idos de 1818, a nova casa de história natural sofria com a falta de recursos para a incorporação de novos objetos ao seu acervo. Muitos produtos nacionais remetidos ao museu chegavam sem seus respectivos catálogos dificultando a identificação do material, tornando as amostras geológicas praticamente de pouca utilidade. As verbas para a compra de coleções eram inexistentes e a chegada de coleções estrangeiras, sempre bem vindas, ocorriam muitas vezes pela doação do imperador, presentes que recebia e mandava depositar no museu. Além das demais coleções, frei Custódio sabia da importância das coleções mineralógicas para a instituição. Formado pela Universidade de Coimbra, frei Custódio havia se tornado um mineralogista e a coleção Werner, a primeira a ser incorporada ao acervo do museu, recebia constantes elogios dos naturalistas e viajantes estrangeiros que visitavam as exposições. Mas ainda era pouco e a chegada de novos exemplares, principalmente estrangeiros, eram sempre aguardados com expectativa. Era o que ocorria neste dia. Neste início de 1831, o visconde de Alcântara lhe havia comunicado a chegada de uma caixa com produtos geológicos provenientes de ‘Genova’, tendo o ‘Vesúvio’ a sua principal procedência. Ainda imerso em seus pensamentos ficou particularmente contente quando João de Mattos, porteiro e guarda do museu, bateu-lhe à porta e comunicou a chegada da caixa esperada. O Museu Imperial e Nacional recebia, assim, pela primeira vez, uma coleção geológica do solo italiano.

A primeira contribuição documentada referente à chegada de materiais de história natural procedentes da Itália data do início da década de 1830, treze anos após a fundação do Museu Nacional. Em 29 de janeiro de 1831, o visconde de Alcântara, João Inácio da Cunha (1781-1834), encaminhou ao frei Custódio Alves Serrão (1799-1873), terceiro diretor do Museu Nacional, Aviso em que citava a expedição de uma caixa com produtos mineralógicos e geológicos provenientes do Vesúvio:

Tendo-se nesta data expedido as competentes ordens para ser recolhido ao Museu Imperial e Nacional uma caixa com produtos mineralógicos e geognósticos do Vesúvio, que veio de Gênova no brigue escuna Lo Spartano Sardo, e se acha na alfândega desta Corte para ter aquele destino: Assim [...] a V. Rma. para sua inteligência, e para proceder a este respeito na forma costumada./Deus guarde a V. Rma. Paço em 29 de janeiro de 1831./Visconde de Alcântara.⁶⁴

O material, que então se encontrava na alfândega no porto do Rio de Janeiro, teve como ponto de partida a cidade de *Genova*, certamente alguns meses antes, no final de 1830.

Por ocasião dessa década, a península italiana não era a Itália que hoje conhecemos, sendo dividida politicamente em diversos Estados independentes e, na ocasião, a cidade de *Genova*, situada na região da *Liguria*, *Regno di Sardegna*, consistia em importante porto marítimo junto ao Mediterrâneo. De *Genova* partiam muitas das embarcações que se dirigiam às diversas regiões da Europa e norte da África, além das Américas, como o teria feito a escuna *Lo Spartano Sardo*. Este fato explicaria a origem da remessa; entretanto, a falta de uma listagem do material encaminhado e da carta original do remetente da coleção impossibilita a obtenção de maiores informações sobre esta primeira contribuição, deixando dúvidas quanto ao detalhamento do conteúdo e o seu destino dentro da instituição. Situações semelhantes com a remessa de produtos nacionais já haviam sido relatadas por frei Custódio Serrão ao governo, quando os catálogos das coleções “se perdiam nas repartições públicas por onde passavam”⁶⁵ e a mesma situação pode ter ocorrido com o material procedente de *Genova*.

Duas novas contribuições chegaram ainda na década de 1830, embora desta vez identificadas como procedentes dos Estados Pontifícios. Em 15 de janeiro de 1834, Antonio Pinto Chichorro da Gama (1800-1887), então Ministro dos Negócios do Império do Brasil (1833 a 1835), comunicou ao diretor do Museu Nacional a chegada de um caixote com objetos de história natural enviados pelo diretor do “Museu de Roma” e encaminhados pelo Encarregado dos Negócios da Santa Sé:

Tendo-me participado o sr. Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, em Aviso de 10 do corrente, que o Encarregado de Negócios da Santa Sé lhe comunicara haver recebido do Diretor do Museu de Roma um caixote contendo objetos de história natural dos Estados Pontifícios, para serem recolhidos ao museu desta capital, exigindo em retribuição a remessa de iguais objetos aqui classificados: a Regência, em nome do Imperador há por bem autorizar a V. Rma. para receber o referido caixote, e verificar a dita remessa, sobre a qual deverá entender-se com aquele Encarregado de Negócios./Deus guarde a V. Rma. Paço em 15 de janeiro de 1834./Antonio Pinto Chichorro da Gama.⁶⁶

Aparentemente, pelo que foi possível apurar, era a segunda coleção de produtos italianos que chegava ao Museu Nacional. Embora não se tenha conhecimento do conteúdo do material enviado, a remessa tinha como contrapartida a permuta por materiais semelhantes. Desconhece-se, entretanto, o conteúdo dos caixotes e qualquer documentação que comprove a efetivação do processo de permuta. É provável que a permuta tenha de fato ocorrido, pois três anos e meio depois, em 30 de agosto de 1837, o diretor do Museu Nacional, cargo ainda ocupado por frei Custódio Serrão, era comunicado pelo ministro da Fazenda, Manoel Alves Branco (1797-1855), segundo visconde com grandeza de Caravelas, da chegada de “um caixão e duas caixas contendo produtos zoológicos e mineralógicos”, também encaminhados pelo diretor do “Museu de Roma”:

Tendo o diretor do Museu da Cidade de Roma enviado um caixão, e duas caixas, contendo produtos zoológicos e mineralógicos, a fim de serem depositados no Museu Nacional desta Corte, para haver em troca outros produtos naturais do Brasil: o Regente em nome do Imperador o Senhor Dom Pedro Segundo há por bem autorizar a V. Rma. não só para receber os ditos caixões, que lhe devem ser entregues pelo doutor Scipião Domingos Fabbrini, Encarregado de Negócios de Sua Santidade, mas também para dar em troca outros produtos do Brasil na forma praticada./Deus guarde a V. Rma. Paço em 30 de agosto de 1837./Manoel Alves Branco.⁶⁷

Da mesma forma que as remessas anteriores, apesar da solicitação de permuta por produtos brasileiros, não se tem conhecimento da concretização da proposta e nem do destino final do material encaminhado ao Museu Nacional. A falta ou perda da documentação referente a esses acervos continuava a ser uma preocupação constante

e, a interpretação de seus conteúdos e destinos, mera inclusão no campo das hipóteses. Cerca de cinco anos e meio depois, uma nova oferta de permuta de exemplares mineralógicos e geológicos por minerais brasileiros chegaria ao Museu Nacional, desta vez procedente de *Napoli*. Antes disso, porém, em 1836, outra contribuição, de valor científico muito relevante, chegou ao Museu Nacional procedente do *Piemonte*: uma coleção de fósseis de invertebrados miocênicos e pliocênicos das colinas de *Torino* e da região de *Asti*, um acervo ainda presente na instituição.

IV

Un Giovane paleontologo tenta un contatto con il Museu Nacional

Giovanni Michelotti, os fósseis do Piemonte e a misteriosa coleção enviada de Roma

As águas da baía nas proximidades do porto do Rio de Janeiro fervilhavam de navios de diversas nacionalidades, facilmente identificadas pelas bandeiras que tremulavam em seus mastros, quando finalmente aportou a fragata 'Euridice', procedente do importante porto de 'Genova'. Do convés, Francesco Michelotti observava as demais embarcações, algumas comerciais, outras formadas por belonaves armadas e, numa visão negativa, também a presença de navios negreiros. À sua frente, em terra, encontrava-se o cais, em cuja vizinhança podia se observar o Paço e a catedral da cidade. Era certamente uma visão diferente do que estava acostumado a ver em sua terra, mas não muito diferente da visão que teve a viajante Maria Graham no início da década anterior ou de George Gardner, o botânico escocês que aqui esteve no mesmo ano que Francesco, em 1836: "As numerosas canoas e pequenos botes que cortam o porto são todos tripulados por pretos africanos; da mesma raça são os transeuntes que passam pelas ruas longas e estreitas, seminus muitos deles, suando sob pesados fardos, a exalar odor tão forte, que se torna quase insuportável. Raramente se vê um rosto branco. As lojas, com portas e janelas que se abrem durante o dia, pareciam servidas por mulatos ou portugueses da mesma cor. Vista de bordo pela manhã, apresentava a cidade um aspecto imponente por sua posição e pelas numerosas casas e igrejas caiadas de branco: mas olhadas de perto, desvanecia-se a ilusão. As ruas estreitas e sórdidas, a catinga de milhares de negros, as emanações dos armazéns de provisões, davam uma impressão que podia ser tudo, menos agradável"⁶⁸. Francesco não deixou um documento que nos comprovasse se teve a mesma impressão de Gardner quando chegou ao porto do Rio de Janeiro. Pode ser que o que via à sua frente não o tivesse incomodado já que, nos próximos dias, Francesco haveria de cumprir uma de suas tarefas em sua passagem pela cidade: a de entregar ao dirigente da casa de história natural, o Museu Imperial e Nacional, o pacote enviado por seu irmão, o advogado e paleontólogo turinense Giovanni Michelotti. Nele encontrava-se uma expressiva representação de fósseis da região do 'Piemonte', a belíssima região situada no noroeste da Itália aos pés das montanhas alpinas. E assim o fez, dirigindo-se ao prédio situado no Campo da Aclamação. Pode-se imaginar a surpresa e satisfação de frei Custódio Serrão ao receber das mãos de Francesco a expressiva coleção de fósseis do 'Piemonte'. Chegava ao museu do Rio de Janeiro, assim, a primeira contribuição internacional de fósseis estrangeiros para a composição de seu acervo.

Além das coleções mineralógicas que chegaram nos anos anteriores, em 1836 o Museu Nacional receberia os primeiros fósseis estrangeiros, os quais vieram da Itália doados pelo advogado e paleontólogo italiano Giovanni Michelotti (1814-1898). A coleção era composta de material conquiliológico⁶⁹ coletado por Michelotti nas camadas fossilíferas miocênicas e pliocênicas da bela região do *Piemonte*, e que hoje corresponde ao mais antigo acervo fossilífero presente na instituição. Um levantamento detalhado e a análise da documentação existente no Museu Nacional permitiu traçar os curiosos rumos tomados pela referida coleção, além de se entender o verdadeiro interesse de Michelotti com sua contribuição ao museu.

Giovanni Michelotti nasceu em *Torino* em 1814 e ainda jovem diplomou-se em Direito; porém, com seu interesse pela história natural, sua verdadeira vocação, a de paleontólogo, surgiu em seguida. Durante suas excursões às colinas de *Torino*, iniciou uma coleção de fósseis marinhos e, em 1838, com apenas 24 anos de idade, publicou seu primeiro trabalho científico com conteúdo geológico. Seguiu-se, no mesmo ano, outro sobre a zoofitologia terciária do *Piemonte*⁷⁰. Numa rápida sucessão, Michelotti publicou outros trabalhos, além de um compêndio sobre a geologia, muito apreciado no mundo científico. Com o tempo, sua coleção paleontológica se enriqueceu ainda mais com exemplares importantes e raros e, em 1847, publicou sua obra principal, a descrição dos fósseis miocênicos⁷¹. Na década seguinte, em viagem ao Caribe no inverno de 1854-1855, Michelotti fez importantíssimas observações biológicas e paleontológicas, reunindo importante acervo de corais caribenhos que lhe permitiu redigir duas Memórias. A partir de 1861, após a publicação do estudo sobre os fósseis oligocênicos da Itália setentrional⁷², Michelotti teve o que para muitos foi considerado o período mais ativo e fértil de sua vida científica e, em 1880, doou sua valiosa coleção paleontológica para o museu geológico da *Università di Roma*, ali permanecendo por dois anos para organizar a coleção. Por esta doação, Michelotti recebeu a condecoração honrosa “Comenda da Coroa Italiana”. Ao fim do trabalho em *Roma*, após breve passagem por *Napoli* e *Caserta*, retornou ao *Piemonte*, sua terra natal, falecendo em 21 de dezembro de 1898, na região da *Liguria*, em *San Remo*.

Ainda bem jovem e dois anos antes de publicar seu primeiro trabalho científico, em 1836, Michelotti encaminhou ao Museu Nacional uma correspondência acompanhada de uma relação de fósseis do *Piemonte*, principalmente moluscos. Não se sabe como Michelotti tomou conhecimento da existência do Museu Nacional e a primeira leitura feita sobre a carta que enviou foi equivocadamente interpretada⁷³ como uma solicitação de emprego. Na carta, datada de 24 de janeiro de 1836, Michelotti ofereceu uma coleção de fósseis da região do *Piemonte*, fonte de incontáveis fósseis miocênicos e pliocênicos de excelente preservação e a ela anexou uma lista dos espécimens procedentes das colinas de *Torino* e *Asti*. O material, que aparentemente não havia sido encaminhado junto com a carta, seria posteriormente levado por seu irmão, então oficial de um navio, concretizando a entrega:

Distintissimo Personaggio, / Mercé singolare favore della fortuna mi è finalmente concesso di mandare ad esecuzione uno de miei più cari voti. Colla fregata di S.M. (Sua Maestà) l'Euridice posso a voi indirizzandomi comunicare con coltissimo Signore, tentando nel medesimo tempo di offrirvi quei piccoli servigi nella Storia Naturale che alla S.V. (Signoria Vostra) sono più cari e che dipendono dai tenui mezzi dei quali posso disporre. / Segno di questi servigi è questo piccolo invio che mi arrego la libertà d'indirizzarvi pregandovi nel medesimo tempo di supplire colle vostre molte cognizioni ai difetti che nella classificazione vedrete. Qualora la bontà della S.V.I. (Signoria Vostra Illustrissima) mi aggiudicasse qualche oggetto la pregerei primieramente dei zoofiti non arborescenti, poscia delle conchiglie viventi dei fiumi, laghi e delle marine specialmente dei conchi delle mitre col nome o senza duplicati più o meno o semplici il tutto come è più caro alla Signoria Vostra Nobilissima. / Mio fratello il Signor Francesco Michelotti ufficiale a bordo dell'Euridice e quello per cui ho l'onore di

*trasmettervi il presente primo umile invio, di quello che riceverà la risposta che la V. P. (Vostra Pregiatissima) si degnereà trasmetterle./Accettando ed aspettando alacremenente i vostri cari comandi sia per oggetti che per libri alla Storia naturale appartenenti ho l'onore di protestarmi della N.V. (Nobiltà Vostra) pregiatissima./Torino 24 giugno 1836./Umilissimo e Devotissimo Servo./Avvocato Giovanni Michelotti.*⁷⁴

Uma leitura atenciosa do manuscrito pelos autores revelou que Michelotti não conhecia seu interlocutor, já que não se dirigia a uma pessoa específica. Enviou a coleção ao Museu Nacional sem saber quem a receberia, estabelecendo assim um primeiro contato através do intercâmbio de material e documentação científica. Na ocasião, Michelotti tinha somente 22 anos e devia estar iniciando seus estudos sobre a paleontologia piemontese, o que explica também a extrema deferência que utiliza em muitos trechos da correspondência. Na carta, convidou o destinatário a corrigir, quando necessário, a classificação dos fósseis (talvez um sinal de insegurança do jovem paleontólogo) e, ao mesmo tempo, solicitou, em troca dos fósseis piemonteses, exemplares tropicais do litoral brasileiro, escolha facilmente explicada pelo fato de que, naquela época, era muito difícil, para um europeu, obter exemplares sul-americanos. Cabe ressaltar que tal interesse poderia estar relacionado à paixão que Michelotti tinha por organismos marinhos como os corais, revelado principalmente quando de sua viagem ao Caribe, cerca de 18 anos depois, em companhia de Édouard Placide Duchassaing de Fombressin (1819-1873), médico e naturalista francês. Desta expedição resultou a elaboração de duas monografias⁷⁵ onde foram listadas 409 espécies de cnidários, das quais 208 eram novas para a ciência.

A notícia de interesse de intercâmbio com instituições estrangeiras por parte do Museu Nacional provavelmente chegou ao conhecimento de Michelotti nos primeiros anos da década de 30, já que do mesmo porto de *Genova* tinham sido enviados os produtos mineralógicos e geognósticos do *Vesuvio*⁷⁶ e, de *Roma*⁷⁷, tinham chegado os objetos de história natural dos “Estados Pontifícios”. No ano seguinte à carta de Michelotti, em 1837, exemplares zoológicos e mineralógicos acompanhados de uma solicitação de intercâmbio com o Museu Nacional foram novamente enviados pelo diretor do “Museu de Roma”⁷⁸. De modo semelhante, mas independente de qualquer instituição oficial, Michelotti empreendeu uma solicitação de permuta e, ao que tudo indica, de caráter pessoal. Não foram encontrados, entretanto, documentos que comprovem uma resposta à carta de Michelotti por parte da direção do Museu Nacional. Os fósseis enviados por Michelotti foram incorporados ao acervo da instituição, mas a permuta com a remessa dos espécimens marinhos para a Itália provavelmente não se concretizou, ignorando-se os motivos.

Na carta de Michelotti ficou evidente a responsabilidade de seu irmão Francesco no transporte da remessa e que a Michelotti restava apenas esperar pacientemente por uma resposta. Em 1836, ano de redação do documento e como foi comentado anteriormente, a Itália não constituía ainda um reino unido, estando dividida em diversos estados. *Torino*, a maior cidade do *Piemonte* situada junto às margens do rio Pó, representava a capital do *Regno di Sardegna* que tinha, em *Genova*, sua principal saída para o mar. Desse porto, provavelmente partiram diversos navios atendendo à iniciativa de promoção comercial e diplomática do *Regno di Sardegna*, inclusive da fragata *Euridice*, a bordo da qual estava embarcado, como oficial, o irmão de Michelotti, incumbido por este de transportar sua carta e a coleção para o Rio de Janeiro. A fragata aportou no Rio de Janeiro em julho ou início de agosto de 1836, quando então ambos foram entregues pessoalmente por Francesco ao diretor do Museu Nacional, frei Custódio Alves Serrão, antes de seguir para Montevidéu, onde chegou ainda no mês de agosto.

Pesquisas efetuadas no acervo histórico do Museu Nacional e na *Università di Torino* não evidenciaram um possível prosseguimento de intercâmbio entre o Museu Nacional e Michelotti;

se tal contato foi mantido de forma particular entre frei Custódio e o jovem paleontólogo piemontês, a documentação não ficou registrada e, além disso, não se tem conhecimento de outras contribuições de Michelotti ao museu do Rio de Janeiro. As razões disso são desconhecidas, mas pode-se supor que o desinteresse de Michelotti por novos intercâmbios possa ter sido resultado da falta de uma resposta por parte da instituição e a remessa do material por ele solicitado. Convém ressaltar, entretanto, que apesar do enriquecimento das coleções com produtos originários da Europa, o Museu Nacional carecia de produtos brasileiros, cujo conteúdo era muito pobre⁷⁹. Esta carência de produtos brasileiros pode ter sido provavelmente a principal razão para a não efetivação da permuta com o paleontólogo italiano.

A coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional, que atualmente conta com mais de 8.000 registros, possui 3.060 números que correspondem a amostras de fósseis estrangeiros. Destes, 2.053 registros com cerca de 7.466 exemplares foram incorporados ao acervo ainda no século XIX, oriundos de diversos países, principalmente da América do Norte e da Europa. A ausência de anotações sobre os doadores dos exemplares levou à interpretação⁸⁰ de que a maior parte dos fósseis da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional fez parte de uma coleção de fósseis encaminhados pelo *Museum of Comparative Zoology* da *Harvard University*, Cambridge, EUA, que teriam chegado ao Museu Nacional em virtude das relações existentes entre os geólogos Charles Frederick Hartt (1840-1878, canadense) e Orville Adelbert Derby (1851-1915, norte-americano), ambos da Comissão Geológica do Império que atuou entre 1875 e 1877, com o museu de Harvard. Nesse caso, os fósseis seriam úteis para comparação com os exemplares brasileiros coletados pela Comissão, auxiliando na sua identificação⁸¹. Na coleção de paleoinvertebrados, 361 registros (compreendendo 1.029 exemplares) correspondem a fósseis provenientes da Itália, assim distribuídos de acordo com os remetentes: *Museum of Comparative Zoology*, três registros com quatro espécimens, *Ward's Natural Science Establishment*, três registros com sete espécimens, L. R. Tostes, 18 registros com 18 espécimens, e “Museu de Augsburg”, um registro com três espécimens. Por outro lado, 331 registros com 997 espécimens italianos estavam sem indicação da forma de aquisição ou dos possíveis remetentes⁸². A comparação da relação de espécies anexa ao manuscrito de 1836 com as registradas no livro de tombo do acervo de paleoinvertebrados permitiu o reconhecimento de 54 espécies enviadas por Michelotti, comprovadas principalmente pelas localidades de procedência. Correspondentes ao mesmo número de registros, as espécies estão representadas por 127 exemplares de moluscos marinhos do Mioceno e Plioceno do *Piemonte*. Sobre a importância da coleção de Michelotti e a história do Museu Nacional, Antonio Carlos Sequeira Fernandes (1951-) e Vittorio Pane (1959-) fizeram a seguinte ressalva:

Apesar do pequeno número de registros e exemplares que ainda permanecem no acervo, a coleção Michelotti representa uma excelente contribuição ao conhecimento da paleontologia italiana, tornando-se ainda mais significativa pelo fato de que muitos dos sítios originais de coleta encontram-se hoje inacessíveis devido à expansão urbana e impossibilidade de acesso. A coleção Michelotti ficou ligada à própria história da preservação dos acervos da instituição que a abriga. De sua fundação até 1890 o Museu Nacional foi instalado no prédio ainda existente junto à Praça da República e, a partir da Proclamação da República, mudou-se para o antigo palácio em São Cristóvão, onde ainda permanece. Tanto no prédio antigo durante o século XIX, como no atual até meados de 1940, as coleções permaneciam em sua grande parte expostas ao público, guardadas nos móveis expositores ou nas respectivas seções ou divisões. Coleções eram emprestadas para ensino em outras instituições e, assim como na mudança para o palácio em São Cristóvão, ocorreram perdas do acervo. Somente após 1940 as coleções foram organizadas nos moldes atuais. No livro de tombo observa-se a perda de muitas informações originais e, na análise realizada, constatou-se que uma parte dos fósseis incluídos no novo tombamento originou-se da

coleção de Michelotti. Verificou-se também a ausência de registros de outras remessas do Piemonte ao Museu, além de não serem conhecidas coletas significativas de fósseis na região para posterior envio a instituições estrangeiras. Estes dados reforçaram, deste modo, a relação dos fósseis piemonteses da coleção com a remessa de Michelotti. A coleção Michelotti é, portanto, uma das mais antigas coleções de fósseis remetidas ao Museu Nacional na primeira metade do século XIX e ainda presente na instituição, revestindo-se, assim, de grande valor patrimonial, tanto científico como histórico.⁸³

No ano seguinte à remessa de Giovanni Michelotti, uma coleção conquiliológica composta por 100 espécies de conchas de moluscos recentes fluviais e terrestres e 100 espécies de moluscos fósseis marinhos procedentes da cidade de *Roma* e seus arredores, chegou ao Museu Nacional. Apesar desse material malacológico não ter sido identificado nas atuais coleções dos setores de Malacologia e de Paleoinvertebrados do Museu Nacional, a sua remessa ficou evidenciada pela listagem do material encaminhada especificamente à instituição em 10 de janeiro de 1837, arquivada no acervo da Seção de Memória e Arquivo⁸⁴. Embora não se encontre anexada à listagem uma carta de encaminhamento com sua respectiva coleção, esta certamente deve ter chegado junto com o documento, a exemplo da coleção encaminhada em 1836, pois não era comum o envio prévio de listas de materiais científicos para sua remessa posterior. Desconhece-se, entretanto, o responsável pela organização dessa coleção conquiliológica procedente de *Roma*, para a qual poderia se aventar a hipótese de estar ligada ao nome de um grande malacólogo italiano, Giovanni Rigacci (1816-1871).

Filho de pai comerciante, Giovanni Rigacci nasceu em *Roma* em 23 de outubro de 1816 e logo no início de seus estudos mostrou ser uma criança bastante inteligente. Na fase adulta tornou-se um malacólogo de grande prestígio e um famoso colecionista. Em apenas seis anos coletou cerca de oito mil espécimens de conchas recentes e fósseis⁸⁵, publicando, em 1866, um catálogo da sua coleção⁸⁶, da qual doou parte do acervo de fósseis provenientes das camadas plio-pleistocênicas do *Monte Mario*, a mais alta colina de *Roma*, ao *Museo di Storia Naturale dell'Accademia delle Scienze di Siena*. A coleção de Rigacci foi mantida conservada por seus irmãos, Giuseppe e Enrico, que então publicaram outra edição do catálogo, correspondente apenas à parte dos moluscos recentes. Posteriormente, com a morte de Giuseppe, a coleção e a biblioteca de Rigacci foi vendida ao governo italiano e incorporada à coleção do *Museo zoologico di Roma*. Atualmente, a coleção de moluscos recentes encontra-se no *Museo Civico di Zoologia* e a coleção de fósseis é parte integrante do acervo do *Istituto di Geologia e Paleontologia dell'Università di Roma*. Por ocasião da morte de Giovanni Rigacci, em 1871, o advogado Vincenzo Conti (?-?) escreveu seu necrológico, encerrando-o com as seguintes palavras:

Il suo corpo riposa nel Campo Verano entro la camera sotterranea della famiglia Rigacci, come addita un apposito monumento che i suoi dilette fratelli Giuseppe ed Enrico, dopo tanto averlo pianto, gli fecero porre nell'arcata che le sovrasta. Oh! Valga a lenire in essi lo strazio di tanta perdita il pensare che il loro Giovanni non del tutto moriva, poichè la sua ricordanza durerà perenne per essere intimamente legata con i durevoli effetti di opere degnissime, ed al lungo compianto di che lo fecero meritevole le sue virtù: e che da ultimo, se il morire è inevitabile ad ognuno che nacque, lasciar dopo di sè una perpetua fiamma di Desiderio e di amore è privilegio solo de buoni e valenti. Ma se l'ultima e la più dolce parola di conforto, o sconsolati, io dovessi dirvi, valgami l'epigrafe che posi a capo di questo mio povero scritto; e voi nel pieno convincimento, che per correre di secoli la mano dell'eterno Maestro non fia per indebolirsi, ripetete col cantore de' sepolcri: 'Lode a lui, lode a lui sino a quel giorno'.⁸⁷

Apesar de sua importância no conhecimento da malacologia recente e fóssil da Itália e particularmente dos arredores de *Roma*, por um problema de datas, já que, em 1837,

Rigacci era um jovem de 21 anos de idade e que ainda não teria se dedicado ao estudo dos moluscos⁸⁸, a organização e remessa da coleção poderia estar relacionada a outro zoólogo italiano, Luigi Metaxà (1778-1842).

Natural de Roma, Luigi Metaxà era filho do conde de Cefalonia, professor de Direito na *Pontificia Accademia Ecclesiastica*, além de advogado e personalidade importante no meio jurídico romano ao final do século XVIII. Segundo sua curta biografia presente no *Dizionario Biografico degli Italiani*⁸⁹, seguindo a profissão paterna Metaxà iniciou os estudos universitários no *Pontificio Romano Archiginnasio*, interrompendo-os em 1798 quando da proclamação da República Romana. Retornou posteriormente à universidade cursando, porém, medicina, e a partir de 1802 teve seu nome ligado à medicina veterinária, tendo sido o primeiro docente dessa disciplina em Roma. A partir de 1810, Metaxà assumiu a cátedra de Anatomia e Medicina Comparada no *Archiginnasio di Stato di Roma*, uma disciplina relacionada aos animais de interesse veterinário. Metaxà, entretanto, tinha forte propensão científica e dedicou-se também ao estudo de muitos outros representantes do reino animal. Como resultado e com a reorganização do *Archiginnasio*, foi criada a cátedra de Zoologia, ocupada também por Metaxà. Além das duas cátedras, Metaxà tinha a responsabilidade de gerir o museu científico de zoologia e anatomia comparada, ao qual se dedicou intensamente. Seu gosto pela zoologia o levou a escrever uma monografia sobre as serpentes de Roma e seus contorni⁹⁰, palavra italiana pouco utilizada na época e também presente no documento com a lista de moluscos recentes e fósseis enviados do “Museu de Roma” em 1837. Assim, numa segunda hipótese, e certamente a mais correta, pode-se admitir que tenha sido Luigi Metaxà, e não Giovanni Rigacci, junto com seu discípulo e colaborador no museu, G. Ponzi, professor adjunto da cátedra de Zoologia, a enviar a coleção malacológica citada ao Museu Nacional.

As justificativas para o desaparecimento da coleção ficam, também, no campo das hipóteses, como a falta de retorno de um empréstimo para fins didáticos, prática comum com as coleções do Museu Nacional ao longo do século XIX, ou o seu extravio quando da transferência do acervo do antigo prédio situado no Campo de Santana para as novas instalações no palácio situado na Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, em 1890. Como consolo ficou a preciosa lista, mas a perda dos exemplares conchiliológicos no que seria a segunda coleção estrangeira de fósseis do Museu Nacional foi irreparável.

Em agosto do mesmo ano, o diretor do Museu Nacional, frei Custódio Alves Serrão (1799-1873), recebeu um Aviso em que o imperador Pedro II o autorizava a receber uma caixa e dois caixões com produtos zoológicos e mineralógicos enviados pelo “Diretor do Museu da Cidade de Roma”, o qual desejava ter em troca “outros produtos naturais do Brasil”⁹¹. Os caixões seriam entregues “pelo Doutor Scipião Domingos Fabbrini⁹², Encarregado de Negócios de Sua Santidade”. De acordo com o Aviso, o diretor do Museu Nacional ficava também autorizado a “dar em troca outros produtos do Brasil na forma praticada”⁹³. Entretanto, devido à falta de uma lista do material enviado, torna-se impossível dizer se o material procedente de Roma ainda se encontra nas coleções geológicas do Museu Nacional e desconhece-se informações de que a permuta tenha sido realizada.

Após esta remessa da qual pouco se tem notícias, cerca de cinco anos se passariam até que frei Custódio Serrão recebesse uma nova intenção de remessa proveniente da Itália, mas de Napoli, a qual aparentemente não se concretizou.

Quando si pretese di permutare la lava con gli smeraldi e la donazione del chirurgo

A oferta de Giacomo Lacaita e a doação do cirurgião Joaquim Pereira de Araújo

O marquês de Sapucaí certamente ficou surpreso. Junto à documentação diplomática que recebeu proveniente de 'Napoli' encontrava-se uma carta do barão de Cairú comunicando-lhe que um senhor chamado Giacomo Lacaita lhe havia ofertado uma coleção de minerais procedentes do 'Vesúvio' e de uma região próxima conhecida como 'Campi Flegrei', conhecida por sua constante atividade vulcânica. O marquês possivelmente não conhecia o doador napolitano, mas considerou importante sua proposta de permuta por minerais brasileiros e encaminhou a carta ao Museu Nacional. Frei Custódio, ainda ocupante do cargo de diretor geral do museu e também de diretor da recém criada seção de mineralogia, não deixou de mostrar seu contentamento com a notícia da chegada de uma nova coleção de minerais da Itália: a aquisição de minerais estrangeiros classificados era importante para os trabalhos de comparação com os exemplares brasileiros auxiliando na sua identificação. Logo que tomou conhecimento da importante missiva, frei Custódio levou a proposta ao conhecimento do conselho administrativo do museu que a aprovou com algumas ressalvas, pois a instituição não possuía todos os minerais solicitados. Após isso, nada mais se soube e o museu, aparentemente, perdeu uma grande aquisição.

No início de 1843, o representante da Legação do Brasil em Napoli, Bento da Silva Lisboa (1793-1864), segundo barão de Cairú e diplomata brasileiro, encaminhou ao ministro Cândido José de Araújo Vianna (1793-1875), marquês de Sapucaí, carta comunicando a oferta para o Museu Nacional de uma coleção mineralógica e geológica dos principais produtos do Vesúvio e de Campi Flegrei, apresentada pelo napolitano Giacomo Lacaita. Em troca, solicitava que lhe fossem enviados alguns produtos mineralógicos do Brasil, para os quais apresentava então uma pequena listagem dos exemplares que desejava receber, transcrita abaixo de acordo com a sua descrição original em italiano:

Legação do Brasil em Nápoles. 8 de fevereiro de 1843./[...]Tendo feito conhecimento com o napolitano Giacomo Lacaita, que é mui entendido em metalurgia, propôs-me ele oferecer ao Museu Nacional do Brasil os principais produtos mineralógicos e geológicos que [...] do Vesúvio em troca de outros que o seu museu lhe enviasse apresentando-me a lista, que adiante transcrevo mesmo em italiano. Respondi-lhe, que transmitiria a sua proposta ao governo imperial, que deliberará a este respeito, o que for mais acertado. Deus guarde a V. Exma. [...]. Candido José de Araujo Vianna. = Bento da Silva Lisboa = ./Lista dos produtos que oferece Giacomo Lacaita./Una collezione mineralogica e geologica dei principali prodotti del Vesuvio e dei Campi Flegrei./Lista dos produtos que deseja do Brasil./Smeraldi in esadri ben terminati/Ametiste cristallizzate e Carindone/Atacamite fibrosa e sabbiosa/Quarzo giallo e verde, o di altro colore/Sabbie aurifere e platinifere/Pepite di oro nativo/Ferro foglioso micaceo (Itabirite)/Saggi diversi di quarzite flessibile di Minas Geraes, vicino Villa Rica/

*Infine, saggi delle rocce che accompagnano la formazione geologica di Minas Geraes, e degli altri minerali del Brasile.*⁹⁴

Apesar da falta de informações sobre o doador italiano, existe possibilidade de que se trate de Giacomo Fillipo Lacaita, político e diplomata italiano. Nascido em 1813 na *Manduria, Puglia*, no então *Regno di Napoli*, e falecido em 1895 em *Posillipo*, localidade situada próximo à cidade de *Napoli*, Lacaita atuou como senador durante a XII Legislatura em 1876 pelo Reino da Itália, já unificada. Advogado em *Napoli*, Lacaita era também conhecido como um homem de Letras, sendo possível que, em 1843, aos 30 anos de idade, com interesse pela história natural, tenha desejado estabelecer permuta com o Museu Nacional na esperança de obter, assim, produtos mineralógicos brasileiros. Como homem culto, certamente teria fácil acesso ao Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário brasileiro em *Napoli*, com quem fez contato e apresentou sua proposta de permuta.

O documento somente chegou às mãos do diretor do Museu Nacional em junho do mesmo ano, através de um ofício encaminhado pelo então Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, José Antonio da Silva Maia (1789-1853), solicitando um parecer sobre o referido pedido de permuta:

Aviso de 19 de junho de 1843./Remete um Ofício de nosso Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário em Nápoles para informar sobre a proposta do napolitano Giacomo Lacaita de trocar produtos do Vesúvio por outros do Brasil./[...]/Senhor Frei Custódio Alves Serrão/Sua Majestade o Imperador manda.⁹⁵

Em sessão do dia 26 de junho o Conselho Administrativo do Museu Nacional aprovou a proposta, sendo, no mês seguinte, o diretor autorizado a estabelecer correspondência com o senhor Lacaita sobre a substituição de alguns dos produtos solicitados⁹⁶, já que o Museu Nacional não dispunha de todos os exemplares solicitados. É interessante notar que na sua proposta de permuta Lacaita solicitou o envio de minerais preciosos como uma esmeralda e uma pepita de ouro, como troca pelos minerais do *Vesuvio*.

Nada mais se sabe sobre o desenrolar dessas negociações, já que não se encontram nos arquivos do Museu Nacional quaisquer documentos que possam comprová-las, nem registros de chegada ou remessa das coleções, tanto a ofertada por Lacaita como a dos produtos brasileiros. Supõe-se que as negociações não se concretizaram, já que o nome de Giacomo Lacaita não consta da relação de doadores do Museu Nacional publicada por Ladislau de Souza Mello e Netto em sua obra *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional*⁹⁷, e nem referência a ele nos comentários elaborados por João Baptista de Lacerda e relacionados às anexações de produtos mineralógicos do *Vesuvio* às coleções do Museu Nacional, em seus *Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*⁹⁸. Sobre a chegada de minerais do *Vesuvio* ao Museu Nacional, ambos somente fazem referência à doação feita, no mesmo ano, pelo médico cirurgião Joaquim Pereira de Araújo.

Frei Custódio encontrava-se apreensivo. Havia dois meses que encaminhara a carta referente à proposta de Giacomo Lacaita e receava que o napolitano não concordasse com a substituição de alguns minerais brasileiros que ele desejava. As amostras do ‘Vesúvio’ e de ‘Campi Flegrei’ seriam um bom complemento para o acervo geológico do Museu Nacional. Entretanto, era preciso ter paciência, pois um oceano separava o Brasil da Europa e a resposta de ‘Napoli’ poderia levar ainda algum tempo. Mas se por um lado a espera o preocupava, por outro uma nova oferta o deixara animado. Frei Custódio havia recebido uma caixa com produtos do ‘Vesúvio’ remetida pelo imperador Pedro II através de José Antonio da Silva Maia, então ministro dos Negócios do Império. A caixa era uma oferta de um médico cirurgião da Armada que a havia trazido de ‘Napoli’ e a ofertava ao Museu Nacional. Após análise do conteúdo, frei Custódio respondeu ao ministro comunicando o valor das amostras contidas na caixa. Independentemente da oferta de Giacomo Lacaita, o Museu Nacional agora contava efetivamente com amostras vulcânicas e minerais procedentes do ‘Vesúvio’. Com a boa fase que o museu agora passava em função de seus apelos ao governo, a nova coleção certamente teria sua guarda garantida para as gerações futuras.

Dois meses após a recomendação de negociações com Giacomo Lacaita uma nova oferta de “minerais e lavas do Vesúvio” foi apresentada, desta vez por um médico cirurgião da Armada, Joaquim Pereira de Araújo (?-?), que havia chegado de *Napoli* e desejava doar uma caixa com o citado material ao Museu Nacional. De acordo com o conteúdo da carta encaminhada por José Antonio da Silva Maia (1789-1853), Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, ao diretor do Museu Nacional, frei Custódio Alves Serrão, a remessa ao museu vinha por mando do imperador:

Sua Majestade o Imperador manda remeter a V. M^{ce}. uma caixa contendo minerais e lavas do Vesúvio que o cirurgião formado Joaquim Pereira de Araujo trouxe de Nápoles, e oferece para o Museu Nacional desta Corte. E há por bem que V. M^{ce}. informe sobre o merecimento da oferta./Deus guarde a V. M^{ce}./Paço em 15 de setembro de 1843./José Antonio da Silva Maya.⁹⁹

Até o momento não foram encontradas outras informações detalhadas sobre o conteúdo da referida caixa, apenas de que a oferta foi aceita¹⁰⁰ e registrada na sessão do Conselho Administrativo do Museu Nacional em 4 de outubro do mesmo ano. Segundo o relatório da Repartição de Negócios do Império referente ao ano de 1843, apresentado na Assembleia Geral Legislativa em 1844 por José Carlos Pereira de Almeida Torres (1799-1850), segundo visconde com grandeza de Macaé e que na ocasião ocupava o cargo de Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, o diretor do Museu Nacional informou que as amostras doadas pelo cirurgião eram em sua maior parte de pequeno volume, mas nem todas devidamente caracterizadas; apesar disso, foram consideradas de grande importância para a instituição por se tratar de espécies minerais ainda não presentes no Museu Nacional e que poderiam servir para posterior comparação com outras amostras “cujas localidades eram mal conhecidas”¹⁰¹. Pode-se supor que parte das amostras doada pelo cirurgião seja a que hoje consta no acervo da coleção de mineralogia e registrada no seu respectivo livro de tombo como provenientes do *Vesúvio*, já que o nome do cirurgião consta como um dos doadores do Museu Nacional¹⁰². Além disso, de acordo com as informações de João Batista de Lacerda (1846-1912)¹⁰³, o Museu Nacional há mais de um ano passava por uma fase de

“boa organização”, fruto das constantes solicitações de frei Custódio Serrão ao governo imperial, possibilitando melhores condições para a guarda das coleções que aqui chegavam. Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894) também relacionou uma série de minerais de “formações vulcânicas” presentes nas coleções do Museu Nacional em 1870, alguns especificamente como procedentes da Itália, como as amostras de hauinita (“hauyna”)¹⁰⁴: “hedenbergito com epidoto”, “hauyna vitrosa e cerulea em peperino anfigênico”, “hauyna vitrosa com piroxênio”, “hauyna azul celeste com feldspato”, “wollastonito em uma antiga lava feldspática, de *Capo di Bove*, em Roma”, “chabasie ou zeólita cúbica”, “chabasie com mesotipo capilar”, “gismondina acicular”, “gismondina com aragonita”, “lazulita em peperino”, “stronciana sulfatada dodecaédrica, da Sicília”, e “epidoto manganezífero” (piemontita).

As amostras, portanto, já estariam presentes no acervo do Museu Nacional em meados do século XIX, devidamente arrumadas nos armários que mobiliavam suas salas.

VI

Un contributo dalla Sardegna **Uma contribuição de Domenico Lovisato**

Era a manhã ensolarada de uma quarta-feira, no dia 16 de junho de 1847, quando o novo diretor do Museu Nacional, Frederico Leopoldo Cesar Burlamaque, cruzou a porta de entrada do prédio que abrigava o museu para assumir o comando da mais importante casa de História Natural do país. Burlamaque havia sido indicado para o importante cargo naquele mesmo dia e, certamente, sua preocupação era dar continuidade ao trabalho de seu antecessor que procurou, sobremaneira, incentivar o aumento do acervo da instituição. Com grande amor pela paleontologia, durante a sua gestão conseguiu a remessa para o Museu Nacional dos fósseis da megafauna brasileira que eram encontrados nos tanques e cacimbas do Nordeste, além de conseguir muitos outros exemplares geológicos de outras regiões do país. Mas, apesar do seu esforço para reforçar o acervo do museu, pouco material geológico vinha da Itália, situação que de certa forma, ao que tudo indica, permaneceu pelas décadas seguintes, como se poderá ver nos breves comentários deste capítulo. Entretanto, pela importância de um personagem da ‘Sardegna’, geólogo consagrado dessa interessante ilha mediterrânica, um exemplar mineralógico se destaca no acervo geológico do museu, uma calcita de ‘Monteponi’ e, seu doador, o italiano Domenico Lovisato.

Além dos minerais da coleção Werner, durante o século XIX outros exemplares foram remetidos ao Museu, mas cujas datas de chegada não foi possível definir, encontrando-se no acervo da coleção de mineralogia. São principalmente amostras de hematita, magnesita, enxofre, pirita, granada, anfibólio, epidoto, piemontita, anglesita, cerussita, ilvaíta e barita, procedentes de várias localidades como a *Isola d’Elba*, os vales do *Piemonte*, a *Sardegna*, a *Sicília* e, inclusive, a *Savoia*, que antigamente pertencia à região do *Piemonte*. Dos 138 registros do acervo, somente dois fazem referência ao possível doador: uma amostra de epidoto do *Piemonte* atribuída ao senhor M. Beske (?-?), em 1824 (citado na relação de doadores por Ladislau Netto¹⁰⁵), e outra de calcita proveniente de *Monteponi*, *Sardegna*, atribuída ao ilustre geólogo e professor Domenico Lovisato, em 1890.

Domenico Lovisato nasceu na *Isola d’Istria* em 1842 e, após breve passagem pela *Università degli Studi di Sassari* de 1879 a 1884, veio a ser docente da *Università degli Studi di Cagliari*, na *Sardegna*. Em 1881, quando ainda professor em *Sassari*, participou de uma expedição científica à Patagônia, incluindo a Terra do Fogo, na Argentina. Entre outras atividades, Lovisato organizou o *Club Alpino Sardo* em *Cagliari*. Embora não existam documentos a respeito, é possível que no caminho para a Argentina Lovisato tenha aportado no Rio de Janeiro e conhecido o Museu Nacional, já que a cidade era parada quase obrigatória dos diversos navios que se dirigiam ao sul do continente sul-americano. Na ocasião poderia ter feito contato com a direção do museu e estabelecido possibilidades de doação ou permuta de minerais italianos por outros brasileiros. De *Cagliari*, em 1890, teria então enviado uma coleção de minerais (e talvez rochas), ao invés de uma única amostra, ao Museu Nacional, sendo possível que correspondam aos exemplares provenientes da *Sardegna* e, talvez, também do *Piemonte*. Quanto aos exemplares provenientes da *Isola d’Elba*, um dos registros do

acervo faz referência ao nome de Dom Pedro II, devendo ter pertencido à coleção particular do imperador conhecida como o Museu do Imperador¹⁰⁶.

Cabe aqui ressaltar que Lovisato foi amigo de Giuseppe Garibaldi (1807-1882), grande patriota italiano considerado como um dos personagens ligados à unificação italiana e que também atuou na conhecida Revolução Farroupilha, no Sul do Brasil. Garibaldi nasceu em 4 de julho de 1807 na cidade de *Nizza*, hoje Nice, na França, que na ocasião era ocupada pelo Primeiro Império Francês, mas que novamente passou a pertencer ao *Regno di Sardegna-Piemonte* com a queda de Napoleão Bonaparte (1769-1821). Como revolucionário italiano, Garibaldi participou de inúmeras escaramuças no solo italiano até que, após o fracasso da insurreição de *Genova* em 1834, retirou-se da Itália chegando posteriormente ao Brasil onde teve participação ativa nas campanhas militares da Revolução Farroupilha, “uma das revoltas que evidenciaram, no período regencial, as crises que marcaram a organização do país independente, mobilizando a província do Rio Grande de São Pedro e alcançando Santa Catarina, entre 1835 e 1845”¹⁰⁷. Garibaldi chegou a ocupar o posto de capitão-tenente e comandante da marinha farroupilha e, após ter participado de diversos combates, particularmente em Laguna, Santa Catarina, conheceu Ana Maria de Jesus Ribeiro, com quem se casou e que ficou conhecida como Anita Garibaldi (1821-1849). Em 1840 deixou suas funções na revolução, dirigindo-se ao Uruguai onde viveu antes de retornar à sua pátria em 1848 e participar da luta pela unificação italiana. Garibaldi passou seus últimos anos de vida na *Isola di Caprera*, no arquipélago *La Maddalena*, situado ao norte da *Sardegna*, onde faleceu em 2 de junho de 1882 aos 74 anos, sendo enterrado em uma tumba preparada com granito do arquipélago. Curiosamente, Lovisato dedicou-se ao estudo de minerais e rochas da *Isola di Caprera*, que visitava anualmente por honra da memória de seu grande amigo Garibaldi¹⁰⁸. Apesar de percorrer o arquipélago inteiro, visitava particularmente a grande pedreira de granito de *Cala Francese*, situada na parte meridional da ilha de *La Maddalena*, quando esta se encontrava no ápice de sua atividade extrativa. Após sua morte em 23 de fevereiro de 1916, atendendo ao seu desejo, sua tumba no velho cemitério de Bonaria em *Cagliari* encontra-se recoberta por uma pedra do granito de *Cala Francese*¹⁰⁹, quem sabe talvez como um sinal de amizade com Garibaldi.

A contribuição de Domenico Lovisato ao Museu Nacional certamente pode ter sido muito maior que uma simples amostra e o material da *Isola d'Elba*, se não foi enviado por ele, pode ser atribuído ao acervo do Museu do Imperador, posteriormente anexado às coleções do Museu Nacional. As demais aquisições, ocorridas no século XX, principalmente as doadas pelo barão Ottorino de Fiore di Coprani, um nobre siciliano, serão abordadas separadamente.

VII

Geologia imperiale e la cassa dimenticata

A coleção de D. Leopoldina, o Museu do Imperador e uma outra “Coleção do Vesúvio”

Solitária em um canto do depósito do Departamento de Geologia e Paleontologia, uma caixa se destacava pela identificação que se encontrava em sua tampa: “coleção do Vesúvio”. Gavetas e caixas repletas de material geológico como rochas, minerais e fósseis coletados por décadas encontravam-se espalhados ao redor, cobertos de poeira, mas aguardando pacientemente o seu estudo. As dimensões da caixa e os dizeres sobre a tampa chamaram a atenção do professor Antonio Carlos, que vinha já há algum tempo coletando informações históricas sobre o acervo do museu. Antonio Carlos, junto com o geólogo Vittorio Pane, da Itália, havia iniciado uma pesquisa de recuperação de informações sobre as contribuições geológicas italianas presentes no museu e a empoeirada caixa suscitou a curiosidade dos dois pesquisadores. Aberta, seu interior revelou uma sequência de divisões contendo amostras espalhadas aleatoriamente, acompanhadas de fragmentos diversos de etiquetas em grande parte comidas pela ação de insetos ou destruídas pelo mofo e a umidade. Levada ao laboratório do departamento iniciou-se um frenético trabalho de limpeza das amostras existentes e das etiquetas carcomidas. Os resultados positivos não tardaram a surgir. Conhecedor da geologia italiana, Vittorio logo identificou as amostras e seus conteúdos minerais associando-os às localidades vulcânicas do solo italiano e aos fragmentos de etiquetas que puderam ser recuperados. Salvava-se, assim, um importante acervo mineralógico de localidades italianas hoje inacessíveis. Teria a caixa e seu conteúdo pertencido ao Museu do Imperador? Teria sido um presente enviado a Dom Pedro II ou resultado de suas visitas a ‘Napoli’, acompanhado da imperatriz de origem napolitana? São perguntas que certamente não poderão ser respondidas, mas o conteúdo da caixa muito nos tem a dizer sobre o passado vulcânico da Itália.

Com grande interesse pelas artes e pelas ciências, o imperador Pedro II reuniu ao longo da vida quantidade significativa dos mais diversos objetos de praticamente todas as áreas, conservando-os cuidadosamente arrumados em quatro salas situadas nos fundos do primeiro pavimento do Paço de São Cristóvão. A princípio, a variedade de artefatos que compunham sua coleção particular poderia nos remeter à ideia dos antigos gabinetes de curiosidades que se desenvolveram até o século XVII, onde os *curiosi* armazenavam e expunham os mais exóticos objetos que obtinham. Uma análise do inventário de objetos pertencentes à coleção de Dom Pedro II, presente no Museu Imperial de Petrópolis, nos permite visualizar alguns dos objetos exóticos do acervo como latas de ossos de índios, múmias egípcias, chifre de unicórnio, dentes de elefante, uma cabeça de índio com cabelos, um cérebro para estudos, além de cabeças de gauleses encontradas no sul da França¹¹⁰. Além do acervo exótico, a coleção continha também, entre outros objetos, minerais e rochas provenientes da Itália, e ainda objetos e utensílios procedentes das escavações de Roma.

A coleção particular do imperador teve como origem a coleção mineralógica e numismática

de sua mãe, a imperatriz Maria Leopoldina Josefa Carolina (1797-1826), a qual possuía um gabinete de minerais desde os 13 anos de idade. Na segunda metade do século XIX, o imperador aumentou gradativamente a coleção original de sua mãe, acrescentando os objetos que recebia quando das visitas de naturalistas, chefes de Estado e outros viajantes, além da aquisição das peças que também por vezes lhe eram presenteadas durante as viagens que realizou tanto dentro como fora do país. A coleção era arrumada e classificada pelo próprio imperador, fato relatado pelo viajante inglês Thomas Ewbank, ainda no período que aqui esteve entre 1845 e 1846, e sobre a qual comentou sobre sua organização¹¹¹. Reunida nas salas para exposição e apreciação de observadores especialistas, a coleção era denominada pelo imperador como museu e, por este motivo, além do seu aspecto organizacional e dos novos enfoques sobre os gabinetes de história natural, foi designada como Museu do Imperador pela historiadora Regina Maria Macedo Costa Dantas (1962-)¹¹².

Com a proclamação da República em 1889 e o exílio do imperador em Paris, a coleção permaneceu no Paço de São Cristóvão e, apesar do documento de doação de Dom Pedro II, foi salva de ter sido leiloada graças ao empenho pessoal do diretor do Museu Nacional, Ladislau Netto, sendo incorporada à instituição em 1892. O acervo assim foi distribuído através das “Secções” que formavam administrativamente o museu e a coleção de minerais do imperador seguiu para a seção atualmente representada pelo Departamento de Geologia e Paleontologia, que incluía exemplares de diversas regiões do mundo. É certamente do acervo do Museu do Imperador que veio o exemplar proveniente da *Isola d'Elba* cujo registro faz referência ao nome de Dom Pedro II; além desse exemplar, foi também identificada uma coleção de amostras de minerais procedentes do *Vesuvio*, situado próximo a *Napoli*, e exemplares de lava oriundos das encostas do *Etna*, na *Sicilia*.

Identificada externamente como “Coleção do Vesúvio”, uma caixa encontrada nas dependências do Departamento de Geologia e Paleontologia revelou a presença de valiosas amostras de minerais procedentes do *Vesuvio* e de outras localidades de conhecida atividade vulcânica, como as *Isole di Lipari* e *Isole dei Ciclopi*, na região da *Sicilia*. A coleção encontra-se representada por minerais como hornblenda, augita, andradita, espinélio, estilbita, hematita, pirita, biotita, titanita, flúor-apatita e analcima. A má preservação das etiquetas originais e a inexistência de documentação descritiva da coleção impossibilitou o reconhecimento de seu organizador e, conseqüentemente, do doador; entretanto, a análise do diário do imperador Pedro II, permitiu lançar hipóteses sobre a origem da coleção.

Estudioso, o imperador sempre demonstrou grande desejo de conhecer a Europa e, das três viagens que realizou ao exterior, na primeira (de 25 de maio de 1871 a 30 de março de 1872) e na terceira (de 30 de junho de 1887 a 22 de agosto de 1888), esteve na Itália onde visitou o *Vesuvio* e as ruínas das cidades de *Ercolano* e *Pompeia*, próximas a *Napoli*. Além do interesse científico do imperador, as passagens por *Napoli* permitiam à imperatriz Teresa Cristina de Bourbon (1822-1889)¹¹³, princesa do Reino das Duas Sicílias, rever sua terra natal e a família. Na primeira viagem, em 1871, o imperador foi ciceroneado por dois eminentes cientistas italianos, o arqueólogo Giuseppe Fiorelli (1823-1896) e o físico Luigi Palmieri (1807-1896), que o acompanharam respectivamente a *Ercolano* e à cratera do vulcão. Fiorelli foi um importante estudioso da arqueologia de *Pompeia*, sendo em grande parte responsável pelas escavações na cidade, além de professor de Arqueologia na *Università di Napoli* e diretor das escavações no período de 1860 a 1875; Palmieri, também professor na mesma universidade, ocupou o cargo de diretor do *Osservatorio Vesuviano*, de 1855 a 1896. Em 1888, durante sua terceira viagem à Europa, o imperador reencontrou os dois cientistas, além de Eugenio Semmola (?-?), que na época ocupava o cargo de vice-diretor do observatório. Em seu diário, Dom Pedro II aludiu às coleções do *Vesuvio* presentes no observatório, que lhe foram mostradas por Palmieri. Acreditamos que durante esta última

visita tenha sido, então, presenteado com a coleção de minerais do *Vesuvio* e de outras localidades vulcânicas da Itália. A identificação das amostras nas etiquetas recuperadas atesta o grande conhecimento do organizador e, a sua redação em francês, idioma muito utilizado na comunicação científica ao final do século XIX, permite supor a antiguidade da coleção, certamente preparada por ocasião da visita do imperador. Assim como os outros objetos presenteados a Dom Pedro II, a coleção veio compor parte dos objetos naturais do Museu do Imperador, posteriormente encaminhado às antigas seções científicas do Museu Nacional. Sua não inclusão na coleção de mineralogia da instituição, entretanto, permanece em mistério. Por ser composta de minerais procedentes de localidades hoje inacessíveis, a coleção da misteriosa caixa revela-se de grande importância científica e, devido a sua ligação com o museu de Dom Pedro II, de valor histórico expressivo para a instituição. Quanto ao *Vesuvio*, cujo nome encontrava-se assinalando a origem da coleção, nem sempre foi agradável à visita de brasileiros, como poderia afirmar o ilustre Silva Jardim.

A imagem do *Vesuvio* sempre esteve, diretamente ou não, ligada à família imperial brasileira no Segundo Reinado e, também, em decorrência de um triste acontecimento ocorrido com o ilustre brasileiro, dois anos após a Proclamação da República e o exílio de Dom Pedro.

A primeira ligação relaciona-se ao retrato de Teresa Cristina, então princesa do *Regno delle Due Sicilie*, apresentada em 1843 ao imperador que procurava uma princesa “da alta realeza” para casar; dos retratos que lhe foram mostrados, em um deles, atrás da princesa, estava “o Vesúvio, como prova da origem da futura esposa”¹¹⁴.

Duas imagens do *Vesuvio* foram desenhadas pelo próprio imperador Pedro II em seu diário no dia 16 de abril de 1888, quando de sua terceira viagem ao estrangeiro, com a seguinte frase acima do desenho: “Como está belo o Vesúvio todo cor de rosa desmaiada!”. No dia seguinte o imperador visitaria então o vulcão, fazendo os seguintes comentários em seu diário: “Depois de almoçar no hotel perto do plano inclinado que chega a formar o ângulo de 63° subi até um ponto que pouco dista da cratera, a cuja borda cheguei a pé e as senhoras em cadeiras carregadas por quatro homens. Fumegava bastante e atirava às vezes pedras a grande altura. Era um belo espetáculo. Depois visitei o observatório onde se estudam os fenômenos e fazem-se coleções relativas ao Vesúvio. Palmieri aí estava; tudo me mostrou e prometeu-me suas últimas publicações”.

No ano seguinte, em 15 de novembro, era proclamada a República, levando a família imperial ao exílio. No movimento republicano havia militares e civis e, entre estes últimos, estava o advogado e político Antônio da Silva Jardim (1860-1891), que se envolveu intensamente com a causa republicana. Em discursos e reuniões que participava, Silva Jardim defendia “a execução sumária de membros da família imperial brasileira que eventualmente resistissem à troca da Monarquia pelo regime republicano”¹¹⁵, como a que participou em Campinas em 26 de fevereiro de 1888 onde disse: “Execução? Sim, execução! Matar, sim, se tanto for preciso; matar”¹¹⁶. Sem dúvida, Silva Jardim era “o mais exaltado propagandista da república, [...] sonhando com uma nova Revolução Francesa no Brasil”¹¹⁷. No dia da proclamação, entretanto, Silva Jardim não foi comunicado da movimentação das tropas e, assim, “perdeu a chance de testemunhar o momento mais crucial da Proclamação da República. Por essa razão se tornaria um homem amargurado pelo resto da vida”¹¹⁸.

Após ser derrotado em sua candidatura ao congresso, Silva Jardim retirou-se da política e viajou ao exterior, visitando *Napoli*, *Pompeia* e, inclusive o *Vesuvio*. Foi na visita ao vulcão que Silva Jardim encontrou a morte, no dia 1º de julho de 1891. Os acontecimentos nesse dia foram relatados pelo Sr. Joaquim Carneiro de Mendonça (?-?) no jornal “A Patria Mineira” em sua edição de 30 de julho do mesmo ano:

A morte de Silva Jardim/Da Carta Parisiense de Xavier de Carvalho dirigida ao Paiz,

extraímos, sobre a morte de Silva Jardim, o tópico seguinte:/Paris, 4 de julho/Acabamos de estar com Joaquim Carneiro de Mendonça, o companheiro de Silva Jardim e que deve a um milagroso acaso o achar-se hoje são e salvo./O sr. Mendonça chegou esta tarde. Vem com a mão esquerda envolvida num lenço, porque tem os dedos quase queimados. O joelho esquerdo também apresenta largas queimaduras. Mas nenhum dos ferimentos é grave e a cura deve ser rápida./Eis como Mendonça nos contou a horrível tragédia./Silva Jardim estivera na véspera com o cônsul do Brasil em Nápoles, o seu velho companheiro de S. Paulo, o sr. Américo de Campos, que lhe recomendou sobretudo de se abster a um passeio no Vesúvio, porque o vulcão ameaçava uma erupção próxima. Mas o infeliz moço, que era um intemperato, sorriu-se de todos os conselhos e no dia seguinte realizou enfim a perigosa ascensão, em companhia de Carneiro de Mendonça e de um simples guia./Um detalhe curioso:/Durante a ascensão, que devia terminar de uma maneira tão horrível, Silva Jardim só dizia para Mendonça:/- Oh! Meu nobre amigo: isto vai ser o diabo. Tenho o pressentimento de que vamos ficar aqui engolidos pelo monstro, como o sábio Plínio da Antiguidade./Chegaram os três, ao alto da cratera, que estava em completa ebulição, soltando rancos pavorosos e vomitando chamas. O terreno fumegava, exalando grandes vapores de enxofre. Mas Silva Jardim, sem receio de espécie alguma, avançou resolutamente para a boca do abismo, não obstante a oposição de Mendonça e do guia./Num relancear de olhos, a terra principiou a fender-se, abrindo grandes gretas em volta, quando Mendonça gritou espavorido./- Ó Jardim, fuja, fuja!/Neste momento, Mendonça recuou, enterrando-se numa fenda até quase a altura do peito, e Jardim, segundo afirmou o guia, levou as mãos aos ouvidos, como que apoiando a cabeça, e escorregou pelo abismo abaixo! Nem um grito, nem uma exclamação sequer!/Mendonça, ajudado pelo guia, conseguiu erguer-se a custo, com as mãos cheias de queimaduras, e principiou a correr como um louco em direção à Nápoles, onde foi participar o triste acontecimento ao cônsul brasileiro./Todos os jornais napolitanos se ocupam da horrível tragédia!/Eram 6 ½ horas da tarde do dia 1º de junho, quando o drama teve lugar.¹¹⁹

Durante o século XIX o *Vesuvio* entrou em erupção por cerca de oito vezes. Em 1855 e 1872, esta última data com a erupção mais comentada, correntes de lava invadiram *Massa di Somma* e *San Sebastiano al Vesuvio*. De 1891 a 1894 ocorreram erupções com conduto aberto, caracterizado por emissões de magma tranquilas resultando na formação de vastos corpos de lava na colina denominada *Colle Margherita*¹²⁰.

Foi nesse período de intensa atividade vulcânica que Silva Jardim, mesmo desaconselhado pelo seu amigo Américo de Campos, cônsul brasileiro em *Napoli*, decidiu subir ao *Vesuvio*. Se caiu na fenda que se abria por acidente ou por vontade própria, nunca se saberá. Sobre o ocorrido, José do Patrocínio (1854-1905), famoso jornalista e abolicionista brasileiro, declarou: “Extraordinário o destino do grande brasileiro: até para morrer se converteu em lava”¹²¹, pois o corpo de Silva Jardim jamais foi encontrado. No mesmo ano, em 5 de dezembro, morria Dom Pedro II, em Paris, exilado pela República que se esqueceu de Silva Jardim. Dona Teresa Cristina, a quem Silva Jardim desejou a morte como membro da família imperial caso esta se recusasse a ir para o exílio, faleceu dois anos antes, no Porto, em Portugal, em 28 de dezembro de 1889. O vulcão de sua terra natal, por vingança ou não, tragou aquele que poderia ter sido seu algoz.

VIII

Intreccio tra politica, geologia e cultura popolare

As lavas do Etna e o vice-cônsul em Catânia

O vice-cônsul do Brasil na cidade de 'Catania', no litoral leste da 'Sicilia' estava eufórico. Havia conseguido reunir uma série de informações a respeito da surpreendente erupção do 'Etna' ocorrida pouco mais de seis meses antes naquele ano de 1886. Antonino Barbera preparou então um rico relatório sobre as atividades do famoso vulcão siciliano, contando a história de suas atividades desde a Antiguidade e um relato detalhado da erupção daquele ano, ao qual juntou mapas e fotografias reveladoras, além de algumas amostras de lava. Todo esse trabalho tinha um destinatário nobre, o imperador do Brasil, Dom Pedro II, grande incentivador das ciências do país que ele representava em 'Catania'. Seu trabalho não havia sido inútil; recebidos pelo monarca, após sua leitura o relatório e as amostras de lava foram guardados por Dom Pedro em sua coleção particular, o Museu do Imperador, cujo acervo foi posteriormente incorporado ao Museu Nacional. O importante relatório permaneceu na instituição e, as amostras de lava, passaram a ser parte integrante de seu acervo petrográfico, disponível para consulta por pesquisadores e historiadores interessados nas atividades do terrível vulcão que, em sua ira, imponente e majestoso, com frequência despeja sua carga fumegante de lava no solo siciliano.

No final de 1886, o comerciante Antonino Barbera (?-?), na ocasião ocupando o cargo de vice-cônsul do Brasil em Catania, na Sicilia, enviou ao imperador Pedro II um amplo relatório sobre a "espantosa erupção no histórico Etna", ocorrida em 19 de maio de 1886.

De nacionalidade italiana, Antonio ou Antonino Barbera exerceu o cargo de vice-cônsul em Catania de 30 de abril de 1877, data em que sucedeu a seu pai, Gaetano Barbera (?-?), até 10 de novembro de 1887 quando, por ter sido declarado falido e, portanto, incapacitado para a função, foi substituído por seu irmão, Eduardo Barbera, que já exercia a função de agente comercial¹²². Na época os vice-cônsules eram, em geral, estrangeiros indicados entre os comerciantes da praça pelo cônsul responsável, no caso o Cônsul-Geral em Genova. Após a aprovação da escolha pelo governo brasileiro, emitia-se a carta-patente, dependendo a entrada em funções do exequatur do governo do país onde devia exercer suas atribuições consulares. Foi então no período que ocupava a função que Antonino Barbera, certamente ciente do grande interesse de Dom Pedro II pelas ciências, elaborou e encaminhou o relatório ao imperador, como assinalou no início de seu relatório:

Sire/Ignore se l'eco della spaventevole eruzione del nostro storico Etna, avvenuta il 19 maggio 1886, abbia varcato l'Oceano e sia giunta sino a codeste lontane terre./Conoscendo però l'amore che la M.V. (Maestà Vostra) porta a tutte le emanazioni della scienza a tutto ciò ch'è di bello e grande, ardisco sommetterle (sottometterle) questa umile relazione, la quale senza aver la pretesa di essere una descrizione scientifica del grande fenomeno, serve solamente ad accompagnare la tenue offerta che ardisco presentare alla M.V. d'una povera collezione di pietre vulcaniche contenenti varie sostanze chimiche e minerali, raccolte con amore nel fondo del nuovo cratere formato dalla odierna eruzione. Ciò che mi à (ha) incoraggiato a tanto, è il fatto, che forse è la prima volta che nel fondo di un cratere rinvengonsi di tali sostanze. Augurandomi quindi che la M.V. si degnerà di accogliere benignamente il

*mio umile omaggio, passo subito ad alcuni dettagli che credo indispensabili, anche scusare lo scopo che mi animò a tanto ardire. Senza volermi internare nel labirinto delle disparate opinioni degli scienziati intorno alla primitiva formazione del nostro vulcano, splendido, per singolare bellezza di tinte e di forme, terribile nella sua ira, maestoso, imponente, il quale erge il suo cono centrale a 3312 metri dal livello del mare [...].*¹²³

O relatório, datado de 2 de dezembro do mesmo ano da erupção, no qual o autor não pretendia apresentar uma descrição científica do grande fenômeno, assinala ser a primeira vez que no fundo de uma cratera encontravam-se várias substâncias químicas e minerais, fato que o teria encorajado a enviar tal oferta, e que “servia apenas para acompanhar uma coleção de lavas vulcânicas”. Incorporado ao acervo do Museu do Imperador, o relatório permaneceu desconhecido até recentemente quando foi encontrado entre os documentos do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional. Com 28 páginas e redigido em italiano, o que não era dificuldade para o imperador, já que falava fluentemente o idioma, o relatório contém oito fotografias tomadas após a erupção, onde são observadas lavas já consolidadas nas localidades de *Nicolosi*, *Belpasso*, *Monte Gemellaro* e *Monte Grosso*, além de uma visão da nova cratera formada no evento. Como complemento ao relatório, Barbera anexou duas plantas topográficas, editadas por Nicoló Ciannotta (?-?), redigidas pelo *Club Alpino Italiano* sediado em *Catania*, dando ao imperador uma ideia mais exata do que era descrito. Acompanhando ainda o relatório, encontravam-se os fragmentos de lava citados que, com a anexação das coleções do Museu do Imperador ao Museu Nacional, foram incorporados ao acervo e, atualmente (em número de nove amostras), encontram-se registrados na coleção de petrografia.

Barbera elaborou seu relatório de forma a detalhar os eventos ocorridos naqueles fatídicos dias de maio de 1886. Iniciou apresentando um histórico das principais erupções do *Etna* desde a Antiguidade com ressalva para as mais importantes. Em seguida passou aos comentários sobre as composições das lavas expelidas pelo vulcão em 1883 e 1886 e relatou os eventos ocorridos durante a última erupção desde seus primeiros sinais de atividade em 18 de maio:

Il diciotto maggio, una di quelle splendide giornate della nostra ridente primavera, verso le 11 a/m, dal tranquillo cratere centrale dell'Etna, si levò ad un tratto, un enorme pennacchio di fumo, nero, vorticoso, pesante./Allargandosi alla sua sommità, prendea la figura d'un pino colossale la cui altezza arrivasse ai 2000 metri dal livello del cratere (il quale è bene rammentare, è a 3312 metri sul livello del mare)./Contemporaneamente, delle scosse di terremoto non molto sensibili furono avvertite./Ciò durò sino alle 8 pm. Ora in cui tutto parve tornato in calma, essendo scomparso il vortice di fumo e cessate le scosse./Gli animi degli Etnicoli allarmati sin dal mattino parvero tornare alla tranquillità, una tranquillità relativa, imperocchè un sentimento istintivo di terrore, pareva che li facesse presaghi del lugubre disastro che loro minacciava./Era appena suonata la mezzanotte, quando un fortissimo terremoto svegliò, e fece saltare dal letto, tutti gli abitanti della regione alta dell'Etna./La scossa violentissima produsse un gran panico, giustificabile per altro, non solo per la violenza del terremoto, il quale avrebbe potuto da solo arrecare gravi danni ai villaggi ed alle persone in quell'ora della notte specialmente, ma anche perché tali fatti dietro l'esperienza di secoli, non sono ordinariamente che l'annuncio d'un sovrastante disastro./E disastro era infatti, giacchè ad onta della luce diffusa dal plenilunio, potè osservarsi che il monte erasi spaccato nella parte orientale quasi a metà della sua altezza, e si distingueva fra la densa colonna di fumo l'immane incendio, che di momento in momento andava crescendo d'intensità./Non erano ancora fiamme, non erano ancora quelle terribili colonne che si alzeranno più tardi a sei o settecento metri, per poi ricadere pioggia di fuoco sulle circostanti valli erano solamente esplosioni di masse incandescenti, piccole piogge, vive, copiose così da illuminare splendidamente le grandi masse di fumo, che ne riflettevano cupamente la luce./Di notte non poteasi determinare il punto preciso della squarciatura, pure si accertò da dutti i pratici dei luoghi che il nuovo cratere era assai vicino ai villaggi di Nicolosi,

*Pedara, Borrello e Belpasso./Il 19 appena giorno, si constatò che la squarciatura s'era fatta tra Monte Grosso e Monte Pinitello quasi sulla stessa località dell'eruzione del 1883, e da essa sgorgava un fiume di lava la cui direzione in quel momento era difficile accertare per le modulazioni del terreno.*¹²⁴

Os eventos que se sucederam até os primeiros dias de junho junto às localidades citadas e inclusive em *Catania* foram assinalados com ênfase por Barbera que, deste modo, procurava informar ao imperador os terríveis acontecimentos ocorridos durante a erupção e suas consequências para as populações locais, encerrando assim o seu relatório:

*Mi onoro infine di unire alla presente relazione alcune fotografie prese sul luogo alle quali però mancando la vitalità del contrasto delle tinte, non potranno dare alla M.V. che una pallida idea del punto e del momento che esse ritraggono./Esposto quanto più brevemente mi sia stato possibile alla M.V. il fenomeno che conturbò per tanti giorni la nostra popolazione non mi resta ora che ad implorare l'alta Sua indulgenza nella speranza che la M.V. si degnierà accogliere benignemente queste mie povere parole, mi tengo altamente onorato di dichiararmi/Della Maestà Vostra/Umilissimo e devotissimo/Ant^o Barbera/Vice Console dell'Impero del Brasile/In Catania/Catania 2 Dicembre 1886.*¹²⁵

O relatório e as amostras revelam-se de grande importância tanto do ponto de vista científico, por se tratar de uma erupção ímpar do *Etna*, como pelo seu valor histórico, ao revelar sua relação com o Museu do Imperador, até recentemente desconhecida¹²⁶. A erupção de 1886, embora não tenha sido das mais violentas no panorama geológico do *Etna*, representa, sem dúvida, um evento histórico e folclórico muito significativo. A velocidade com a qual a lava se deslocou e o risco de destruição sofrido pela pequena cidade de *Nicolosi* determinou um sentimento de grande impotência na população. Com o medo apavorante de perder os seus poucos pertences, os habitantes de *Nicolosi* pediram a intervenção do arcebispo de *Catania*, Monsenhor Giuseppe Benedetto Dusmet (1818-1894). Segundo as crônicas da época, o cardeal Dusmet foi a *Nicolosi* levando consigo, de *Catania*, o véu de Santa Ágata e a estátua de Santo Antônio Abate; com eles, junto aos habitantes, ajoelhou-se orando em frente à lava que, por um evento considerado milagroso, parou de avançar. Hoje em dia, uma capela construída no local exato do evento recorda o acontecido naquela ocasião.

IX

La pietra paesina e le medaglie di lava vesuviana

Uma paisagem registrada em pedra da Toscana e os medalhões de lava, um registro histórico das atividades do Vesúvio

O jovem Marco suava devido ao forte calor que emanava da lava fluida que escorria pela encosta do 'Vesúvio'. A montanha estava em atividade e através de fraturas despejava o seu vômito de rocha fundida que se deslocava lentamente em direção a 'Cercola' e 'Ercolano', em um novo ciclo de atividade do vulcão. Se por um lado o momento era de destruição para as habitações e terras cultivadas que se encontravam no caminho da lava, por outro era a oportunidade de se coletar o material incandescente e fluido que se transformaria num dos principais produtos de uma indústria que se prosperava a cada erupção do vulcão: a confecção de medalhas com a esfinge de personalidades da época, fossem elas italianas ou não. Com um molde metálico de bronze que servirá de matriz à futura medalha, preso a uma alavanca comprida, Marco aproximou-se da lava fluida que saía da fenda aberta na camada superficial de rocha vulcânica solidificada em forma de corda, estrutura típica resultante do resfriamento da lava do 'Vesúvio'. Aprisionada e comprimida no interior do molde duplo, a lava resfriaria consolidando-se em forma de medalha com duas faces, a da esfinge e, no verso, o nome da personalidade ilustrada e o ano da sua confecção. Apesar do trabalho duro, cansativo e perigoso, pois qualquer descuido poderia lhe trazer sequelas permanentes, Marco estava feliz já que a temporada de atividade do vulcão tinha lhe possibilitado a produção de várias medalhas com ilustrações de motivos variados que seriam vendidas aos inúmeros curiosos que chegavam à região para ver a montanha fumegante e queriam levar um 'souvenir' de recordação. Marco não poderia imaginar quem seriam esses curiosos e o destino que as medalhas tomariam. Algumas ficariam visíveis como curiosidades nas residências de muitos viajantes, felizes pela possibilidade de mostrá-las aos parentes e amigos como objetos resultantes da força da natureza, produtos da manifestação enraivecida de Vulcano, o deus do fogo na mitologia romana. Outras terminariam em coleções de museus de várias cidades do mundo, a maioria desconhecida do jovem Marco. Menos ainda poderia ele imaginar que algumas delas estariam nas mãos de um imperador brasileiro. Se D. Pedro II as recebeu não se sabe, mas que mais tarde chegaram ao Museu Nacional, é um fato. O jovem Marco nunca poderia imaginar que seu ato estaria contribuindo para, no futuro, enriquecer o acervo da instituição criada por D. João VI, avô do imperador.

Equívocos de registros em coleções museológicas não são raros e o acervo geológico do Museu Nacional também não está livre de enganos cometidos ao longo de sua existência. Um exemplo interessante foi o ocorrido com um bonito exemplar de *Pietra Paesina* oriundo quase que exclusivamente da Toscana e que se encontra guardado junto aos diversos exemplares da coleção de mineralogia do Museu Nacional. A *Pietra Paesina*, também conhecida como *marmo ruiniforme*, recebe este nome pelo fato de lembrar paisagens, pinturas abstratas ou mesmo cidades ou vilas arruinadas¹²⁷.

Conhecida desde o século XIII a.C. na Grécia micênica nas paredes de uma de suas

fortificações e também na civilização etrusca, a *Pietra Paesina* somente teve sua primeira descrição no século XVII na obra *Mundus Subterraneus* de Athanasius Kircher (1601-1680), em 1664, começando então a ser de grande interesse na França, Alemanha e Inglaterra, particularmente a partir do século XIX para a produção de pinturas ilustrativas naturais¹²⁸. Identificada em regiões da Itália como o *Monti Lessini*, na *Lessinia*, em *Verona*, na *Isola d'Elba*, na *Toscana*, no oeste da *Liguria*, e em *Bergamo*, na *Lombardia*, a *Pietra Paesina* é composta por calcário e argila e sua coloração resulta da impregnação por soluções de ferro e manganês. Entretanto, suas melhores variedades vêm das regiões da *Emilia-Romagna*, *Toscana* e *Lazio*, nos Apeninos do norte; sua principal zona de exploração se deu no entorno da cidade de *Firenze* onde ocorreram as condições adequadas para sua formação, há cerca de 50 milhões de anos, e de onde vêm as melhores amostras, motivo pelo qual a *Pietra Paesina* também é conhecida como *Pietra di Firenze*.

Não se tem registro de quando o exemplar de *Pietra Paesina* chegou ao Museu Nacional, podendo ter ocorrido no final do século XIX. Ao final da década de 1940, certamente em função de sua composição, a amostra foi identificada como “calcita (mármore com formas de ruínas)” e incluída na coleção de mineralogia, onde hoje ainda permanece. Seu valor histórico para a instituição é bastante significativo, mas o valor artístico da amostra, este sim é inestimável.

Também em data não conhecida chegou ao Museu Nacional uma coleção de amostras de rochas que hoje fazem parte do acervo da coleção de petrologia. Trata-se de uma coleção com 72 amostras de rochas procedentes de diversas regiões da Europa, sendo cinco delas provenientes de localidades italianas como uma amostra de leucito de *Santa Maria di Galeria*, situada próximo ao *Lago Bracciano* na região do *Lazio*, uma amostra de granófiro do *Monte Martica* (*Varese*), no *Lago di Lugano*, na *Lombardia*, um sienito de *Biella*, no *Piemonte*, uma leucita tefrito de *Roccamonfina*, em *Caserta*, na *Campania*, e uma serpentina com dialágio (uma variedade de augita ou diopsídio aluminoso), proveniente de *Bologna*, na *Emilia-Romagna*. A coleção foi organizada por Bernard Stürtz (1845-1928), de Bonn, Alemanha, um comerciante que vendia amostras de minerais, meteoritos, rochas, minérios e fósseis, além de modelos e instrumentos científicos¹²⁹. Bernard Stürtz iniciou sua atividade como comerciante na década de 1860 como proprietário de seu *Mineralogisches und palaeontologisches Comptoir* e coleções por ele comercializadas encontram-se em diversos museus e instituições científicas em vários países, sendo facilmente identificadas pelas etiquetas originais que acompanhavam as amostras das coleções. Algumas etiquetas originais ainda permaneceram na coleção de petrografia do Museu Nacional, permitindo deduzir o período em que a coleção foi adquirida para a instituição, já que a data de entrada não se encontra registrada no livro de tombo da coleção petrográfica. Ao longo da existência de sua empresa, B. Stürtz utilizou etiquetas com diferentes formatos e tamanhos¹³⁰; uma etiqueta semelhante às existentes na coleção do Museu Nacional foi ilustrada por Ron J. Cleevely (?-?) em seu pequeno artigo sobre etiquetas antigas com a indicação de que se tratava de uma etiqueta de uso geral por B. Stürtz por volta de 1867¹³¹. A coleção organizada por B. Stürtz presente no acervo petrográfico do Museu Nacional pode ter sido, portanto, adquirida entre esta data e o final do século XIX, antes de 1894, pois uma consulta aos livros de entrada de material geológico para a antiga 3ª Seção do museu a partir desse ano não revelou a aquisição, seja por compra, doação ou permuta, dessa coleção de amostras petrográficas desse ano em diante. Outras amostras de rochas, em sua maioria de origem vulcânica, provenientes da *Isola di Lipari* e da *Isola di Ischia*, de *Ercolano* e *Boscotrecase*, também estão presentes na coleção petrográfica, mas sem maiores informações de coleta e coletores. Além destas, chamam particularmente a atenção pela sua beleza e singularidade, os medalhões de lava do *Vesuvio*, provavelmente presenteadas ao imperador Pedro II.

As atividades eruptivas do *Vesuvio* são conhecidas desde a Antiguidade. Sua manifestação mais dramática, registrada na descrição de Plínio O Jovem, deu-se em 24 de agosto de 79

da era cristã, quando as cidades de *Ercolano* e *Pompeia* foram duramente atingidas, sendo destruídas e soterradas. Erupções posteriores, de maior ou menor intensidade, são conhecidas ao longo da história geológica do vulcão, explosivas ou não, mas com frequentes derrames de lava que corriam por suas encostas invadindo algumas localidades.

Apesar do efeito destrutivo dos derrames, a partir do início do século XIX as lavas fluidas passaram a ter utilidade com a produção de medalhas e outros objetos que, além de representar um registro das atividades intermitentes do *Vesuvio*, celebravam os eventos históricos, culturais e artísticos daquela época¹³². As medalhas eram as principais formas de interesse, tanto por curiosos como visitantes, transformando-se numa verdadeira indústria a cada vez que as lavas fluíam em grande quantidade do vulcão. As medalhas eram produzidas com a utilização de moldes ou coletores de metal que prensavam pequena quantidade da lava ainda fundida dos derrames ou do lago de lava na cratera, esfriando-a em água. As imagens cunhadas eram variadas, podendo estar representadas por “imperadores, papas, reis, generais, cientistas, celebridades, motivos de souvenir como o *Vesuvio* e a Itália, caracteres mitológicos, religiosos e literários”¹³³. Entre as ilustrações cunhadas de personalidades dos oitocentos estavam as dos reis italianos e, no século XX, a exaltação de ditadores como Benito Mussolini (1883-1945)¹³⁴ e Adolph Hitler (1889-1945). No verso era cunhada a data de sua produção e, algumas vezes, o nome dos artistas responsáveis pela sua confecção.

Várias instituições possuem exemplares das medalhas de lava do *Vesuvio*, sendo uma das principais coleções a existente no *Osservatorio Vesuviano* em *Napoli*, motivo de pesquisa por historiadores e especialistas. Seu acervo contém uma boa representação dos derrames ocorridos nos oitocentos. Longe de ter uma rica amostragem como a do *Osservatorio Vesuviano*, o Museu Nacional possui três medalhas, uma pequena, mas significativa representação dos derrames ocorridos em meados do século.

Registradas sob o mesmo número na coleção de petrografia, as medalhas representam duas cunhagens de bustos em anos diferentes. As duas primeiras têm por imagem o busto em perfil do imperador Napoleão III, Charles Louis Napoléon Bonaparte (1808-1873), que foi o primeiro presidente da República Francesa e terceiro governante do Segundo Império francês. No verso encontra-se cunhado o nome do imperador e o ano de 1867. A terceira e última medalha possui o busto do rei Vittorio Emanuele II, Vittorio Emanuele Maria Alberto Eugenio Ferdinando Tommaso (1820-1878), primeiro rei da Itália unida e que a governou até 1878. Ao contrário das duas outras medalhas, nesta última se encontra cunhado o ano de 1868. A coleção do *Osservatorio Vesuviano* contém duas medalhas com o busto de Napoleão III, mas com a data de 1859 cunhada no verso e, curiosamente, nenhuma com o busto de Vittorio Emanuele II. Curiosamente, ainda, na coleção do *Osservatorio* há um intervalo de 1859 a 1879 sem registro de medalhas¹³⁵.

As medalhas do Museu Nacional foram cunhadas em um novo momento de atividade do *Vesuvio* após várias erupções ocorridas na primeira metade dos oitocentos. No final de 1867, uma fratura junto ao grande cone do vulcão liberou a lava que dirigiu-se para a parte ocidental e meridional do vulcão, “devastando o território de Cercola e Herculano”¹³⁶. Certamente foi dos derrames ocorridos nessa fase de atividade que foram cunhadas as medalhas que se encontram no Museu Nacional, já que entre 1868 e 1870 o vulcão ficou inativo.

Não há registro de quando essas medalhas vieram da Itália e de quando chegaram ao Museu Nacional. Entretanto, pode-se supor que tenham sido presenteadas ao imperador Pedro II quando de sua visita à Itália em 1872, vindo a fazer parte de sua coleção particular, o Museu do Imperador, que posteriormente foi doada por Dom Pedro II ao Museu Nacional. No final da década de 1940, com o estabelecimento das coleções do atual Departamento de Geologia e Paleontologia, assinalado anteriormente, as medalhas foram incorporadas à coleção de petrografia.

X

Ólio e pesci per una ricetta geologica

O óleo de Salerno e o irmão do pintor

A alameda das sapucaias distinguia-se na paisagem da Quinta da Boa Vista em linha reta até o extenso jardim em frente ao imponente edifício que há cerca de trinta anos atrás tinha sido a moradia da família imperial brasileira. Afonso d'Angelo Visconti, irmão do famoso pintor Eliseu d'Angelo Visconti, deliciava-se com a paisagem e as árvores que ladeavam a bela alameda, com o olhar fixo na bela construção que via ao fundo, mas expressando tristeza ao lembrar que durante dezenas de anos os membros da família imperial, incluindo D. Pedro II, circulavam por suas salas e corredores. Afonso certamente estava consciente do destino da família imperial após a instalação da República em novembro de 1889. Exilados, a imperatriz Teresa Cristina havia falecido ainda em dezembro desse ano, três dias após o dia de Natal, em Portugal, e o imperador permaneceu em Paris pelo resto de seus dias até fechar os olhos em dezembro de 1891. Triste sina para nobres pessoas ainda respeitadas por muitos. Afonso aproximava-se do fim da alameda e seus pensamentos dirigiam-se ao prédio que iria visitar, o palácio que, agora, abrigava o Museu Nacional. Com a República, o prédio sofrera reformas para a realização da primeira Constituinte; com o seu término, mudou-se o Museu Nacional do Campo de Santana para o palácio, possibilitando a expansão das coleções e exposições¹³⁷. Em julho de 1892, todo o acervo do museu havia sido transferido para o novo prédio. Outras reformas se seguiram nas três décadas seguintes e agora Afonso poderia visitar a maior instituição de história natural da América do Sul, andar pelos mesmos salões por onde circulou o imperador, conhecer suas exposições reformadas e conversar com os pesquisadores da 3ª Seção que abrigava o acervo geológico da instituição. A vinda de Afonso ao Museu Nacional tinha também outra finalidade, a de contribuir para o acervo com a doação de amostras provenientes de 'Giffoni Valle Piana', pequena comuna situada na província de Salerno. Na caixa que o acompanhava encontravam-se fragmentos de peixes fósseis e frascos com óleo extraído dos folhelhos betuminosos e um líquido obtido também pela destilação dos mesmos folhelhos, com uso medicinal. Alberto Betim Paes Leme, responsável pela seção de geologia, recebeu de bom grado a contribuição de Afonso que, assim, deixava para a mais antiga instituição de história natural sul-americana, um registro de sua terra natal, quem sabe eternizado nas coleções do Museu Nacional.

No dia 4 de outubro de 1919, portanto, pouco mais de um ano após a comemoração de seu centenário, o Museu Nacional recebeu do senhor Afonso d'Angelo Visconti (?-?), a doação de "fragmentos de três peixes fósseis e dois pequenos frascos, sendo um de óleo extraído dos schistos betuminosos e um de ichthyol, preparado com o mesmo óleo", procedentes da região de Giffoni Valle Piana, situada a cerca de 25 km da cidade de Salerno¹³⁸.

O contexto geológico da região de Giffoni Valle Piana faz com que a doação de Afonso Visconti se revele como uma contribuição de significativa importância, tanto do ponto de vista geológico como histórico. A comuna é circundada por um agrupamento montanhoso

que tem como principal elevação o *Monte Pettine*, com 950 m. Nele aflora uma sequência litológica constituída, em sua maior parte, por calcários dolomíticos cinza escuros intercalados com calcários betuminosos negros com estrutura xistosa. É dos níveis betuminosos que provém a rica paleofauna ictiológica de *Giffoni Valle Piana* e, conseqüentemente, dos exemplares de peixes fósseis doados por Afonso Visconti, bem como os frascos com óleo e ictiol. Os ricos depósitos fossilíferos da região foram objeto de estudo até 1797, quando o governo visualizou a possível utilização do combustível fóssil ali contido. Os trabalhos de exploração e avaliação econômica dos depósitos perduraram até cerca de 1860, quando o aproveitamento industrial do óleo foi considerado inviável economicamente.

Com a reorganização das coleções do Departamento de Geologia e Paleontologia na década de 1940, as amostras ofertadas, que se encontravam reunidas sob um mesmo número (nº 105) do antigo livro de registro, receberam novas numerações. O frasco contendo o óleo foi incorporado ao acervo da coleção de geologia econômica, onde ainda se encontra sob o número 583-E, enquanto que o frasco com ictiol, uma substância orgânica composta por sulfoictiolato de amônio e amplamente utilizada no tratamento das moléstias da pele, não foi encontrado. Os fragmentos de peixes, por sua vez, foram incorporados à coleção de paleovertebrados, onde se encontram registrados sob o número 1150-V.

Pouco se sabe sobre o doador, mas certamente tratava-se do irmão de Eliseu d'Angelo Visconti (1866-1944), pintor de reconhecimento internacional. Eliseu Visconti, filho de Gabriel d'Angelo (?-?) e de Christina Visconti (?-?), nasceu em 30 de julho de 1866 na vila de *Santa Catarina*, situada na comuna de *Giffoni Valle Piana*. Em uma das biografias de Eliseu Visconti, ele teria vindo para o Brasil ainda lactante com seus pais, que emigravam em virtude dos acontecimentos políticos que se desenrolavam na península italiana como decorrência de questões com a Áustria¹³⁹; seus irmãos, embora não citados, certamente teriam também emigrado com os pais. Por outro lado, de acordo com o *website* oficial do pintor¹⁴⁰, Eliseu teria vindo para o Brasil aos sete anos de idade junto com sua irmã Marianella, trazido pela Baronesa de Guararema, Francisca de Souza Monteiro de Barros (?-1899), aluna de pintura de Victor Meirelles de Lima (1832-1903), famoso pintor e professor brasileiro, e que se tornou grande protetora e incentivadora de Eliseu Visconti. A baronesa, em tratamento de saúde, encontrava-se na Itália e teria se interessado por um de seus desenhos. Afonso Visconti também deveria ser natural da mesma comuna, mas não se tem indicações de quando emigrou para o Brasil, se com os pais e o irmão Eliseu ou posteriormente, em data não definida. Certamente deve ter mantido sua ligação com a cidade natal, ou mesmo nela permanecido, até pelo menos os primeiros anos do século XX.

Curiosamente, o frasco existente na coleção de geologia econômica do Museu Nacional, utilizado para acondicionar o óleo dos “xistos” betuminosos, tem como indicação de seu fabricante a firma parisiense ED.PINAUD. A empresa, que levava o nome de seu fundador, Edouard Pinaud, se tornou amplamente conhecida na Europa na segunda metade do século XIX, até 1905, quando mudou de razão social. Frascos da empresa deveriam ser comuns à época, resultando na utilização de um deles para, de forma artesanal e meramente particular, guardar uma amostra do óleo. Fica impossível, entretanto, precisar como e quando Afonso Visconti obteve as amostras, bem como o período em que as trouxe para o Brasil. Da mesma forma, permanece uma incógnita o motivo que o levou a doá-las ao Museu Nacional; como hipótese, talvez o sentimento de júbilo ao poder ofertar a uma reconhecida instituição nacional uma amostragem do solo de sua terra natal, do qual, certamente, tinha conhecimento de seu valor geológico e científico.

Nos anos que se seguiram, Afonso Visconti não foi o único a contribuir com amostras geológicas italianas para o Museu Nacional. Dois anos após a sua visita, em 7 de outubro de 1921, um senhor identificado como “Adhemar Rizzi Lippi” (?-?), morador do Rio de Janeiro,

doou duas amostras de minerais não identificados do *Vesuvio* ao museu¹⁴¹. Posteriormente, em 6 de junho de 1922, o Sr. Gervais Formonzini (?-?), residente da pequena comuna de *Montagna in Valtellina*, da província de *Sondrio* na região da *Lombardia*, doou várias amostras de minerais procedentes da comuna italiana de *Chiesa in Valmalenco*, situada na mesma província. Entre o material oferecido pelo Sr. Gervais estavam: “uma amostra de nesquehonita sobre serpentina [serpentinito], quatro pequenas amostras de hornblenda contendo [granadas] almandinas, várias amostras de artinita sobre serpentina [serpentinito] e de demantoides sobre serpentina [serpentinito] e sobre amianto [crisótilo]”¹⁴².

Dezessete anos se passariam até que o Museu recebesse novas contribuições de materiais italianos, concretizadas por um apaixonado da vulcanologia italiana, o nobre barão Ottorino de Fiore di Coprani, tratado em seguida.

XI

L'importanza della diversità e l'astuzia del commerciante

A contribuição do barão e a astúcia do comerciante

Emmanoel Martins demonstrava grande contentamento naquela tarde. Havia recebido do barão Ottorino de Fiore di Coprani uma pequena, mas importante, coleção de minerais oriundos de localidades vulcânicas italianas. Fazia muito tempo que o Museu Nacional não recebia para suas coleções geológicas um acervo de exemplares mineralógicos dos terrenos vulcânicos da Itália e a remessa encaminhada por Ottorino de Fiore revestia-se de grande significado, pelo fato da coleção ter sido organizada por um profundo conhecedor da vulcanologia italiana, da qual tinha grande paixão. O barão, docente na Universidade de São Paulo, voltaria a manter contato com o Museu Nacional nos anos seguintes através de Emmanoel Martins, encaminhando novas coleções, mas agora de moluscos marinhos do litoral dos estados de São Paulo e Paraná, onde vinha trabalhando nos sambaquis da região e na coleta de exemplares de moluscos recentes, que Emmanoel incluiu na coleção de malacologia da instituição. Os minerais italianos recebidos por Emmanoel Martins compunham a última coleção de minerais italianos a tomar parte do acervo geológico do Museu Nacional no século XX, cujos acréscimos futuros se restringiriam praticamente a dois ou três exemplares isolados, mas não de menor importância.

Em 1939, 1941 e 1942, o barão Ottorino de Fiore di Coprani (?-?) fez interessantes contribuições às coleções do Museu Nacional. De nacionalidade italiana, Ottorino de Fiore, junto com outros docentes estrangeiros, havia sido contratado em 1934 por ocasião da fundação da Universidade de São Paulo, permanecendo no Departamento de Geologia e Paleontologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da universidade de 1937 a 1942, lecionando Paleontologia e Geologia. Sua vinda para a Universidade de São Paulo, acompanhando outros professores italianos, era de importância também, por razões políticas, para o governo italiano como foi assinalado por Lucia Wataghin (1954-):

O convite aos professores italianos foi para o governo italiano uma ocasião para reafirmar a própria política de expansão imperialista. Por isso, os primeiros professores foram escolhidos com todo cuidado entre as personalidades mais eminentes nas respectivas áreas. Eles deviam representar a Itália em um país onde a comunidade italiana era grande e forte.¹⁴³

Por causa da Segunda Guerra Mundial, a “missão” italiana terminou em 1942 com o retorno dos professores italianos à Itália, chamados de volta pelo governo italiano. Alguns, entretanto, permaneceram no Brasil, como o “barão Ottorino de Fiore, que na época estava doente, e não pôde embarcar no navio para Itália”¹⁴⁴. Os docentes que permaneceram no país, por decisão espontânea ou não, assim mesmo foram afastados de cargos importantes na universidade pelo fato do Brasil ter entrado em guerra contra os países do Eixo, como a Itália. Entre eles, estava o barão de Fiore, que somente voltou à Itália após a guerra, mas, não se readaptando à vida na Sicília, retornou ao Brasil, onde se estabeleceu definitivamente.

A história curiosa da formação do barão de Fiore e sua passagem pela Universidade de São Paulo permite entender as contribuições por ele feitas ao Museu Nacional. Contratado no segundo semestre de 1937, o barão era diretor do *Istituto Geopaleontologico de Catania*, na

Sicília, sendo também um grande apaixonado pela vulcanologia. Sobre seus primeiros dias na universidade, Lucia Wataghin comentou:

De Fiore [...] veio ao Brasil, entre outras razões, também porque desejava ganhar pontos junto ao governo italiano a fim de participar do concurso para a direção do Instituto Vulcanológico do Etna (Sicília). Para poder aceitar o convite da Universidade de São Paulo De Fiore, como todos os funcionários do governo italiano, devia estar inscrito no partido fascista. Ele aceitou, mas não tinha previsto que era obrigatório também, chegando à universidade, vestir a farda fascista, uma roupa feita de um tecido chamado "orbace". O barão superou a dificuldade vestindo, na ocasião, a toga universitária italiana, que também era preta. O público pensou que se tratasse de um uniforme especial e saudou o barão como uma autoridade fascista. Mas De Fiore, longe de ser fascista, era simplesmente um nobre siciliano, conservador e tradicionalista.¹⁴⁵

Durante sua permanência na Universidade de São Paulo, Ottorino de Fiore estudou os sambaquis dos litorais dos estados de São Paulo e Paraná e, junto com cientistas brasileiros, face à destruição dos sambaquis pelas empresas de cal, conseguiu um acordo para exame dos sambaquis antes que fossem destruídos. Posteriormente publicou na Europa um catálogo de moluscos brasileiros do Atlântico, sendo sua coleção posteriormente doada por seu filho ao Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Além disso, foi responsável pela organização das primeiras coleções de petrografia, estratigrafia, minerais e moluscos do Departamento de Geologia e Paleontologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da universidade. Foi nesse ínterim, entre 1939 e 1942, que colaborou com o Museu Nacional remetendo coleções de minerais e de moluscos.

Na sua primeira contribuição, o barão doou 20 amostras de minerais, em boa parte de origem vulcânica, procedentes das regiões da *Campania* e da *Sicília*. Os exemplares cedidos ao museu, que deram entrada no acervo geológico em julho de 1939¹⁴⁶, compreendem, entre outras, amostras de minerais diversos procedentes de localidades como a *Isola di Procida*, o *Monte Somma* e o *Vesúvio*, na *Campania*, e de outras como as *Isole dei Ciclopi*, a *Isola di Vulcano*, a *Isola di Lipari* e de *Palagonia*, na *Sicília*. Além do material mineralógico, as contribuições seguintes, em 1941 e 1942, consistiriam de material malacológico, tanto recente, mas procedente do litoral brasileiro, como fóssil.

Apesar de não incluída formalmente na coleção de paleoinvertebrados, até mesmo pelo fato de consistir de material malacológico recente, as coleções encaminhadas ao Museu Nacional pelo barão de Fiore em 1941 merecem destaque, pelo fato de terem sido registradas originalmente no livro de entrada da então Divisão de Geologia e Mineralogia. O material encaminhado pelo barão correspondeu, na realidade, a três coleções, sendo duas de moluscos do litoral dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo e outra de moluscos procedentes da Itália, as quais foram organizadas por ele próprio. De acordo com a documentação existente no setor de Malacologia do Museu Nacional, foram feitas na ocasião duas remessas, ambas endereçadas a Emmanoel de Azevedo Martins (1907-1985), naturalista da Divisão de Geologia e Mineralogia: a primeira, encaminhada em dezembro de 1941 por intermédio de Ruy Osório de Freitas (?-?)¹⁴⁷ (do Instituto Geográfico e Geológico de São Paulo, atual Instituto Geológico, e que foi professor na Universidade de São Paulo), continha duas coleções, sendo uma de moluscos brasileiros e outra da Itália, que foram registradas no livro de entrada da divisão em 6 de janeiro de 1942, respectivamente com as numerações de 11.377 a 11.434 e 11.435 a 11.574 (números antigos)¹⁴⁸. A segunda remessa, encaminhada desta vez por intermédio de Junot Pacheco (?-?), através de carta datada de 6 de fevereiro de 1942, foi registrada no dia 24 seguinte e recebeu a numeração de 11.576 a 11.686. Todos os registros foram assinalados como aquisições por permuta¹⁴⁹.

As coleções, entretanto, não permaneceram na Divisão de Geologia e Mineralogia do museu. Na ocasião, Emmanoel Martins também ocupava interinamente a responsabilidade pelo

setor de Malacologia do Museu Nacional e, assim, transferiu os exemplares para o referido setor, incluindo-os em sua coleção¹⁵⁰. Curiosamente, a numeração acima citada, pertencente ao livro de entrada da Divisão de Geologia e Mineralogia, foi mantida na coleção de malacologia, não sendo substituída por números de registros próprios. Não há condições de se saber, entretanto, se a contrapartida da referida permuta foi ao final realizada.

O Museu Nacional passaria por pelo menos três décadas sem receber novos exemplares oriundos do solo italiano, o que ocorreria somente no início da década de 1970. Em 1971, o médico Luiz Roberto Tostes (?-), colecionador de conchas de moluscos, doou ao Museu Nacional uma coleção com 18 exemplares de moluscos coletados nas camadas pliocênicas existentes na área de *Castell'Arquato* na região de *Emilia-Romagna*, situada na província de *Piacenza*. Ricamente fossilíferos, os sedimentos pliocênicos situados nas colinas no entorno de *Castell'Arquato* contém diversos fósseis marinhos representados por invertebrados como moluscos, ouriços-do-mar, corais e briozoários, bem como vertebrados como baleias. Os moluscos estão representados principalmente por bivalvíos, gastrópodes e escafópodes, sendo destes dois últimos grupos (17 gastrópodes e um *Dentalium*) os fósseis muito bem preservados presentes na coleção doada por Tostes.

Três anos após a doação de Tostes, uma nova aquisição efetivou-se através de uma permuta de exemplares do acervo de mineralogia do museu por amostras de minerais italianos. A permuta, entretanto, não foi tão vantajosa assim para a instituição.

A manhã de temperatura amena daquele dia prometia ser uma boa jornada de trabalho nas dependências do Departamento de Geologia do Museu Nacional.

Como sempre fazia diariamente, Amaro Barcia e Andrade, o professor de mineralogia do departamento e responsável pela guarda do rico acervo mineralógico do museu, chegou cedo à casa a que tanto dedicava suas horas de trabalho, atualizando sua leitura, conferindo informações referentes aos exemplares da coleção Werner presentes no acervo mineralógico e, como sempre, atuando no laboratório de química anexo ao seu gabinete de trabalho. Químico de formação, o professor Amaro tinha o Museu Nacional, seu gabinete e o laboratório de química como uma extensão de sua própria casa. Tal dedicação o levou a tentar localizar, com o auxílio do catálogo redigido nos idos de 1824, os exemplares de minerais que compunham o acervo original da coleção Werner, indicando suas permanências e perdas ocorridas nos mais de cem anos de existência da coleção no museu. Naquele dia, estando em seu gabinete, o professor Amaro recebeu a visita de um comerciante italiano que mostrava interesse em conhecer o acervo do museu e propor a permuta de alguns exemplares por outros, de bela cristalização, procedentes de duas minas, uma do centro-norte e outra do sul da Itália: a primeira em 'Perticara', na região da 'Emilia-Romagna', na província de 'Rimini', e outra em 'Racalmuto', na 'Sicília', na província de 'Agrigento'. Animado pela beleza dos exemplares oferecidos e acreditando ser uma boa oportunidade de enriquecer o acervo mineralógico do museu, Amaro mostrou ao visitante o catálogo geral da coleção, que escolheu as amostras que desejaria obter em troca dos exemplares italianos. Bem falante e profundo conhecedor da raridade e valor comercial dos exemplares que desejava obter em permuta, fato desconhecido do professor Amaro que não tinha como avaliar de forma correta as intenções do visitante, o comerciante conseguiu a concordância da efetivação da permuta por oito amostras valiosas, sendo quatro oriundas da Saxônia e, três delas, componentes da histórica coleção Werner. Apesar da importância das amostras italianas oferecidas, a troca mostrou-se desvantajosa para o Museu Nacional, não apenas pelo valor e raridade dos exemplares, mas pelo desfalque nas amostras remanescentes da coleção Werner, já há muito prejudicada nas perdas sofridas desde sua aquisição pelo museu. Uma perda, sem dúvida, irreparável para a instituição.

Em dia e mês não registrados de 1974, o Departamento de Geologia do Museu Nacional recebeu a visita do comerciante italiano Alberto Ponis, procedente da cidade de *Lucca* e proprietário da firma *Internazionale Minerali*. Ponis foi certamente recebido por Amaro Barcia e Andrade (1920-1997), professor do departamento e curador da coleção de mineralogia à época. Durante a visita, Ponis conheceu a coleção de minerais do museu, ficando estabelecida uma permuta de exemplares da coleção por outros de procedência italiana. Com o acerto da permuta, o comerciante recebeu uma amostra de jacutinga com ouro procedente de Minas Gerais, dois exemplares de minerais, um de brookita e outro de rutilo maclado, procedentes de *Magnet Cove* no estado de Arkansas, Estados Unidos, e cinco exemplares europeus, um de proustita oriundo de *Marienberg*, um de estefanita de *Freiberg*, um de argentita de *Johanngeorgenstadt* e um de prata nativa com minério de cobalto de *Annaberg*, todas localidades situadas na Saxônia, Alemanha, além de uma amostra de cassiterita procedente da Hungria. Em troca dos oito exemplares o museu recebeu três outros, um exemplar de enxofre com calcita fluorescente e um de celestita com enxofre, ambos procedentes da pedreira de *Racamulto*, na *Sicília*, e um exemplar de enxofre com betume oriundo de *Perticara*. Apesar da importância atual das amostras italianas recebidas, de modo geral a permuta foi desvantajosa para o Museu Nacional face à raridade e consequente valor das amostras europeias cedidas, sendo que três delas pertenciam à histórica coleção Werner, a primeira coleção de minerais do acervo do Museu Nacional. Para o melhor entendimento da situação dessa permuta, é interessante que se façam algumas considerações.

A partir da segunda metade do século XVII se intensificou, na Europa, o interesse pelos objetos naturais. Grande parte da ciência hoje conhecida não havia ainda sido estabelecida, mas já se preparavam herbários, se aumentavam as coletas entomológicas e também se colecionavam minerais e fósseis. O estudo desses materiais naturais recebeu um novo impulso ao longo dos setecentos graças à figura dos naturalistas, dentre os quais não se pode deixar de lembrar o pai da nomenclatura binominal, Carlos Lineu (*Carolus Linnaeus* e, em sueco, *Carl von Linné*, 1707-1778). Muitos desses cientistas, sendo médicos, devotaram-se principalmente à botânica, à química, à física e à mineralogia, uma vez que a eles competia a preparação dos mais importantes compostos empregados na cura das doenças que ocorriam naqueles anos. Incluíam, igualmente, coletores importantes e personagens em museus que reuniam uma grande e diversificada quantidade de elementos naturais, sendo que boa parte dessas coletas estão, hoje, guardadas nos principais museus de ciências naturais de todo o mundo.

O interesse pela coleção de objetos naturais aumentou consideravelmente no decorrer do século XIX, período no qual os museus necessitavam organizar os exemplares coletados. Iniciou-se, portanto, uma fase de intercâmbio de exemplares através das principais instituições científicas na tentativa de se adquirir quanto mais material fosse possível para as coleções. Foi exatamente nesse período, por exemplo, que se situa a incorporação da importante coleção mineralógica atribuída ao mineralogista alemão Abraham Gottlob Werner, conhecida desde então na instituição como coleção Werner, que possuía numerosos exemplares provenientes das principais minas da Saxônia. Os sítios mineralógicos da Saxônia forneceram, por décadas, exemplares de alto valor científico e de insuperável beleza disputados e desejados pelos curadores dos principais museus e pelos mais importantes colecionistas da época. A não acessibilidade às minas ou a raridade desses minerais no século XX, motivos da importância estratégica desses depósitos minerais, tem impedido a aquisição de novos exemplares e, com o fechamento definitivo das minas ocorrido após a Segunda Guerra Mundial, tem impossibilitado definitivamente a oportunidade de se obter novos exemplares. Resulta, portanto, de grande importância para todas as instituições museológicas, a necessidade de preservação desses exemplares, inclusive os das antigas coleções, que testemunham a maravilhosa geodiversidade, seja da Saxônia, seja de todos os outros sítios

extrativos da “velha Europa”. À luz destas considerações resulta, portanto, particularmente grave a perda dos exemplares saxônicos de estefanite, argentita, proustita e prata nativa cedidos, de modo totalmente ingênuo, ao comerciante da cidade de *Lucca*. Não menos importantes eram os demais exemplares permutados da coleção do Museu Nacional, que por motivos semelhantes poderia ter sido evitado o inconveniente de sua perda - de cassiterita húngara, do rutilo e da brookita norte-americanos e do ouro brasileiro - trocados, também, com o mesmo comerciante. O exame dos exemplares em duplicata, hoje presentes na coleção do Museu Nacional, tem demonstrado que os exemplares cedidos ao comerciante eram amostras em boas condições de preservação, perfeitamente cristalizados e de grande valor histórico, museológico e científico, não obstante suas pequenas dimensões.

É desejável que no futuro venha se prestar maior atenção no caso de um eventual intercâmbio de amostras do Museu Nacional, seja com instituições ou com colecionadores, confrontando os conhecimentos e competências dos curadores de modo a se evitar perdas irreparáveis como a que ocorreu em 1974.

XII

Dal Piemonte per il Museo Nacional

A contribuição do Museo Geologico Sperimentale

A neblina cerrada daquela manhã de maio de 2010 cobria os belos contornos da basílica de ‘Superga’ na colina situada junto à cidade de ‘Torino’. A ida à basílica era a primeira etapa da visita que Antonio Carlos S. Fernandes e Vittorio Pane fariam à ‘Collina di Torino’ sob a coordenação do Dr. Daniele Ormezzano e acompanhados pela pesquisadora Dra. Marta Zunino. A beleza do interior da basílica setecentista, enriquecida por seu conteúdo histórico constituído pelas tumbas dos príncipes e reis da Casa de Saboia que ali repousam, fazia Antonio Carlos antever esperançoso o sucesso das caminhadas que se seguiriam naquele dia à procura dos restos remanescentes preservados de uma fauna marinha que habitara os mares que cobriram a bela região piemontesa há cerca de 20 milhões de anos atrás. Para ele a visita às colinas era o coroamento dos resultados obtidos com a recuperação das informações sobre os primeiros fósseis de invertebrados chegados do estrangeiro ao Museu Nacional em 1836, enviados pelo jovem paleontólogo piemontês Giovanni Michelotti. Tudo havia começado poucos anos antes quando iniciara a revisão histórica do acervo paleontológico do Museu Nacional e se deparou com os fósseis enviados por Michelotti. Aproveitando a coincidência da visita de Vittorio ao museu na mesma ocasião, Antonio Carlos mostrou-lhe os fósseis piemonteses e teve por ele confirmada a sua procedência. A troca de informações foi o estopim para o início de uma duradoura amizade que resultou na apresentação e publicação de trabalhos sobre a contribuição italiana ao Museu Nacional. Entretanto, faltava a oportunidade de uma ida ao solo italiano e, particularmente, àquele de onde vieram os fósseis coletados por Michelotti. Aquela manhã nevoenta e levemente chuvosa finalmente preenchia essa lacuna, possibilitando a Antonio Carlos conhecer os afloramentos miocênicos da ‘Collina di Torino’, seguindo os passos e caminhos percorridos pelo ainda jovem paleontólogo torinense há mais de 150 anos e que contribuiu com um importante acervo de fósseis piemonteses para o Museu Nacional. Para Vittorio Pane, Daniele Ormezzano e Marta Zunino, assim como o foi para Giovanni Michelotti, a colina e seu rico acervo fossilífero correspondia a uma das grandes representações geológicas da ‘nostra Terra piemontese’ que, para Antonio Carlos, agora estava representada com uma pequena amostragem na ‘nostra terra, Brasile’.

Desde a remessa feita por Giovanni Michelotti há 179 anos que o Museu Nacional não recebia outra contribuição significativa de fósseis de invertebrados do Piemonte. Isso só se tornou possível com a doação por parte do Museo Geologico Sperimentale da Sezione di Gaiaveno do Club Alpino Italiano, feita através de seu curador, o geólogo Vittorio Pane.

Vittorio, quando de sua primeira visita ao Museu Nacional em 2006, reconheceu os fósseis enviados por Giovanni Michelotti à instituição 170 anos antes e a importância da pequena coleção de paleoinvertebrados piemonteses que se encontrava na instituição. Com seu auxílio foi possível atualizar os dados referentes à identificação taxonômica dos fósseis e das localidades de procedência. Através da análise do documento encaminhado por Michelotti ao diretor do Museu Nacional, foi possível compreender as intenções do jovem paleontólogo

italiano ao enviar os fósseis ao museu brasileiro, já relatadas no quarto capítulo deste livro.

Os resultados da pesquisa de fundo histórico junto à coleção de paleoinvertebrados do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional foram então divulgados em dois eventos de âmbito nacional e publicados em 2007¹⁵¹. Neste ano e em 2009, o *Museo Geologico Sperimentale* encaminhou ao Museu Nacional exemplares de moluscos (gastrópodes, bivalvíos e um escafópode), braquiópodes e cirrípedes de terrenos pliocênicos das localidades piemontesas de *Madonna del Casale*, *Baldichieri*, *Valleandona*, *Capriglio*, *Monale* e *Colline di Asti*, em *Asti*, e da localidade ligurense de *Rio Torsero*, na comuna de *Ceriale*, situada na província de *Savona*. Com excelente preservação, os fósseis correspondem a uma pequena, mas bem representativa fauna do mar pliocênico onde se acumularam os sedimentos da bacia *Ligure-Piemontese*, hoje observados particularmente na região de *Asti*. Nesta região e em torno da cidade de *Asti*, estende-se no sentido leste-oeste por cerca de 600 km² o *Bacino Pliocenico Astigiano*¹⁵², de onde provêm os fósseis das localidades piemontesas citadas.

A coleção doada pelo *Museo Geologico Sperimentale* veio complementar, cerca de 170 anos depois, a remessa de Giovanni Michelotti ao Museu Nacional. A maioria dos fósseis enviada por Michelotti e presentes hoje na coleção de paleoinvertebrados do Departamento de Geologia e Paleontologia foram coletados em rochas sedimentares marinhas de idade miocênica aflorantes na *Collina di Torino*, na região piemontesa; os demais eram oriundos dos afloramentos pliocênicos da região de *Asti*. Em 2010, parte dos afloramentos miocênicos da *Collina di Torino* e pliocênicos de *Asti* foram visitados por Antonio Carlos Sequeira Fernandes para conhecimento das localidades percorridas por Michelotti e onde coletou os fósseis que encaminhou ao Museu Nacional. A visita, bastante produtiva, contou com o apoio do *Club Alpino Italiano*, *Sezione di Gavi*, e as atividades de campo foram conduzidas pelo Dr. Daniele Ormezzano e pela Dra. Marta Zunino em *Torino*, e pelo Dr. Piero Damarco, em *Asti*. O relato da visita e atividades desenvolvidas na ocasião foram registradas no *Bollettino del C.A.I. di Gavi*¹⁵³.

Com a doação do *Museo Geologico Sperimentale* do *Club Alpino Italiano*, *Sezione di Gavi*, fechou-se assim o ciclo de doações e remessas de material geológico e paleontológico italiano iniciado na primeira metade do século XIX ao Museu Nacional.

XIII

Dalla nostra Terra, il Brasile

Do Brasil para a Itália: a remessa de João Barbosa Rodrigues

*Na tarde úmida e calorenta de julho de 1898, tão típica da capital amazonense, sentado à escrivaninha de seu gabinete no Museu Botânico de Manaus, o botânico João Barbosa Rodrigues acabava de redigir a carta que endereçava ao amigo Enrico Giglioli. Ela fazia parte de uma sequência de cartas trocadas com o ilustre zoólogo e antropólogo italiano do museu de zoologia de 'Firenze', desde que iniciou a produtiva amizade doze anos antes, quando lhe escreveu pela primeira vez, apresentando-se e prometendo-lhe enviar seus trabalhos relacionados à arqueologia da Amazônia. Interessado nos trabalhos antropológicos do brasileiro, Giglioli passou a manter correspondência com Barbosa Rodrigues que, entre outros materiais antropológicos, enviava-lhe também exemplares de nossa fauna, particularmente da região amazônica. Um deles, um exemplar de peixe dipnoico, chegou a designá-lo como *Lepidosiren giglioliana*, numa sincera homenagem ao amigo italiano, a quem muito respeitava. Desta vez, entretanto, além da promessa de remessa de uma coleção de machados, comunicava o envio de moluscos fósseis coletados por ele quando de sua passagem pelo rio Tapajós no interior do estado do Pará, quando de suas primeiras explorações pelo vale do rio Amazonas nos idos de 1872. Barbosa Rodrigues muito possivelmente desconhecia que outro italiano, Giovanni Michelotti, cinquenta anos antes, havia remetido ao Museu Nacional no Rio de Janeiro, os primeiros fósseis estrangeiros que viriam a fazer parte do acervo do museu brasileiro. Eram os fósseis que vinham 'dalla terra italiana', ainda hoje presentes na instituição. Ao remeter os fósseis do rio Tapajós a Giglioli, Barbosa Rodrigues invertia o processo de remessa que, ao invés de vir da Itália, seguia também da pátria brasileira, para a famosa terra fiorentina. Lá, também hoje, quase 120 anos depois, encontram-se guardados no museu de 'Firenze', os fósseis do Carbonífero paraense. Sim, 'dalla nostra Terra, il Brasile'.*

Durante o século XIX, uma expressiva correspondência ocorreu entre três importantes personagens, os brasileiros Felipe Lopes Netto (1814-1895) e João Barbosa Rodrigues (1842-1909), e o italiano Enrico Hillyer Giglioli (1845-1909)¹⁵⁴. A relação de amizade que se criou entre os três personagens teve seu início entre Giglioli e Lopes Netto. De nacionalidade italiana, embora nascido em Londres, Giglioli formou-se em ciências naturais pela *Università di Pisa*, instituição onde seu pai, Vincenzo Giglioli, ocupava a cátedra de Antropologia. Entre 1865 e 1868, a bordo da fragata Magenta, Giglioli participou de uma viagem que circundou o mundo e, entre as cidades por ele visitadas, estava o Rio de Janeiro, onde teve a oportunidade de conhecer o Museu Nacional e suas exposições, sobre as quais escreveu¹⁵⁵. Após a viagem, Giglioli foi trabalhar na *Università di Torino* com as coleções zoológicas e entomológicas coletadas na viagem e, ainda em 1869, tornou-se professor de Zoologia e Anatomia Comparada de Vertebrados no *Regio Istituto di Studi Superiori in Firenze* onde, em 1877, passou a diretor do *Museo Zoologico dei Vertebrati di Firenze*, onde permaneceu até a sua morte em dezembro de 1909. Além da zoologia, Giglioli tinha interesse em outras áreas científicas como a antropologia, o que o levou a manter contato com antropólogos

italianos renomados como Paolo Mantegazza (1831-1910), organizando uma coleção etnográfica particular e tornando-se um membro ativo da *Società Italiana di Antropologia e di Etnologia* em Florença (Firenze) onde participou, inclusive, da diretoria¹⁵⁶.

O interesse pela zoologia e pela antropologia levou Giglioli a manter correspondência e estabelecer amizade com Felipe Lopes Netto. Pernambucano, natural do Recife e formado em Direito, cujos estudos foram concluídos na *Università di Pisa*, Lopes Netto seguiu a carreira diplomática onde teve destacada atuação, sendo representante em países como o Uruguai, os Estados Unidos e a Itália. Não se sabe quando a relação de Lopes Netto com Giglioli começou, podendo estar relacionada à passagem de Giglioli pelo Rio de Janeiro. As cartas trocadas entre ambos, existentes na *Sezione di Zoologia La Specola* do *Museo di Storia Naturale* da *Università degli Studi di Firenze*, revelam uma correspondência anterior a 1875 e que comprovam remessas de material zoológico e etnográfico por Lopes Netto a Giglioli no museu de Florença. Foi através de Lopes Netto que, no final de 1875, Giglioli ficou sabendo dos artigos de antropologia de autoria de Barbosa Rodrigues. Incentivado por Lopes Netto, no ano seguinte Barbosa Rodrigues estabeleceu contato com Giglioli, iniciando uma amizade que perduraria até 1909, ano que coincidentemente os dois amigos faleceram.

Engenheiro de formação, Barbosa Rodrigues completou sua formação no Instituto Comercial do Rio de Janeiro onde conheceu Guilherme Schüch de Capanema (1824-1908), o barão de Capanema, botânico e que ocupou o cargo de geólogo no Museu Nacional. Com a indicação de Capanema, Barbosa Rodrigues atuou na exploração do vale do rio Amazonas entre 1872 e 1875, comissionado pelo governo brasileiro, no que resultaram cinco importantes relatórios sobre suas atividades. Foi o conteúdo antropológico desses relatórios que despertaram o interesse de Giglioli, que chegou a comentá-los em uma resenha¹⁵⁷, apresentada anteriormente em dezembro de 1875 em reunião da *Società Italiana di Antropologia e di Etnologia*, ocasião em que propôs o nome de Barbosa Rodrigues para membro honorário da sociedade; pouco mais de dois anos depois, em fevereiro e março de 1877, Giglioli propôs dois outros brasileiros para membros da sociedade: o imperador Pedro II e Lopes Netto¹⁵⁸.

De 1882 a 1889, enquanto diretor do extinto Museu Botânico de Manaus, Barbosa Rodrigues, a exemplo de Lopes Netto, enviou espécimens zoológicos e material etnográfico a Giglioli, incluindo um exemplar de piramboia conservado em álcool que descreveu em homenagem ao amigo italiano como *Lepidosiren giglioliana*, reestudado por Giglioli e ainda exposto nas vitrines da *Sezione di Zoologia La Specola*¹⁵⁹. Em 1898, já ocupando o cargo de diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Barbosa Rodrigues fez outra remessa a Giglioli: além da promessa de uma coleção de machados, enviava exemplares de “moluscos” fósseis do rio Tapajós.

Os afloramentos de rochas existentes no rio Tapajós, no estado do Pará, são conhecidos por sua idade carbonífera com um conteúdo fossilífero composto principalmente por conchas de braquiópodes, organismos bivalves de grande expressividade nas biotas da Era Paleozoica. Barbosa Rodrigues os havia coletado quando de suas incursões ao vale do rio Amazonas em 1872, guardando-os consigo desde aquela época quando, então, decidiu encaminhá-los a Giglioli em 1898. Equivocadamente, em decorrência de documentação específica sobre os exemplares e o momento de sua coleta, Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Vittorio Pane interpretaram os exemplares como sendo oriundos das amostras coletadas pelos membros da Comissão Geológica do Império durante suas atividades na Amazônia em 1876 e que se encontravam depositadas no acervo do Museu Nacional. Segundo eles, “alguns exemplares podem ter sido cedidos a Barbosa Rodrigues, que os remeteu ao amigo italiano”¹⁶⁰. Contatos recentes com os doutores Lorenzo Rook (?-) e Stefano Dominici (?-) do *Museo di Storia Naturale* da *Università degli Studi di Firenze* permitiram localizar o material remetido por

Barbosa Rodrigues e solucionar a dúvida sobre a sua coleta, revelada pela preservação de uma etiqueta junto à caixa contendo os exemplares, redigida por Giglioli e transcrita abaixo:

R. Museo 24.IX.1898/Fossili raccolti sull'alto Tapájos (Amazzonia) Brasile dal Dr. J. Barbosa Rodriguez, 1872./Furono in parte illustrati dal prof. Hartt, geologo del Governo Brasiliano./ E. H. Giglioli.

Os exemplares botânicos (lenhos brasileiros) e zoológicos remetidos por Lopes Netto e Barbosa Rodrigues compõem hoje parte do acervo do *Museo di Storia Naturale* da *Università degli Studi di Firenze*, os primeiros na *Sezione di Botanica*¹⁶¹ e, os seguintes, na *Sezione di Zoologia La Specola*¹⁶². Os exemplares etnográficos “foram incluídos no acervo da coleção particular antropológica de Giglioli, posteriormente doada após sua morte ao Museu Luigi Pigorini, em Roma¹⁶³”. Finalmente, os exemplares paleontológicos permaneceram na *Sezione di Paleontologia*.

Desde a terceira década do século XIX até os primeiros anos do século XXI, italianos contribuíram em diversos momentos com exemplares geológicos (minerais, rochas e fósseis) vindos *dalla nostra Terra, Italia*. Em 1898, um renomado botânico brasileiro que nos primórdios de sua carreira circulou pelo Museu Nacional, contribuiu com preciosos exemplares paleontológicos brasileiros para uma instituição italiana, agora no sentido inverso, *dalla nostra Terra, il Brasile*.

Notas

1. Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Vittorio Pane, “Giovanni Michelotti e sua contribuição às primeiras coleções científicas do Museu Nacional” (2007a) e “A coleção Michelotti e o Museu Nacional” (2007b).
2. Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Vittorio Pane, Renato Rodriguez Cabral Ramos, Andrea Siqueira D’Alessandri Forti e Regina Maria Macedo Costa Dantas, “Uma caixa valiosa: a “Coleção do Vesúvio” e o Museu do Imperador” (2008).
3. Deise Dias Rego Henriques, Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Andrea Siqueira D’Alessandri Forti, “Trajetória das coleções geológicas incorporadas ao Museu Nacional/UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil) no século XIX” (2009, p. 31) e Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Andrea Siqueira D’Alessandri Forti e Deise Dias Rego Henriques, “Trajetória das coleções geológicas incorporadas ao Museu Nacional/UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil) no século XIX” (2010).
4. Andrea Siqueira D’Alessandri Forti, “O Museu do Imperador e as lavas do Etna” (2008).
5. Vittorio Pane, Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Renato Rodriguez Cabral Ramos e Andrea Siqueira D’Alessandri Forti, “Il recupero delle collezioni geologiche italiane appartenenti al Museu Nacional di Rio de Janeiro” (2009/2010).
6. O que é relativo à geognosia, cujo objetivo é o estudo da parte sólida da Terra.
7. Antonio Carlos Sequeira Fernandes, “Un naturalista brasileiro in Italia” (2010/2011).
8. Atualmente a sezione di Zoologia ‘La Specola’ pertence ao Museo di Storia Naturale dell’Università di Firenze.
9. Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Vittorio Pane, Andrea Siqueira D’Alessandri Forti e Renato Rodriguez Cabral Ramos, “Trocando animais por cabeças-troféu Munduruku: o intercâmbio de Enrico Giglioli com o Museu Nacional na segunda metade do século XIX” (2009).
10. Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Vittorio Pane, Fausto Barbagli, Marina Jardim e Silva, Cecilia de Oliveira Ewbank e Andrea Siqueira D’Alessandri Forti, “Fragmentos de uma correspondência perdida: as cartas de Lopes Netto e Barbosa Rodrigues para Enrico Giglioli” (2010).
11. Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Andrea Siqueira D’Alessandri Forti, Marina Jardim e Silva e Cecilia de Oliveira Ewbank, “De Manaus para Florença: uma homenagem do botânico João Barbosa Rodrigues ao antropólogo Enrico Hyllier Giglioli” (2010).
12. Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Fausto Barbagli e Vittorio Pane, “Cartas valiosas: a correspondência de Felipe Lopes Netto e João Barbosa Rodrigues para Enrico Hyllier Giglioli” (2011).
13. Andrea Siqueira D’Alessandri Forti, “O intercâmbio entre o Museu Zoológico de Florença e o Museu Nacional na segunda metade do século XIX” (2009).
14. Andrea Siqueira D’Alessandri Forti, Marina Jardim e Silva e Cecilia de Oliveira Ewbank, “Lepidosiren giglioliana: uma homenagem do botânico João Barbosa Rodrigues ao “amigo” zoólogo Enrico Hyllier Giglioli” (2009).
15. Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Vittorio Pane, Andrea Siqueira D’Alessandri Forti e Renato Rodriguez Cabral Ramos, “Trocando espécimens de animais por cabeças-troféu Munduruku: o intercâmbio de Enrico Giglioli com o Museu Nacional na segunda metade do século XIX” (2010).
16. Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Andrea Siqueira D’Alessandri Forti, Vittorio Pane, Marina Jardim e Silva e Cecilia de Oliveira Ewbank, “Lepidosiren giglioliana: uma homenagem do botânico João Barbosa Rodrigues ao zoólogo Enrico Hillyer Giglioli” (2012).
17. Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Vittorio Pane, “Cartas valiosas: a correspondência de Felipe Lopes Netto e João Barbosa Rodrigues para Enrico Hyllier Giglioli” (2012).

18. Museu Nacional, “*O Museu Nacional*” (2007, p. 12)
19. Oliveira Lima, “*D. João VI no Brasil*” (2006, p. 572).
20. O decreto de criação do Museu Nacional é parte integrante do acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional.
21. Abraham Gottlob Werner (1749-1817).
22. Dom João assumiu a direção dos negócios do reino em 1762 em virtude da insanidade de sua mãe, D. Maria I (1777-1816) e a regência somente foi oficializada em 1799. Em 1807, como resultado da invasão de Portugal pelas tropas francesas, a Corte transferiu-se para o Brasil, instalando-se em 1808 no Rio de Janeiro. Em 1815 o Brasil foi elevado a Reino Unido de Portugal e Algarves, mas somente em 1818 D. João foi coroado com o título de D. João VI. Ronaldo Vainfas, “*Dicionário do Brasil Colonial*” (2000, pp. 168-170).
23. Lilia Moritz Schwarcz, Paulo Cesar de Azevedo e Angela Marques da Costa, “*A longa viagem da biblioteca dos reis. Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*” (2002, p. 249).
24. Ana Maria de Almeida Camargo e Rubens Borba de Moraes, “*Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*” (1993, p. ix).
25. Antonio Carlos Magalhães Macedo, Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Valéria Gallo da Silva, “*Fósseis coletados na Amazônia pela “Comissão Geológica do Império do Brasil” (1875-1877): um século de história*” (1999, p. 2).
26. Maria Margaret Lopes, “*O Brasil descobre a pesquisa científica*” (1997, p. 48).
27. Nome completo: Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon.
28. Nome completo: Maximiliano Maria Miguel João Batista Francisco de Paula José Gaspar Ignácio Nepomuceno.
29. Oliveira Lima, “*Dom João VI no Brasil*” (1996, p. 71).
30. Transcrito de Oliveira Lima, “*Dom João VI no Brasil*” (1996, p. 556).
31. Oliveira Lima, “*Dom João VI no Brasil*” (1996).
32. Documentos do Museu Nacional números 24 [06/11/1823], 42 [22/11/1825], 45 [18/04/1826], 52 [31/08/1826], 53a [11/09/1826], 127 [04/02/1830] e 145, [25/06/1831], pasta 1.
33. R. Raminelli, “*Viagens e inventários. Tipologia para o período colonial*” (2000, p. 27).
34. Rachel Pinheiro, “*As histórias da Comissão Científica de Exploração (1856) na correspondência de Guilherme Schüch de Capanema*” (2002).
35. Maria Margaret Lopes, “*O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*” (1997, p. 44).
36. Ana Maria de Almeida Camargo e Rubens Borba de Moraes, “*Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*” (1993, p. 221).
37. “*Instrução...*” (1819, p. 62).
38. Maria Margaret Lopes, “*O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*” (1997, p. 47).
39. Nome completo: Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga.
40. Nome completo: Carolina Josefa Leopoldina Francisca Fernanda de Habsburgo-Lorena.
41. Museu Nacional, “*O Museu Nacional*” (2007, p. 238).
42. Teresa Cristina Maria Giuseppa Gasparre Baltassarre Melchiorre Gennara Rosalia Lucia Francesca d’Assisi Elisabetta Francesca di Padova Donata Bonosa Andrea d’Avelino Rita Liutgarda Geltruda Venancia Taddea Spiridione Rocca Matilde.
43. Adolphe-Théodore Brongniart, “*Mémoires sur les terrains de sédiments supérieurs calcaireo-trappéens du Vincentin, et sur quelques terrains d’Italie, de France, d’Allemagne, etc., qui peuvent se rapporter à la même époque*” (1823).
44. A bibliografia sobre a dinâmica do interior da Terra e os processos que regem a tectônica

- de placas é extensa. Do ponto de vista didático os autores recomendam a leitura das seguintes obras: Wilson Teixeira, Thomas Rich Fairchild, M. Cristina Motta de Toledo e Fabio Taioli, “*Decifrando a Terra*” (2009) e Frank Press, Raymond Siever, John Grotzinger e Thomas H. Jordan, “*Para entender a Terra*” (2006).
45. Os autores, com o objetivo de aprofundar o conhecimento dos eventos que caracterizaram a evolução geológica da península Italiana, utilizaram as informações contidas na obra de Alfonso Bosellini, “*Storia Geologica d’Italia*” (2005).
 46. Antonio Carlos Sequeira Fernandes & Deise Dias Rego Henriques, “*José da Costa Azevedo e Custódio Alves Serrão: da formação na Universidade de Coimbra à importante atuação na estruturação do Museu Nacional no Brasil*” (2011, p. 1021).
 47. João Batista de Lacerda, “*Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*” (1905, p. 7).
 48. O Museu Nacional “abriu suas portas ao público” em 24 de outubro de 1821, com as visitas possibilitadas sempre às quintas-feiras das “dez horas da manhã até a uma da tarde não sendo dia santo”. Maria Margaret Lopes, “*O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*” (1997, p. 51).
 49. Ernst Ebel, “*O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824*” (1972, p. 106). Ebel fez referências a coleções de pedras preciosas e minérios brasileiros, “assim [como] europeus, bastante completa”, certamente referindo-se aos minerais da coleção Werner.
 50. Maria Graham, “*Diário de uma viagem ao Brasil*” (1990, pp. 324-325). A escritora inglesa visitou as exposições do Museu recentemente inauguradas, onde estavam expostas as coleções de minerais, mas ressaltou principalmente a presença dos “minerais da terra [que] formam a parte mais rica da coleção” e que certamente lhe chamou mais atenção.
 51. George Gardner, “*Viagem ao interior do Brasil,...*” (1975, p. 32). Gardner ressaltou que duas alas das exposições do Museu eram destinadas a uma coleção de minerais, sendo a exposição mais ampla e interessante da instituição. Sobre ela ressaltou que os exemplares expostos eram principalmente europeus, certamente os pertencentes à coleção Werner.
 52. Thomas Ewbank, “*Vida no Brasil*” (1976, p. 97). Ewbank ressaltou a extensão da coleção de minerais do Museu e a existência de “um laboratório para a análise dos minérios”.
 53. Enrico Hillyer Giglioli, “*Viaggio intorno al globo della R. Pirocorvetta Italiana Magenta nelle anni 1865-66-67-68 sotto il comando del Capitano di Fregata V. F. Arminjo*” (1875, p. 40). Da sua visita ao Museu Nacional, Giglioli ressaltou a rica coleção mineralógica sem especificar se os exemplares eram brasileiros ou europeus e a atribuiu à “*generosità del senhor José Bonifácio de Andrada e Silva, [...] il quale morendo lasciò al Museo, non solo la sua ricca serie di minerali, ma pure una [...] raccolta numismatica, ed alcune belle incisioni*”. Hoje pouco se sabe da controvertida “Coleção José Bonifácio”. Por ocasião de sua morte em 1838, a família teria doado ao Museu Nacional as coleções mineralógicas do famoso estadista e mineralogista. Seu estado de preservação já era precário na ocasião o que lhe trouxe prejuízos naquela época. Estudos de revisão na atual coleção mineralógica do departamento realizados por Amaro Barcia de Andrade não permitiram a identificação de nenhuma amostra que pertencesse à coleção original de José Bonifácio.
 54. Viktor Leinz, “*A Geologia e a Paleontologia no Brasil*” (1994, p. 276).
 55. No Setor de Memória e Arquivo do Museu Nacional encontra-se o catálogo da coleção Werner datado de 1824 e intitulado “*Coleção orictognóstica de Pabst de Ohain descrita e arranjada por A. G. Werner*”. Trata-se de uma tradução parcial e adaptada ao português da obra publicada por Abraham Gottlob Werner em 1791/1793.
 56. Vaneza Santiago de Azevedo, “*História do Museu Nacional e a pesquisa científica no Brasil: o caso Napione e a Coleção Werner*” (2012, p. 37).
 57. Carlo Antonio Napione, “*Elementi di Mineralogia esposti a norma delle più recenti*

- osservazioni e scoperte" (1797).
58. Vaneza Santiago de Azevedo, "*História do Museu Nacional e a pesquisa científica no Brasil: o caso Napione e a Coleção Werner*" (2012, p. 37).
 59. Andrea Dini, Alessandro Corretti, Fabrizio Innocenti, Sergio Rocchi e David Scott Westerman, "Sooty sweat stains or tourmaline spots? *The Argonauts on the Island of Elba (Tuscany) and the spread of Greek trading in the Mediterranean Sea*" (2007, p. 229).
 60. Andrea Dini, Alessandro Corretti, Fabrizio Innocenti, Sergio Rocchi e David Scott Westerman, "Sooty sweat stains or tourmaline spots? *The Argonauts on the Island of Elba (Tuscany) and the spread of Greek trading in the Mediterranean Sea*" (2007, p. 229).
 61. Vincenzo de Michele, "*Guida mineralogica d'Italia*" (1974, p. 55).
 62. Vincenzo de Michele, "*Guida mineralogica d'Italia*" (1974, p. 23).
 63. Durante a maior parte do século XIX, desde sua fundação em 1818 até 1892, quando se transferiu para o Paço de São Cristóvão, o Museu Nacional ocupou o prédio situado junto ao Campo de Sant'Ana (assim conhecido até 1822), hoje Praça da República, denominado de Campo da Aclamação de 1822 a 1889 em homenagem à aclamação de Dom Pedro I em 12 de outubro de 1822. O prédio ficava situado entre as ruas do Conde (atual rua Visconde do Rio Branco) e dos Ciganos (atual rua da Constituição). Vide: Vivaldo Coaracy, "*Memórias da Cidade do Rio de Janeiro*" (1988, pp. 334 e 339) e Brasil Gerson, "*História das Ruas do Rio*" (2000, p. 192).
 64. Documento do Museu Nacional número 141, pasta 1, de 29/01/1831.
 65. Maria Margaret Lopes, "*O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*" (1997, p. 63).
 66. Documento do Museu Nacional número 13, pasta 2, de 15/01/1834.
 67. Documento do Museu Nacional número 62, pasta 2, de 30/08/1837.
 68. George Gardner, "*Viagem ao interior do Brasil*" (1975, p. 20).
 69. Documento do Museu Nacional número 46, pasta 2, de 24/01/1836.
 70. Giovanni Michelotti, "*Specimen Zoophytologiae diluviane*" (1838a) e "*Geognostische-Zoologische Ansicht über die tertiären Bildungen Piemonts*" (1938b).
 71. Giovanni Michelotti, "*Précis de la faune miocène de la Haute Italie*" (1847)
 72. Giovanni Michelotti, "*Études Sur le Miocène Inferieur de l'Italie Septentrionale*" (1861).
 73. Maria Margaret Lopes, "*O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*" (1997, p. 59).
 74. Documento do Museu Nacional número 46, pasta 2, de 24/01/1836.
 75. Édouard Placide Duchassaing de Fombressin e Giovanni Michelotti, "*Mémoire sur les coralliaires des Antilles*" (1860 e 1864).
 76. Aviso de 29/01/1831; Documento do Museu Nacional número 141, pasta 1.
 77. Aviso de 15/01/1834; Documento do Museu Nacional número 13, pasta 2.
 78. Aviso de 30/08/1837; Documento do Museu Nacional número 62, pasta 2.
 79. Maria Margaret Lopes, "*O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*" (1997, p. 60).
 80. Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Vera Maria Medina da Fonseca, Priscila Magalhães Vieira e Lais Machado Marino, "*Os fósseis estrangeiros da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional*" (2006, p. 6).
 81. Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Vera Maria Medina da Fonseca, Priscila Magalhães Vieira e Lais Machado Marino, "*Os fósseis estrangeiros da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional*" (2006, p. 8).
 82. Dados obtidos de Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Vera Maria Medina da Fonseca, Priscila Magalhães Vieira e Lais Machado Marino, "*Os fósseis estrangeiros da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional*" (2006, pp. 7, 11, 12, 15 e 26).
 83. Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Vittorio Pane, "*Giovanni Michelotti e sua contribuição às primeiras coleções científicas do Museu Nacional*" (2007a, p. 83).
 84. Documento do Museu Nacional número 59, pasta 2, de 10/01/1837.

85. Vincenzo Conti, “*Necrologia di Giovanni Rigacci*” (1871).
86. Giovanni Rigacci, “*Catalogo delle conchiglie componenti la collezione Rigacci*” (1866).
87. Vincenzo Conti, “*Necrologia di Giovanni Rigacci*” (1871, p. 32).
88. No necrológico de Giovanni Rigacci fica claro que em 1837 ele ainda não havia se dedicado à malacologia, o que acabou fazendo apenas ao final da década de 1850 (segundo consideração de Massimo Appolloni por e-mail em 26/03/2014).
89. Ernesto Capanna, “*Luigi Metaxà*” (2010).
90. Luigi Metaxà, “*Monografia dei Serpenti di Roma e suoi contorni*” (1823).
91. Documento do Museu Nacional número 62, pasta 2, de 30/08/1837.
92. Monsenhor Scipião Domingos Fabbrini (?-1841) era doutor em Teologia, Cânones e Direito Civil Romano, tendo sido membro do Tribunal da Rota, Encarregado de Negócios da Santa Sé junto à Corte Imperial do Brasil por mais de oito anos e Delegado Apostólico de Sua Santidade no Rio de Janeiro; foi também sócio honorário e orador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Fontes: “Memoria Documentada oferecida à Nação Brasileira, seus Augustos Representantes, e Imperial Governo, por hum Brasileiro amigo de sua Pátria, sobre o melhoramento, ou reforma das ordens regulares, e em particular dos Benedictinos no Brazil, promovida pelo mesmo Governo de S. M. o Imperador Senhor Dom Pedro Segundo, pela Portaria da Secretaria de Estado dos Negocios de Justiça, e Ecclesiasticos de 3 de Dezembro de 1831, dirigida ao Sr. Arcebispo de Tarso, então Nuncio Apostolico nesta Corte”. Rio de Janeiro, Typographia Imper. E Const. De Seignot-Plancher e C^a., 1834; Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 3, pp. 125-126, 1841.
93. Documento do Museu Nacional número 62, pasta 2, de 30/08/1837.
94. Documento do Museu Nacional número 150, pasta 2, de 08/02/1843.
95. Documento do Museu Nacional número 155, pasta 2, de 19/06/1843.
96. Documento do Museu Nacional número 158, pasta 2, de 12/07/1843.
97. Ladislau Netto, “*Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro*” (1870).
98. João Batista de Lacerda, “*Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*” (1905).
99. Documento do Museu Nacional número 162, pasta 2, de 15/09/1843.
100. Documento do Museu Nacional número 164, pasta 2, de 30/09/1843.
101. José Carlos Pereira de Almeida Torres, *Relatório da Repartição dos Negócios do Império...* (1844, pp. 17-18).
102. Ladislau Netto, “*Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro*” (1870, “Relação dos doadores do Museu Nacional”, p. VII).
103. João Batista de Lacerda, “*Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*” (1905, p. 21).
104. Ladislau Netto, “*Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro*” (1870, p. 241).
105. Ladislau Netto, “*Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro*” (1870, “Relação dos doadores do Museu Nacional”, p. IX). Ladislau de Souza Mello e Netto (1838-1894) foi diretor do Museu Nacional de 1874 a 1893.
106. Regina Maria Macedo Costa Dantas, “*A Casa do Imperador. Do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*” (2007).
107. Ronaldo Vainfas, “*Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*” (2002, p. 264).
108. Tommaso Gamboni, “*Il geologo Domenico Lovisato*” (2002).
109. Tommaso Gamboni, “*Il geologo Domenico Lovisato*” (2002).
110. Regina Maria Macedo Costa Dantas, “*A Casa do Imperador. Do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*” (2007).
111. Thomas Ewbank, “*Vida no Brasil*” (1976).
112. Regina Maria Macedo Costa Dantas, “*A Casa do Imperador. Do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*” (2007).
113. O nome completo em italiano da imperatriz Teresa Cristina encontra-se na nota 42.

114. Lilia Moritz Schwarcz, “*As barbas do imperador*” (2006, p. 92).
115. Laurentino Gomes, “1889: como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da monarquia e a proclamação da República no Brasil” (2013, p. 147).
116. Antônio da Silva Jardim, “*A pátria em perigo*” (1978, p. 85).
117. José Murilo de Carvalho, “*D. Pedro II*” (2007, p. 202).
118. Laurentino Gomes, “1889: como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da monarquia e a proclamação da República no Brasil” (2013, p. 55).
119. Jornal ‘A Patria Mineira’, “*A morte de Silva Jardim*” (edição de 30/07/1891, p. 2).
120. Ernesto De Carolis e Giovanni Patricelli, “*Vesuvius A.D. 79. The destruction of Pompeii and Herculaneum*” (2003, p. 23).
121. Resumo biográfico, “*Um vulcão contra a República*” (2004, p. 88).
122. Informação pessoal de Alvaro da Costa Franco, do Centro de História e Documentação Diplomática/Palácio Itamaraty, por e-mail, em 10/07/07.
123. Antonino Barbera, “*Relazione sull’Eruzione dell’Etna*” (1886, p. 1). Documento primário arquivado no Setor de Memória e Arquivo (SEMEAR) do Museu Nacional junto à documentação do Departamento de Geologia e Paleontologia.
124. Antonino Barbera, “*Relazione sull’Eruzione dell’Etna*” (1886, pp. 10-12). Documento primário arquivado no Setor de Memória e Arquivo (SEMEAR) do Museu Nacional junto à documentação do Departamento de Geologia e Paleontologia.
125. Antonino Barbera, “*Relazione sull’Eruzione dell’Etna*” (1886, pp. 27-28). Documento primário arquivado no Setor de Memória e Arquivo (SEMEAR) do Museu Nacional junto à documentação do Departamento de Geologia e Paleontologia.
126. Andrea Siqueira D’Alessandri Forti, “*O Museu do Imperador e as lavas do Etna*” (2008).
127. Margherita Serra, Alessandro Borghi, Lorenzo Mariano Gallo, Robert Hovoric e Gloria Vaggelli, “*Petrographic features, genesis and provenance of Pietra Paesina collections of the Regional Museum of Natural Sciences of Turin, Italy*” (2010, p. 96).
128. Margherita Serra, Alessandro Borghi, Lorenzo Mariano Gallo, Robert Hovoric e Gloria Vaggelli, “*Petrographic features, genesis and provenance of Pietra Paesina collections of the Regional Museum of Natural Sciences of Turin, Italy*” (2010, p. 96).
129. Informações mais detalhadas sobre Bernard Stüzt podem ser consultadas em <http://www.minrec.org/labels.asp?colid=544>. Acesso em 05/07/2014.
130. O site apresenta imagens de seis tipos diferentes de etiquetas utilizadas por B. Stüzt, sendo a 4ª imagem da sequência semelhante à utilizada nas amostras que se encontram no Museu Nacional.
131. Ron J. Cleavelly, “*Old labels are old hat!?*” (1987, p. 484).
132. Tullia Uzzo, Mauro Antonio Di Vito, Giovanni Pasquale Ricciardi e Sandro de Vita, “*La valorizzazione delle collezioni storiche di interesse scientifico: l’esempio delle medaglie di lava dell’Osservatorio Vesuviano*” (2013).
133. Maddalena De Lucia, Massimo Russo e Giovanni Pasquale Ricciardi, “*120 anni di storia dell’Italia e del Vesuvio nella collezione di medaglie di lava vesuviana dell’Osservatorio Vesuviano*” (2011, p. 151).
134. Nome completo: Benito Amilcare Andrea Mussolini.
135. Tullia Uzzo, Mauro Antonio Di Vito, Giovanni Pasquale Ricciardi e Sandro de Vita, “*La valorizzazione delle collezioni storiche di interesse scientifico: l’esempio delle medaglie di lava dell’Osservatorio Vesuviano*” (2013).
136. Tullia Uzzo, Mauro Antonio Di Vito, Giovanni Pasquale Ricciardi e Sandro de Vita, “*La valorizzazione delle collezioni storiche di interesse scientifico: l’esempio delle medaglie di lava dell’Osservatorio Vesuviano*” (2013).
137. Após a Constituinte, o antigo palácio passou por pequenos reparos para abrigar o Museu Nacional. A partir de 1910 novas reformas foram realizadas, incluindo o Parque

- da Quinta da Boa Vista e, em 1914, o Museu Nacional “reabriu suas exposições ao público, totalmente remodelado. As obras duraram 4 anos e ampliaram as salas de exposição, derrubando paredes e mezaninos, não deixando registros das obras executadas”. Ricarte Linhares Gomes e Roosevelt Rodrigues Mota, “A Quinta da Boa Vista” (2007, pp. 41-42).
138. Livro de registro de entrada e saída de objetos da 3ª Seção do Museu Nacional [Livro 1], 1894-1946, RA332/D332. Registro de entrada em 4 de outubro de 1919, p. 52v. O Livro 1 engloba as entradas ocorridas no período de 08/09/1894 a 28/12/1934.
 139. F. Barata, “*Eliseu Visconti e seu tempo*” (1944).
 140. Disponível em www.eliseuvisconti.com.br. Acesso em 12/08/2014.
 141. Livro de registro de entrada e saída de objetos da 3ª Seção do Museu Nacional [Livro 1], 1894-1946, RA332/D332. Registro de entrada em 7 de outubro de 1921, p. 63v.
 142. Livro de registro de entrada e saída de objetos da 3ª Seção do Museu Nacional [Livro 1], 1894-1946, RA332/D332. Registro de entrada em 6 de junho de 1922, p. 66v.
 143. Lucia Wataghin, “*Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: a contribuição dos professores italianos*” (1992, p. 157).
 144. Lucia Wataghin, “*Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: a contribuição dos professores italianos*” (1992, p. 158).
 145. Lucia Wataghin, “*Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: a contribuição dos professores italianos*” (1992, p. 159).
 146. Livro de registro de entrada e saída de objetos da 1ª Seção do Museu Nacional [Livro 2], 1935-1959, RA333/D333. Registro de entrada em 5 de julho de 1939, p. 38.
 147. Ruy Osório de Freitas fez outras contribuições às coleções do Museu Nacional doando amostras de rochas e fósseis brasileiros registradas no Livro de registro de entrada e saída de objetos da 1ª Seção do Museu Nacional [Livro 2], 1935-1959, RA333/D333 em 27 e 30/03/1940 (p. 44), 05 e 31/03/1941 (p. 49) e 23/03/1943 (pp. 56-57).
 148. Livro de registro de entrada e saída de objetos da 1ª Seção do Museu Nacional [Livro 2], 1935-1959, RA333/D333. Registro de entrada em 6 de janeiro de 1942, pp. 50-54.
 149. Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Vera Maria Medina da Fonseca, Priscila Magalhães Vieira e Laís Machado Marino, “*Os fósseis estrangeiros da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional*” (2006, pp. 27-28).
 150. Comunicação pessoal do Prof. Arnaldo Campos dos Santos Coelho (1932-) do Museu Nacional, responsável pelo setor de Malacologia na época e professor emérito da UFRJ.
 151. Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Vittorio Pane, “*Giovanni Michelotti e sua contribuição às primeiras coleções científicas do Museu Nacional*” (2007a) e “*A coleção Michelotti e o Museu Nacional*” (2007b).
 152. Piero Damarco, “*La formazione di un territorio. Storia geo-paleontologica dell’Astigiano*” (2009, p. 207).
 153. Antonio Carlos Sequeira Fernandes “*Un naturalista brasileiro in Italia*” (2010/2011, pp. 64-67).
 154. Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Vittorio Pane, “*Cartas valiosas: a correspondência de Felipe Lopes Netto e João Barbosa Rodrigues para Enrico Hyllier Giglioli*” (2012, p. 159). Os comentários neste capítulo baseiam-se principalmente nas informações sobre os três personagens e a correspondência trocada entre eles tratada nesse artigo.
 155. Enrico Hillyer Giglioli, “*Viaggio intorno al globo della R. Pirocorvetta Italiana “Magenta” negli anni 1865, 1866, 1867, 1868, sotto il comando del capitano di fregata V. F. Arminjon*” (1875, pp. 39-41).
 156. Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Vittorio Pane, Andrea Siqueira D’Alessandri Forti e Renato Rodriguez Cabral Ramos, “*Trocando espécimens de animais por cabeças-troféu Munduruku: o intercâmbio de Enrico Giglioli com o Museu Nacional na segunda metade do século XIX*” (2010, p. 9).

157. Enrico Hillyer Giglioli, "*Lo studio dell'Etnologia al Brasile*" (1877, pp. 40-49).
158. Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Vittorio Pane, "*Cartas valiosas: a correspondência de Felipe Lopes Netto e João Barbosa Rodrigues para Enrico Hyllier Giglioli*" (2012, pp. 170-171).
159. Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Andrea Siqueira D'Alessandri Forti, Vittorio Pane, Marina Jardim e Silva e Cecilia de Oliveira Ewbank, "*Lepidosiren giglioliana: uma homenagem do botânico João Barbosa Rodrigues ao zoólogo Enrico Hillyer Giglioli*" (2012, pp. 80-87).
160. Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Vittorio Pane, "*Cartas valiosas: a correspondência de Felipe Lopes Netto e João Barbosa Rodrigues para Enrico Hyllier Giglioli*" (2012, p. 177).
161. Fausto Barbagli e Giovanni Pratesi (Coord.), "*Guida alle Sezioni del Museo di Storia Naturale dell'Università di Firenze*" (2009, p. 172).
162. Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Vittorio Pane, "*Cartas valiosas: a correspondência de Felipe Lopes Netto e João Barbosa Rodrigues para Enrico Hyllier Giglioli*" (2012, pp. 174-175).
163. Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Vittorio Pane, "*Cartas valiosas: a correspondência de Felipe Lopes Netto e João Barbosa Rodrigues para Enrico Hyllier Giglioli*" (2012, p. 177).

Referências

- AZEVEDO, Vaneza Santiago de. História do Museu Nacional e a pesquisa científica no Brasil: o caso Napione e a coleção Werner. P. 37. In: XXXIV JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, ARTÍSTICA E CULTURAL DA UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. *Livros de Resumos/Fórum de Ciência e Cultura*, 2012.
- BARBAGLI, Fausto & PRATESI, Giovanni (Coords.), “*Guida alle Sezioni del Museo di Storia Naturale dell’Università di Firenze*. Firenze: Edizioni Polistampa, 2009.
- BARATA, F. *Eliseu Visconti e seu tempo*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zélio Valverde, 1944.
- BOSELLINI, Alfonso. *Storia Geologica d’Italia*. Bologna: Zanichelli Editore, 2005.
- BRONGNIART, Adolphe-Théodore. *Mémoires sur les terrains de sédiments supérieurs calcareo-trappéens du Vincentin, et sur quelques terrains d’Italie, de France, d’Allemagne, etc., qui peuvent se rapporter à la même époque*. Paris: F. G. Levrault, 1823.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida & MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Kosmos, Volume 1, 1993.
- CAPANNA, Ernesto. *Luigi Metaxà*. Dizionario Biografico degli Italiani, volume 74 (2010). In: [www.treccani.it/enciclopedia/luigi-metaxa_\(dizionario-biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/luigi-metaxa_(dizionario-biografico)/). Acesso: 31/03/2014.
- CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CLEEVELY, Ron J. Old labels are old hat!?. *The Geological Curator*, 4 (8): 483-485.
- COARACY, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. (Coleção Reconquista do Brasil, 2ª série, volume 132), 1988.
- CONTI, Vincenzo. *Necrologia di Giovanni Rigacci*. 1871.
- DAMARCO, Piero. *La formazione di un territorio. Storia geo-paleontologica dell’Astigiano*. Asti: Ente Parchi e Riserve Naturali Astigiani, 2009.
- DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. *A Casa do Imperador. Do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2007.
- DE CAROLIS, Ernesto & PATRICELLI, Giovanni. *Vesuvius, A.D. 79. The destruction of Pompeii and Herculaneum*. Los Angeles: Getty Publications, 2003.
- DE LUCIA, Maddalena; RUSSO, Massimo & RICCIARDI, Giovanni Pasquale. 120 anni di storia dell’Italia e del Vesuvio nella collezione di medaglie di lava vesuviana dell’Osservatorio Vesuviano. Pp. 151-160. In: Myriam D’Andrea, Lorenzo Mariano Gallo & Gian Battista Vai (Coords.), *Uomini e ragioni: i 150 anni della geologia unitaria*, Sessão F4, GEOITALIA 2011 – VIII Forum Italiano di Scienze della Terra. Torino: ISPRA - Istituto Superiore per la protezione e la ricerca ambientale, 2011.
- DINI, Andrea; CORRETTI, Alessandro; INNOCENTI, Fabrizio; ROCCHI, Sergio & WESTERMAN, David Scott. Sooty sweat stains or tourmaline spots? The Argonauts on the Island of Elba (Tuscany) and the spread of Greek trading in the Mediterranean Sea. Pp. 227-243. In: Luigi Piccardi & W. Bruce Masse (eds.), *Myth and Geology*. London: Geological Society, *Special Publications*, 273, 2007.
- DUCHASSAING DE FONBRESSIN, É. P. & MICHELOTTI, Giovanni. *Memorie della Reale Accademia delle Scienze di Torino* [Série 2], 19: 279-366, 1860.
- DUCHASSAING DE FONBRESSIN, É. P. & MICHELOTTI, Giovanni. *Memorie della Reale Accademia delle Scienze di Torino* [Série 2], 23: 97-206, 1866.
- EBEL, Ernst. *O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, volume 351, 1972.
- EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Coleção Reconquista do Brasil, volume 28, 1976.
- FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira. Un naturalista brasileiro in Italia. *Bollettino del Club Alpino*

Italiano di Giaveno, Anno 20 (1): 64-67, 2010/2011.

FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira & HENRIQUES, Deise Dias Rego. José da Costa Azevedo e Custódio Alves Serrão: da formação na Universidade de Coimbra à importante atuação na estruturação do Museu Nacional no Brasil. Pp. 1018-1031. In: Universidade de Coimbra (ed.) e Fiolhais, C.; Simões, C. & Martins, D. (coords.) *Congresso Luso-Brasileiro de História das Ciências*. Coimbra: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2011.

FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira & PANE, Vittorio. Giovanni Michelotti e sua contribuição às primeiras coleções científicas do Museu Nacional. *Filosofia e História da Biologia*, 2: 75-84, 2007a.

FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira & PANE, Vittorio. A coleção Michelotti e o Museu Nacional. Pp. 101-109. In: Ismar de Souza Carvalho, Rita de Cássia Tardin Cassab, Cibele Schwanke, Marcelo de Araújo Carvalho, Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Maria Antonieta da Conceição Rodrigues, Marise Sardenberg Salgado de Carvalho, Mitsuru Arai & Maria Emília Queiroz Oliveira, *Paleontologia: Cenários de Vida*. Rio de Janeiro, Interciência, volume 2, 2007b.

FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira & PANE, Vittorio. Cartas valiosas: a correspondência de Felipe Lopes Netto e João Barbosa Rodrigues para Enrico Hyllier Giglioli. *Filosofia e História da Biologia*, 7 (2): 157-180, 2012.

FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; FORTI, Andrea Siqueira D'Alessandri & HENRIQUES, Deise Dias Rego. Trajetória das coleções geológicas incorporadas ao Museu Nacional/UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil) no século XIX. Pp. 101-106. In: José Manuel Brandão, Pedro M. Callapez, Octávio Mateus & Paulo Castro (eds), *Coleções e Museus de Geologia: missão e gestão*. Coimbra: Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência, 2010.

FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; FONSECA, Vera Maria Medina da; VIEIRA, Priscila Magalhães & MARINO, Lais Machado. Os fósseis estrangeiros da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional. *Publicações Avulsas do Museu Nacional* (108): 1-36, 2006.

FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; FORTI, Andrea Siqueira D'Alessandri; SILVA, Marina Jardim e & EWBank, Cecília de Oliveira. De Manaus para Florença: uma homenagem do botânico João Barbosa Rodrigues ao antropólogo Enrico Hyllier Giglioli. In: ENCONTRO DE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA CIÊNCIA DO CONE SUL, 7, 2010, Canela. *Caderno de Resumos...*, Canela, Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul, p. 31, 2010.

FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; PANE, Vittorio; FORTI, Andrea Siqueira D'Alessandri & RAMOS, Renato Rodriguez Cabral. Trocando animais por cabeças-troféu Munduruku: o intercâmbio de Enrico Giglioli com o Museu Nacional na segunda metade do século XIX. In: ENCONTRO DE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA 2009, São Paulo. *Encontro de Filosofia e História da Biologia 2009...*, São Paulo, Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia, pp. 14-15, 2009.

FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; PANE, Vittorio; FORTI, Andrea Siqueira D'Alessandri & RAMOS, Renato Rodriguez Cabral. Trocando espécimens de animais por cabeças-troféu Munduruku: o intercâmbio de Enrico Giglioli com o Museu Nacional na segunda metade do século XIX. *Filosofia e História da Biologia*, 5 (1): 1-19, 2010.

FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; FORTI, Andrea Siqueira D'Alessandri; PANE, Vittorio; SILVA, Marina Jardim e & EWBank, Cecília de Oliveira. *Lepidosiren giglioliana*: uma homenagem do botânico João Barbosa Rodrigues ao zoólogo Enrico Hillyer Giglioli. *Revista Brasileira de História da Ciência*, 5 (Suplemento): 80-87, 2012.

FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; PANE, Vittorio; RAMOS, Renato Rodriguez Cabral; FORTI, Andrea Siqueira D'Alessandri & DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. Uma caixa valiosa: a "Coleção do Vesúvio" e o Museu do Imperador. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 44, 2008, Curitiba. *Anais...*, Curitiba, Sociedade Brasileira de Geologia, p. 722, 2008.

FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; PANE, Vittorio; BARBAGLI, Fausto; SILVA, Marina Jardim e; EWBank, Cecília de Oliveira & FORTI, Andrea Siqueira D'Alessandri. Fragmentos de uma correspondência perdida: as cartas de Lopes Netto e Barbosa Rodrigues para Enrico Giglioli. In: SCIENTIARUM HISTORIA III – CONGRESSO DE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA, 3, 2010. Livro de Resumos..., Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 4, 2010.

FORTI, Andrea Siqueira D'Alessandri. O Museu do Imperador e as lavas do Etna. In: XXX JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, ARTÍSTICA E CULTURAL DA UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. *Livros de Resumos/Fórum de Ciência e Cultura*, p. 2, 2008.

FORTI, Andrea Siqueira D'Alessandri. O intercâmbio entre o Museu Zoológico de Florença e o Museu Nacional na segunda metade do século XIX. In: XXXI JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, ARTÍSTICA E CULTURAL DA UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. *Livros de Resumos/Fórum de Ciência e Cultura*, p. 16, 2009.

FORTI, Andrea Siqueira D'Alessandri; SILVA, Marina Jardim e & EWBANK, Cecília de Oliveira. *Lepidosiren giglioliana*: uma homenagem do botânico João Barbosa Rodrigues ao “amigo” zoólogo Enrico Hyllier Giglioli. In: XXXI JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, ARTÍSTICA E CULTURAL DA UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. *Livros de Resumos/Fórum de Ciência e Cultura*, p. 21, 2009.

GAMBONI, Tommaso. Il geologo Domenico Lovisato. *Almanacco maddalenino*. La Maddalena: Paolo Sorba Editore, volume 1, 2002.

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Coleção Reconquista do Brasil, volume 13, 1975.

GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000.

GIGLIOLI, Enrico Hyllier. *Viaggio intorno al globo della R. Pirocorvetta Italiana Magenta nelle anni 1865-66-67-68 sotto il comando del Capitano di Fregata V. F. Arminjon*. Relazione descrittiva e scientifica pubblicata sotto gli auspici del Ministero di Agricoltura, Industria e Commercio. Con introduzione etnologica di Paolo Mantegazza. Milano: V. Maisner e C., 1873.

GIGLIOLI, Enrico Hillyer. Lo studio dell'Etnologia al Brasile. *Archivo per l'Antropologia e la Etnologia*, 7 (1): 40-49, 1877.

GOMES, Laurentino. *1889: como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da monarquia e a proclamação da República no Brasil*. São Paulo: Globo, 2013.

GOMES, Ricarte Linhares & MOTA, Roosevelt Rodrigues. *A Quinta da Boa Vista*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Coleção Patrimônio Turístico Volume IV, 2007.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Coleção Reconquista do Brasil, 2ª série, volume 157, 1990.

HENRIQUES, Deise Dias Rego; FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira & FORTI, Andrea Siqueira D'Alessandri. Trajetória das coleções geológicas incorporadas ao Museu Nacional/UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil) no século XIX. In: José Manuel Brandão, Pedro M. Callapez, Octávio Mateus & Paulo Castro (eds.), INTERNATIONAL CONFERENCE ON GEOLOGICAL COLLECTIONS AND MUSEUMS: MISSION AND MANAGEMENT/CONFERÊNCIA INTERNACIONAL COLEÇÕES E MUSEUS DE GEOCIÊNCIAS: MISSÃO E GESTÃO, 2009, Coimbra. *Journal of Paleontological Techniques, Special Volume* (6): 31, 2009.

INSTRUÇÃO PARA OS VIAJANTES E EMPREGADOS NAS COLONIAS SOBRE A MANEIRA DE COLHER, CONSERVAR E REMETTER OS OBJECTOS DE HISTÓRIA NATURAL. (Arranjada pela administração do Real Museu de História Natural de Paris. Traduzida por ordem de Sua Majestade Fidelíssima, expedida pelo excellentíssimo Ministro e Secretário d'Estado dos Negócios do Reino do original Francez impresso em 1818. Augmentada, em notas, de muitas das instrucções aos correspondentes da Academia Real das Sciencias de Lisboa, impressas em 1781; e precedidas de algumas reflexões sobre a História Natural do Brazil, e estabelecimento do Museu e Jardim Botânico em a Côrte do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1819.

LACERDA, João Baptista de. *Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

LEINZ, Viktor. A Geologia e a Paleontologia no Brasil. Pp. 275-295. In: Fernando de Azevedo (org.), *As ciências no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

LIMA, Oliveira. *Dom João VI no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no*

século XIX. São Paulo: HUCITEC, 1997.

MACEDO, Antonio Carlos Magalhães; FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira & GALLO-DA-SILVA, Valéria. Fósseis coletados na Amazônia pela “Comissão Geológica do Império do Brasil” (1875-1877): um século de história. *Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Geologia*, (47): 1-6, 1999.

METAXÀ, Luigi. *Monografia dei Serpenti di Roma e suoi contorni*. Roma: Stamperia de Romanis, 1823.

MICHELE, Vincenzo de. *Guida mineralogica d'Italia*. Novara: Istituto Geografico De Agostini, 1974.

MICHELOTTI, Giovanni. *Specimen Zoophytologiae diluviane*. Torino: Ed. Heredes Botta, 1838a.

MICHELOTTI, Giovanni. Geognostische-Zoologische Ansicht über die tertiären Bildungen Piemonts. *Neues Jahrbuch für Mineralogie Geologie und Palaeontologie*, 8: 395-400, 1838b.

MICHELOTTI, Giovanni. *Précis de la faune miocène de la Haute Italie*. Natuurkundige Verhandelingen Van De Hollandsche Maatschappij der Wetenschappen Te Haarlem Tweede Werzaming, 3 Deel. 2 Stuk., Haarlem, 1847.

MICHELOTTI, Giovanni. *Études Sur le Miocène Inferieur de l'Italie Septentrionale*. Mémoire, Société Hollandaise des Sciences à Harlem. Harlem: Les Heritiers Loosjes, 1861.

MUSEU NACIONAL. *O Museu Nacional*. São Paulo: Banco Safra, 2007.

NAPIONE, Carlo Antonio. *Elementi di Mineralogia esposti a norma delle più recenti osservazioni e scoperte*. Torino: Reale Stamperia, 1797.

NETTO, Ladislau. *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Philomatico, 1870.

PAES LEME, Alberto Betim. *Evolução da Estrutura da Terra e Geologia do Brasil vistas através das coleções do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924.

PANE, Vittorio; FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; RAMOS, Renato Rodriguez Cabral & FORTI, Andrea Siqueira D'Alessandri. Il recupero delle collezioni geologiche italiane appartenenti al Museu Nacional di Rio de Janeiro. *Bollettino del Club Alpino Italiano di Gaieno*, Anno 19 (1): 65-68, 2009/2010.

PINHEIRO, R. *As histórias da Comissão Científica de Exploração (1856) na correspondência de Guilherme Schüch de Capanema*. São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Geociências, Dissertação de Mestrado, 2002.

PRESS, Frank; SIEVER, Raymond; GROTZINGER, John & JORDAN, Thomas H. *Para entender a Terra*. Porto Alegre: Bookman, 2006.

PROJETO VE. Eliseu Visconti. Site www.eliseuvisconti.com.br (consultado em 08/07/2008), 2005.

RAMINELLI, R. Viagens e inventários. Tipologia para o período colonial. *História: questões e debates*, (32): 27-46, 2000.

RESUMO BIOGRÁFICO. Um vulcão contra a República. *Nossa História*, Ano 2, número 13: 88, 2004.

RIGACCI, Giovanni. *Catalogo delle conchiglie componenti la collezione Rigacci classificata col sistema di Lamarck e con l'indicazione di alcuni generi e sottogeneri adottati dai più recenti conchiologi. Parte prima. Delle conchiglie viventi*. Roma, Tipografia Salviucci. 1866.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; AZEVEDO, Paulo Cesar de & COSTA, Angela Marques da. *A longa viagem da biblioteca dos reis. Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SERRA, Margherita; BORGHI, Alessandro; GALLO, Lorenzo Mariano; HOVORIC, Robert & VAGGELLI, Gloria. Petrographic features, genesis and provenance of Pietra Paesina collections of the Regional Museum of Natural Sciences of Turin, Italy. *Periodico di Mineralogia, Special Issue*: 95-111, 2010.

SILVA JARDIM, Antônio da. A pátria em perigo. P. 85. In: Antônio da Silva Jardim, *Propaganda Republicana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Conselho Federal de Cultura, 1978.

TEIXEIRA, Wilson; FAIRCHILD, Thomas Rich; TOLEDO, Maria Cristina Mota & TAIOLI, Fabio. *Decifrando a Terra*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

TORRES, José Carlos Pereira de Almeida. *Relatório da Repartição dos Negócios do Império apresentado à Assembleia Geral Legislativa na 3ª sessão da 5ª Legislatura*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1844.

UZZO, Tullia; DI VITO, Mauro Antonio; RICCIARDI, Giovanni Pasquale & VITA, Sandro de. La valorizzazione delle collezioni storiche di interesse scientifico: l'esempio delle medaglie di lava dell'Osservatorio Vesuviano. *Quaderni di Geofisica* (114): 1-67, 2013.

VAINFAS, Ronaldo (Direção). *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

WATAGHIN, Lucia. Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: a contribuição dos professores italianos. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 34: 151-174, 1992.

Fontes

Arquivo Público Mineiro

Jornal 'A Pátria Mineira', edição de 30/07/1891, pág. 2.

Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/jornais/search.php?query=&andor=AND&tipo_nome=1&text_nome=A&titulo=210&num_edicao=&dtini1=1891&dtini2=&tipo_nome_local=1&text_nome_local=A&local_edicao=0&ordenar=30&asc_desc=10&submit=Executar+pesquisa&action=results&iid_REQUEST=f5f7afa3d392b01a081d7b1a6092561f>.

Acesso em: 11/09/2013.

Museu Nacional, Seção de Memória e Arquivo:

Documento número 24 [06/11/1823]

Documento número 42 [22/11/1825]

Documento número 45 [18/04/1826]

Documento número 52 [31/08/1826]

Documento número 53a [11/09/1826]

Documento número 127 [04/02/1830]

Documento número 141, pasta 1, de 29/01/1831

Documento número 145, pasta 1, de 25/06/1831

Documento número 13, pasta 2, de 15/01/1834

Documento número 46, pasta 2, de 24/01/1836

Documento número 59, pasta 2, de 10/01/1837

Documento número 62, pasta 2, de 30/08/1837

Documento do Museu Nacional número 150, pasta 2, de 08/02/1843

Documento do Museu Nacional número 155, pasta 2, de 19/06/1843

Documento do Museu Nacional número 158, pasta 2, de 12/07/1843

Documento do Museu Nacional número 162, pasta 2, de 15/09/1843

Documento do Museu Nacional número 164, pasta 2, de 30/09/1843

Livro de registro de entrada e saída de objetos da 3ª Seção do Museu Nacional [Livros 1 e 2], 1894-1946, RA332/D332 e 1935-1959, RA333/RA333.

Cronologia

- 1297 Nasce o Estado Sardo, ou *Regno di Sardegna*.
- 1720 Formação do *Regno di Sardegna*, incluindo todos os Estados pertencentes à Casa de Saboia.
- 1768 A Córsega, pertencente à *Repubblica di Genova*, passa à posseção da França.
- 1807 A coleção Werner, pertencente a Karl Eugen Pabst von Ohain, contendo minerais de diversos países, inclusive da Itália, é comprada pelo primeiro conde da Barca, António Araújo de Azevedo, e segue para Lisboa.
O mineralogista italiano Carlos Napione descobre e salva a coleção Werner que se encontrava perdida na alfândega de Lisboa.
A Corte foge de Portugal devido à invasão pelas forças de Napoleão e, com ela, encontra-se a coleção Werner.
Nasce Giuseppe Garibaldi, patriota italiano alcunhado de “herói de dois mundos” que ulteriormente participa de conflitos na Europa e se junta à Revolução Farroupilha no sul do Brasil.
- 1808 Chegada da Família Real a Salvador.
A Corte se instala no Rio de Janeiro.
- 1816 Criação do *Regno delle Due Sicilie*, com a união do *Regno di Napoli* e do *Regno di Sicilia*.
- 1818 Em 6 de junho, Dom João VI funda o Museu Real, instalado em prédio junto ao Campo de Santana.
Frei José da Costa Azevedo, lente de Mineralogia da Real Academia Militar, é indicado Inspetor e 1º diretor do Museu Real. João de Deus de Mattos é nomeado Porteiro e Guarda da instituição.
- 1819 A coleção Werner é incorporada ao Museu Nacional.
É publicada a “Instrução para os viajantes e empregados nas colônias...” pela Imprensa Régia.
- 1821 O Museu Real abre suas portas ao público com quatro salas de exposições.
- 1822 Dom Pedro proclama a Independência do Brasil.
O Museu Real passa a ser denominado Museu Imperial.
- 1823 João da Silveira Caldeira é indicado como 2º diretor do Museu Nacional.
- 1824 O senhor M. Beske doa uma amostra de epidoto do Piemonte.
- 1828 Frei Custódio Alves Serrão é indicado como 3º diretor do Museu Nacional.
- 1830 O Museu passa a se chamar Museu Imperial e Nacional.
- 1831 O visconde de Alcântara encaminha ao Museu Nacional uma caixa procedente de *Genova* com produtos mineralógicos e geológicos provenientes do *Vesuvio*.
- 1836 O paleontólogo Giovanni Michelotti, de *Torino*, envia ao Museu Nacional uma coleção formada principalmente por fósseis de moluscos da região do *Piemonte*, tornando-se a primeira coleção de invertebrados fósseis marinhos da instituição.
- 1837 O “Museu de Roma” encaminha uma coleção de moluscos marinhos e terrestres, atuais e fósseis, provenientes dos arredores da cidade. A coleção encontra-se atualmente extraviada.

- O visconde de Caravelas comunica a chegada de produtos mineralógicos encaminhados pelo “Museu de Roma”.
- 1842 O Museu Nacional é dividido em quatro seções, ficando a 3ª Seção denominada “Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas”.
- 1843 A Legação do Brasil em *Napoli* comunica a intenção de permuta proposta por um senhor Lacaita, possivelmente não concretizada.
Dom Pedro II remete ao Museu Nacional exemplares de minerais e lavas do *Vesuvio* doados pelo médico cirurgião da Armada brasileira, Joaquim Pereira de Araújo.
Casamento de Dom Pedro II com Teresa Cristina Maria de Bourbon (princesa do *Regno delle Due Sicilie*).
- 1847 Frederico Leopoldo Cesar Burlamaque é indicado como o 4º diretor do Museu Nacional.
União da *Sardegna* e do *Piemonte* como um único reino.
- 1861 Unificação da Itália.
- 1870 Ladislau Neto publica sua obra sobre as investigações históricas e científicas do Museu Nacional onde relata as contribuições vindas da Itália.
- 1871 Primeira viagem de Dom Pedro II à Europa e ao Oriente.
- 1876 A 3ª Seção passa a chamar-se “De Ciências Físicas: Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral”.
Segunda viagem de Dom Pedro II ao exterior incluindo visitas aos Estados Unidos, à Europa e ao Oriente.
- 1882 Morre Giuseppe Garibaldi na *Isola di Caprera* do arquipélago *Maddalena*, na *Sardegna*, Itália.
- 1886 O vice-cônsul do Brasil em *Catania*, *Sicilia*, remete a Dom Pedro II um relatório e fotos sobre a erupção do *Etna* com amostras de lavas.
- 1888 A 3ª Seção passa a ser denominada “Mineralogia, Geologia e Paleontologia”.
- 1889 Com a Proclamação da República, o museu passa a se denominar Museu Nacional. Dom Pedro II é exilado.
- 1890 Pelo menos um exemplar mineralógico da *Sardegna*, assim como outros do *Piemonte*, é enviado por Domenico Lovisato, docente da *Università degli Studi di Sassari* na *Sardegna* e grande amigo de Garibaldi, a Dom Pedro II, possivelmente em data anterior, e anexado ao seu museu particular (Museu do Imperador).
- 1892 O Museu Nacional é transferido para o Paço de São Cristóvão na Quinta da Boa Vista, residência da Família Imperial brasileira até 1889.
Incorporação dos exemplares do Museu do Imperador às coleções do Museu Nacional. Entre eles estariam os espécimens minerais enviados por Domenico Lovisato, a coleção mineralógica da imperatriz Leopoldina, uma coleção de minerais do *Vesuvio* e outras localidades vulcânicas e amostras de lava do *Etna*.
- 1916 A 3ª Seção passa a ser identificada como 1ª Seção.
- 1919 Afonso d’Angelo Visconti, irmão do famoso pintor Eliseu d’Angelo Visconti, doa fragmentos de peixes fósseis e frascos com óleo e ictiol procedentes da comuna de *Giffoni Valle Piana*, situada nas proximidades de *Salerno*.
- 1929 Criação da cidade-Estado do Vaticano pelo Tratado de Latrão.
- 1931 Reestruturação da 1ª Seção do Museu Nacional com a formação de duas divisões: “Divisão de Mineralogia e Petrografia” e “Divisão de Estratigrafia e Paleontologia”.

- 1939 O barão Ottorino di Fiore di Coprani, da Universidade de São Paulo, doa uma coleção de amostras de minerais italianos de várias procedências da Itália.
- 1941 Forma-se a Divisão de Geologia e Paleontologia, com a fusão das duas divisões anteriores.
O barão Ottorino di Fiore di Coprani doa uma coleção de moluscos procedentes da Itália endereçada à Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional. Por se tratar de uma coleção de moluscos recentes, é incorporada ao acervo do setor de Malacologia.
- 1946 Incorporação do Museu Nacional à Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- 1947 Dá-se início à reorganização do acervo geológico do Museu Nacional formando as coleções atuais de geologia e paleontologia.
- 1971 São criados os departamentos de “Geologia” e de “Paleontologia”.
- 1971 O médico Luiz Roberto Tostes doa uma coleção de moluscos fósseis pliocênicos procedentes de *Castell’Arquato*.
- 1974 Com interesse comercial, em visita ao Museu Nacional, o comerciante italiano Alberto Ponis permuta oito minerais, sendo dois da coleção Werner, por exemplares mineralógicos italianos.
- 1979 Unificação dos dois departamentos originando o Departamento de Geologia e Paleontologia.
- 2007 O *Museo Geologico Sperimentale* da *Sezione di Giaveno* do *Club Alpino Italiano* doa uma coleção de invertebrados fósseis do *Piemonte*. Cento e setenta e um anos depois da remessa de Giovanni Michelotti, o Museu Nacional recebe uma nova coleção de fósseis piemonteses.

Anexo 1

Minerais de origem italiana relacionados no catálogo de 1824 da coleção Werner. Observe-se que nem todos os minerais hoje citados para a coleção Werner encontram-se relacionados no catálogo oitocentista. As amostras da Córsega estão aqui relacionadas porque a ilha pertencia à *Repubblica di Genova* até 1768 quando passou a pertencer à França.

NÚMERO DO CATÁLOGO WERNER	NÚMERO ATUAL	MINERAL	DESCRIÇÃO ORIGINAL	CITAÇÃO ORIGINAL DA LOCALIDADE
+676	-	Tetraedrita	Mina de cobre gris de uma cor de aço tendente à cor de chumbo, com quartzo celular mina de cobre latericia, e galena.	<i>Sicilia</i>
+886	-	Galena	Um fragmento cúbico solto de mediana grandeza no qual se distinguem outros menores.	<i>Sicilia</i>
+1191	898-M	Magnetita	Mina de ferro magnética vulgar cristalizada em dobradas pirâmides quadriláteras muito pequenas, mas perfeitamente cristalizadas no xisto clorites.	Córsega
+1209	3420-M	Hematita	Misturado com muita 'ochra bruna' e pouco quartzo.	<i>Isola d'Elba</i>
+1217	257-M	Hematita	Ferro especular cristalizado em tábuas hexagonais com as faces laterais esféricas convexas e as faces terminais alternativamente postas, oblíquas como também as arestas terminais afiadas de tal modo, que as faces afiadas são postas sobre as faces laterais, misturado, e incrustado com muita 'ochra ferrea'.	<i>Isola d'Elba</i>
+1218	-	Hematita	Ferro especular cristalizado em pirâmides triedras dobradas muito chatas com os ângulos pouco e obliquamente truncados, e as faces laterais riscadas transversalmente, e misturado com pouca 'ochra' de ferro.	Córsega
+1694	-	Antimônio	Antimônio gris estriado de partes separadas granulares oblongas, com pouco quartzo, ou 'ochra' fresca.	Córsega
+1821	1123-M	Pirolusita	Manganês gris estriado em forma de drusa, e da mesma cristalização (em prismas quadriláteros obliquângulos com as faces terminais afiadas, bastante compridos e muito distintos), mas com mais pequenas misturado com pouca 'ochra ferrea' endurecida.	<i>Piemonte</i>
+2185	-	Quartzo	Um geodo pequeno de calcedônia vulgar de um lado polido com uma bolha por dentro de ar.	<i>Italia</i>
+2186	-	Quartzo	Alguns geodos pequenos de calcedônia vulgar.	<i>Italia</i>
+2523	-		Pedra aluminosa (alunita) de cor branca gris.	<i>Tolfa - Lazio</i>
+2524	-		Pedra aluminosa (alunita) composta com riscas encarnadas.	<i>Tolfa - Lazio</i>
+2672	-	Talco	Argila crustácea encarnada. Bolo de cor avermelhada escura.	<i>Italia</i>
+2770	-	Luma-chella	Pedra calcária polida.	<i>Italia?</i>
+170 (S)	-	Ferro	Ferro oxidado lenticular cor de bronze.	<i>Isola d'Elba</i>
+172 (S)	13-M	Ferro	Ferro sulfuretado em dodecaedros modificado com ferro oxidado, e quartzo hialino.	<i>Isola d'Elba</i>
+297 (S)	-	Quartzo	Quartzo hialino verde escuro (prásio).	<i>Isola d'Elba?</i>
+302 (S)	-	Quartzo	Quartzo hialino verde escuro (prásio).	<i>Isola d'Elba?</i>
+355 (S)	-	-	Rocha serpentinosa nobre compacta cor verde montanha com asbesto flexível branco acetinado.	<i>Piemonte</i>
+356 (S)	-	-	Rocha serpentinosa nobre esquamosa e gordurenta ao tato.	<i>Piemonte</i>

Anexo 2

Minerais da coleção de mineralogia do Museu Nacional procedentes de diversas localidades da Itália (exceto do *Vesúvio* e arredores) e incluídos no acervo, além dos exemplares da coleção Werner, provavelmente no século XIX. Observações: (1) exemplar coletado ou doado por Domenico Lovisato em 1890; (2) pertencente antigamente ao *Piemonte*, a *Savoia* é atualmente uma região do sudeste da França; (3) exemplar coletado ou doado por um senhor Beske em 1824.

NÚMERO	MINERAL	LOCALIDADE
13-M	Pirita e hematita	<i>Isola d'Elba</i> (Coleção Werner)
191-M	Hematita	<i>Isola d'Elba</i> (Coleção Werner)
257-M	Hematita	<i>Isola d'Elba</i> (Coleção Werner)
259-M	Hematita iridescente	<i>Isola d'Elba?</i>
371-M	Galena e pirita	<i>Traversella, Piemonte</i>
580-M	Calcopirita	<i>Piemonte?</i>
655-M	Apatita	<i>Val d'Ala, Torino, Piemonte</i>
919-M	Enxofre	<i>Sicília ou Marche</i>
933-M	Granada	<i>Traversella, Val d'Ala, Torino, Piemonte</i>
943-M	Calcita	<i>Monteponi, Sardegna (1)</i>
977-M	Piroxênio-Diopsídio	<i>Val d'Ala, Torino, Piemonte</i>
1002-M	Diopsídio	<i>Val d'Ala, Torino, Piemonte</i>
1081-M	Diopsídio	<i>Traversella, Piemonte</i>
1123-M	Pirolusita	<i>Piemonte</i> (Coleção Werner)
1204-M	Hematita	<i>Isola d'Elba, Livorno, Toscana</i>
1210-M	Corindon	<i>Piemonte</i>
1263-M	Estroncianita	<i>Sicília</i>
1268-M	Rutilo sobre quartzo	<i>Val Chiusella, Torino, Piemonte</i>
1290-M	Hematita	<i>Isola d'Elba, Livorno, Toscana</i>
1517-M	Dolomita	<i>Traversella, Val Chiusella, Torino, Piemonte</i>
1535-M	Dolomita	<i>Traversella, Val Chiusella, Torino, Piemonte</i>
1542-M	Calamina	<i>Sardegna</i>
1573-M	Piemontite	<i>Miniera di Praborna, Vallone di Saint Marcel, Val d'Aosta</i>
1627-M	Enxofre	<i>Sicília</i>
1792-M	Vivianita sobre linhito	<i>Savoia (2)</i>
1868-M	Enxofre	<i>Sicília</i>
1885-M	Enxofre	<i>Sicília</i>
1887-M	Enxofre	<i>Sicília</i>
1936-M	Vesuvianita	<i>Val d'Ala, Torino, Piemonte; originalmente classificada como rutilo</i>
1942-M	Anfibólio-Amianto	<i>Moutiers, Savoia (2)</i>
2048-M	Heulandita	<i>Val di Fassa, Tirol</i>
2088-M	Epidoto	<i>Piemonte (3)</i>
2116-M	Epidoto	<i>Traversella, Val Chiusella, Torino, Piemonte</i>
2117-M	Vesuvianita	<i>Balme, Val d'Ala, Torino, Piemonte</i>
2142-M	Anglesita na galenita	<i>Monteponi, Sardegna</i>
2216-M	Anglesita com galena	<i>Malacalzetta, Sardegna</i>
2218-M	Anglesita verde	<i>Gennamari, Sardegna</i>
2238-M	Vesuvianita magnesífera	<i>Val d'Ala, Torino, Piemonte</i>
2239-M	Vesuvianita (Idocrasita)	<i>Val d'Ala, Torino, Piemonte; provavelmente é um epidoto</i>
2285-M	Calcita	<i>Savoia (2)</i>
2304-M	Alunita	<i>Tolfa, Lazio</i>
2324-M	Barita com enxofre	<i>Sicília</i>
2367-M	Granada	<i>Val d'Ala, Torino, Piemonte</i>
2401-M	Calcita maclada	<i>Traversella, Val Chiusella, Torino, Piemonte</i>
2445-M	Celestita com enxofre	<i>Sicília</i>
2485-M	Barita	<i>Montevecchio, Sardegna</i>
2571-M	Hematita e pirita no quartzo	<i>Piemonte</i>
2575-M	Anfibólio/Amianto	<i>Piemonte</i>
2590-M	Ortoclasita	<i>Baveno, Lago Maggiore, Novara, Piemonte</i>
2617-M	Piemontita	<i>Miniera di Praborna, Vallone di Saint Marcel, Val d'Aosta, Piemonte</i>

continua...

NÚMERO	MINERAL	LOCALIDADE
2623-M	Amianto	<i>Piemonte</i>
2735-M	Cerussita	<i>Montevecchio, Sardegna</i>
2737-M	Cerussita sobre galena	<i>Monteponi, Sardegna</i>
2750-M	Calcita, reclassificada como dolomita	<i>Traversella, Val Chiusella, Torino, Piemonte</i> (há dúvidas se procede do Piemonte)
2827-M	Magnesita	<i>Baldissero Canavese, Torino, Piemonte</i>
2892-M	Quartzo	<i>Isola d'Elba, Livorno, Toscana</i>
2895-M	Hematita	<i>Isola d'Elba, Livorno, Toscana</i>
2967-M	Anfibólio/Amianto	<i>Savoia (2)</i>
3050-M	Ilvaita	<i>Isola d'Elba, Livorno, Toscana</i>
3069-M	Turmalina policrômica	<i>Isola d'Elba, Livorno, Toscana</i>
3076-M	Pirita	<i>Miniere di Brozzo(?), Ivrea, Piemonte</i>
3091-M	Pirita epigenizada	<i>Isola d'Elba, Livorno, Toscana</i>
3115-M	Pikeringita	<i>Isola d'Elba, Livorno, Toscana</i>
3131-M	Celestita	<i>Sicilia</i>
3285-M	Pirita	<i>Piemonte</i>
3339-M	Hematita	<i>Isola d'Elba, Livorno, Toscana</i>
3371-M	Granada	<i>Traversella, Piemonte</i>
3372-M	Granada	<i>Traversella, Val Chiusella, Torino, Piemonte</i>
3377-M	Celestita sobre enxofre	<i>Sicilia</i>
3475-M	Hematita	<i>Isola d'Elba, Livorno, Toscana</i>
3557-M	Granada	<i>Piemonte</i>
3794-M	Barita	<i>Traversella, Val Chiusella, Torino, Piemonte</i>
3822-M	Vesuvianita	Dúvida se é de <i>Val d'Ala</i>
3841-M	Siderita com blenda	<i>Miniere di Brozzo, Piemonte</i>
3860-M	Calcita	Dúvida se é de <i>Carrara</i> (Coleção Werner)
4005-M	Enxofre	<i>Sicilia</i>
4051-M	Fosgenita	<i>Sardegna</i> (Coletor Reinaldo Saldanha)
4170-M	Cianita	<i>Pizzo Marcio? Val Vigizzo, Piemonte</i>
4171-M	Cianita	<i>Pizzo Marcio? Val Vigizzo, Piemonte</i>
4350-M	Anglesita	<i>Sardegna</i> (Coletor R. Saldanha, entrada 12/05/1939)
4399-M	Piroxênio/Diopside c/ granadas	<i>Val d'Ala, Torino, Piemonte</i>
4579-M	Hematita	<i>Isola d'Elba, Livorno, Toscana</i>
4587-M	Pirita	<i>Isola d'Elba, Livorno, Toscana</i>
4842-M	Piromorfita	<i>Sardegna? (Coleção Werner)</i>
4873-M	Epidoto	<i>Traversella, Val Chiusella, Torino, Piemonte</i>
4879-M	Pirita	<i>Isola d'Elba, Livorno, Toscana</i>
4886-M	Augita	<i>Etna</i>
4993-M	Calcopirita	<i>Piemonte</i>
5338-M	Calcita (calcário sacaroide)	<i>Carrara, Toscana</i>
7014-M	Hematita	<i>Isola d'Elba, Livorno, Toscana</i>
7275-M	Enxofre com betume	<i>Perticara</i> (obtido por permuta com o Sr. Alberto Ponis da Internazionale Minerali)
7276-M	Celestita com enxofre	<i>Miniera di Racalmuto, Sicilia</i> (obtido por permuta com o Sr. Alberto Ponis da Internazionale Minerali)

Anexo 3

Minerais da coleção de mineralogia do Museu Nacional cuja procedência é atribuída à região do *Somma/Vesuvio* e que possivelmente foram incorporadas ao acervo ainda no século XIX. Embora não existam referências quanto ao possível doador das amostras, existe a possibilidade de que tenham sido as doadas por Joaquim Pereira de Araújo. Observações: (1) a amostra 574-M, classificada equivocadamente como matlockita, não é procedente da Itália e (2) a amostra 1366-M certamente não é procedente do *Vesuvio*.

NÚMERO	MINERAL
252-M	Atacamita
574-M	Wulfenita (1)
1078-M	Anfíbio-Tremolita
1178-M	Espinélio-Ceylonita
1220-M	Espinélio
1238-M	Espinélio
1331-M	Leucita (Anfigênio)
1355-M	Leucita (Anfigênio)
1366-M	Mica muscovita (2)
1367-M	Thomsonita comptonita, globuliforme
1588-M	Gismondita em lava variolítica
1698-M	Cristianita com calcita e piroxênio verde esponjoso (Phillipsita)
2004-M	Anfíbio-Breislakita (Lava de Scala?)
2010-M	Vesuvianita
2014-M	Nefelina
2120-M	Mica
2126-M	Vesuvianita
2560-M	Vesuvianita
2691-M	Originalmente classificada como crisolita (peridoto) – Olivina com piroxênio. Reclassificada como augita (V. Pane). Dúvida se é procedente do <i>Vesuvio</i> .
2699-M	Meionita
2710-M	Nefelita com mica (Sommita)
2711-M	Hauynita
2716-M	Anortita (Feldspato)
2761-M	Originalmente classificada Crisolita (Peridoto) – Olivina com piroxênio. Reclassificada como biotita por Vittorio Pane
2764-M	Leucita em lava
2786-M	Feldspato e piroxênio alterado
2798-M	Meionita em bomba calcária
2908-M	Leucita em lava
3020-M	Mica meróxena
3520-M	Enxofre
3589-M	Hauynita
4165-M	Cristianita, granada e homblenda
4185-M	Vesuvianita
4253-M	Leucita
4581-M	Feldspato – flutuado resultante das peperinas decompostas

Anexo 4

Relação dos fósseis da região do *Piemonte* identificadas no livro de tombo da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional com correspondência à listagem dos fósseis enviados por Giovanni Michelotti em 1836.

NÚMERO	ESPÉCIE	LOCALIDADE	OBSERVAÇÃO
307-I	<i>Arca ovata</i> Lamarck	Asti	
483-I	<i>Strombus bonellii</i> Brongniart, 1823	Torino	
943-I	<i>Spondylus gaederopus</i> Linnaeus, 1758	Asti	
1352-I	<i>Perna maxillosa</i> Lamarck, 1819	Asti	<i>Isognomon maxillatus</i> (Lamarck, 1819)
1352-I	<i>Lutraria elliptica</i> Lamarck, 1801	Asti	
1448-I	<i>Columbella semicaudata</i> Bonelli	Torino	
1939-I	<i>Cassis cypraeiformis</i> Lamarck	Torino	
1978-I	<i>Cypraea staphylae</i> Linnaeus, 1758	Torino	
1979-I	<i>Cypraea albuginosa</i> Gray, 1825	Torino	
1980-I	<i>Cypraea amygdalum</i> Brocchi, 1814	Torino	
2110-I	<i>Fusus abbreviatus</i> Bonelli	Torino	
2119-I	<i>Conus virginalis</i> Brocchi, 1814	Torino	
2122-I	<i>Conus noae</i> Brocchi	Torino	
2125-I	<i>Voluta taurinia</i> Bonelli	Torino	
2126-I	<i>Voluta mayosum</i> Brocchi	Torino	
2145-I	<i>Columbella subulata</i> Lamarck	Asti	
2146-I	<i>Columbella orytosthoma</i> Bonelli	Asti	
2151-I	<i>Onyscia verrucosa</i> Bonelli	Torino	
2158-I	<i>Fusus fragilis</i> Bonelli	Torino	
2162-I	<i>Onyscia cythura</i> Brocchi	Torino	
2199-I	<i>Cancellaria cassidea</i> Brocchi	Asti	
2205-I	<i>Cypraea labbroso</i> (Bonelli, 1826)	Asti	
2206-I	<i>Cypraea gibbosa</i>	Torino	
2207-I	<i>Cypraea expansa</i> Gene	Torino	
2209-I	<i>Cypraea fabagina</i> Lamarck	Torino	
2263-I	<i>Terebra fuscata</i>	Asti	
2266-I	<i>Conus striatulus</i> Bonelli	Asti	
2267-I	<i>Conus aldrovandii</i> Brocchi	Asti	

Anexo 5

Exemplares de rochas sedimentares e ígneas da coleção petrográfica, e amostra de óleo da coleção de geologia econômica, procedentes da Itália.

NÚMERO	NOME	PROCEDÊNCIA	COLETOR/COLEÇÃO/DOADOR
4341	Conglomerado (Calcário silicoso)	Savoia	
4787	Antracito	<i>Giffoni Valle Piana, Salerno</i>	Afonso d'Angelo Visconti
1355	Serpentina com calcedônia		
2114	Lava vulcânica	<i>Vesuvio?</i>	
2557	Leucito	<i>Santa Maria di Galeria, 21 km de Bracciano</i>	Coleção Bernard Stürtz de Bonn
2559	Granófiro	<i>Monte Martica (Varese), Lago di Lugano</i>	Coleção Bernard Stürtz de Bonn
2561	Sienito	<i>Biella, Piemonte</i>	Coleção Bernard Stürtz de Bonn
2572	Leucita Tefrito	<i>Tavolato (localidade desconhecida), Roma</i>	
2573	Pomito	<i>Isola di Lipari</i>	
2574	Obsidiana	<i>Isola di Lipari</i>	
2605	Nefelina Tefrito	<i>Ercolano</i>	
2626	Nefelina Tefrito	<i>Boscotrecase, Vesuvio</i>	
2641	Leucita Tefrito	<i>Roccamonfina, Caserta</i>	Coleção Bernard Stürtz de Bonn
2700	Gabro	<i>Bologna</i>	
2702	Serpentina com dialage	<i>Bologna</i>	Coleção Bernard Stürtz de Bonn
2723	Obsidiana	<i>Monte Rotaro, Isola di Ischia</i>	
2727	Leucita Tefrito	<i>Civita Castellana, Viterbo</i>	
4492	Lava vulcânica	<i>Vulcano Etna, Sicilia</i>	Coleção D. Pedro II
583-E	Óleo extraído de xisto betuminoso	<i>Giffoni Valle Piana, Salerno</i>	Afonso d'Angelo Visconti

Anexo 6

Minerais procedentes da Itália doados pelo barão Ottorino de Fiore di Coprani, com data de entrada em 05/07/1939.

NÚMERO	NOME	LOCALIDADE
4033-M	Atacamita	<i>Filiendi, Isola di Lipari(?)</i>
4036-M	Mesolita	<i>Palagonia, Catania, Sicilia</i>
4037-M	Enxofre	<i>Isola di Vulcano (1930)</i>
4042-M	Phillipsita e gismondita	<i>Isole dei Ciclopi, Aci Castello, Catania, Sicilia</i>
4043-M	Analcita	<i>Isole dei Ciclopi, Catania, Sicilia</i>
4047-M	Analcita	<i>Isole dei Ciclopi, Catania, Sicilia</i>
4049-M	Phillipsita	<i>Isole dei Ciclopi, Aci Castello, Catania, Sicilia</i>
4054-M	Hausmannita	<i>Filiendi, isola di Lipari(?)</i>
4103-M	Analcita	<i>Palagonia, Catania, Sicilia</i>
4104-M	Enxofre	<i>Vesuvio, Napoli</i>
4113-M	Atacamita	<i>Vesuvio (1631), Napoli</i>
4114-M	Enxofre	<i>Isola di Vulcano (1930), Sicilia</i>
4116-M	Chabasita (var. herschelita)	<i>Isole dei Ciclopi, Aci Castello, Catania, Sicilia</i>
4117-M	Leucita	<i>Monte Somma, Napoli</i>
4118-M	Leucita	<i>Isola di Vulcano, Sicilia</i>
4119-M	Granulina	<i>Vesuvio (1925), Napoli</i>
4120-M	Magnetita titanífera	<i>Isola di Procida, Campania, Napoli</i>
4121-M	Augita	<i>Etna(?) (1669), Monte Rossi(?), Salento(?)</i>
4123-M	Aluminogeno	<i>Isola di Vulcano (1930), Sicilia</i>
4124-M	Avogadrita, malladrita, ferrucita e hieiratita	<i>Vesuvio (1925), Rannémi (localidade desconhecida), Napoli</i>

Anexo 7

Fósseis de moluscos da região de *Emilia-Romagna* coletados em março de 1970 por Franco Levisetti nas camadas pliocênicas de *Castell'Arquato*, província de *Piacenza*, e doados em janeiro de 1971 ao Museu Nacional pelo médico Luiz Roberto Tostes.

MN	ESPÉCIES
5047-I	<i>Natica tigrina</i> Defrance, 1825
5048-I	<i>Nassa (Hima) serrata</i> Brocchi, 1814
5049-I	<i>Niotha clathrata</i> Born, 1758
5050-I	<i>Epaxix (Bathytoma) cataphracta</i> (Brocchi, 1814)
5051-I	<i>Semicassis laevigata</i> Defrance, 1825
5052-I	<i>Acamptochetus mitraeformis</i> (Brocchi, 1814)
5053-I	<i>Buccinulum (Euthria) corneum</i> Linnaeus 1758
5054-I	<i>Turricula (Surcula) dimidiata</i> (Brocchi, 1814)
5055-I	<i>Gyrineum (Aspa) marginatum</i> (Martini, 1777)
5056-I	<i>Murex (Bolinus) torularius</i> Lamarck, 1822
5057-I	<i>Conus (Conospira) brocchii</i> Bronn, 1831
5058-I	<i>Conus (Conolithus) antediluvianus</i> Brughiere, 1792
5059-I	<i>Cancellaria cancellata</i> (Linnaeus, 1767) var. <i>suprafasciata</i> Sacco, 1894
5060-I	<i>Halia priamus</i> (Meuschen) var. <i>helicoides</i> (Brocchi, 1814)
5061-I	<i>Fusus (Fusus) clavatus</i> Brocchi, 1814
5062-I	<i>Xenophora crispa</i> (König, 1825)
5063-I	<i>Aporrhais uttingeriana</i> (Risso, 1826)
5064-I	<i>Dentalium (Dentalium) sexangulum</i> Schroet, 1784

Anexo 8

Fósseis do Plioceno do Piemonte doados pelo Museo Geologico Sperimentale do Club Alpino Italiano, Sezione di Giaveno, Torino.

MN	NOME	PROCEDÊNCIA	DOAÇÃO
8316-I	<i>Callista puella</i> (Philippi, 1814)	Madonna del Casale, Asti	2007
8317-I	<i>Nassarius</i> (<i>Nassarius</i>) <i>mutabilis</i> Linnaeus, 1758* (Payraudeau, 1826) com <i>Ostreola stentina</i>	Madonna del Casale, Asti	2007
8318-I	<i>Ocenebra</i> (<i>Ocenebra</i>) <i>erinacea</i> Linnaeus, 1758	Madonna del Casale, Asti	2007
8319-I	<i>Gibbula</i> (<i>Gibbula</i>) <i>magus</i> Linnaeus, 1758	Madonna del Casale, Asti	2007
8320-I	<i>Gastrana</i> (<i>Gastrana</i>) <i>fragilis</i> Linnaeus, 1758	Madonna del Casale, Asti	2007
8321-I	<i>Venus</i> (<i>Venus</i>) <i>verrucosa</i> Linnaeus, 1758	Madonna del Casale, Asti	2007
8322-I	<i>Turritella</i> (<i>Haustator</i>) <i>vermicularis</i> Brocchi, 1814	Madonna del Casale, Asti	2007
8323-I	<i>Isognomon maxillatus</i> Lamarck, 1801	Baldichieri, Asti	2007
8324-I	<i>Solecurtus scopula</i> Turton, 1822	Baldichieri, Asti	2007
8325-I	<i>Glycymeris</i> (<i>Glycymeris</i>) <i>violacescens</i> Lamarck, 1819	Baldichieri, Asti	2007
8326-I	<i>Neverita josephinia</i> Risso, 1826	Baldichieri, Asti	2007
8327-I	<i>Venus</i> (<i>Circomphalus</i>) <i>foliaceolamellosa</i> Dillwyn, 1817	Baldichieri, Asti	2007
8328-I	<i>Glycymeris</i> (<i>Glycymeris</i>) <i>bimaculata</i> Poli, 1795	Baldichieri, Asti	2007
8329-I	<i>Natica</i> (<i>Naticarius</i>) <i>tigrina</i> Defrance, 1825	Valleandona, Asti	2007
8330-I	<i>Lima</i> (<i>Limaria</i>) <i>exilis</i> Wood S.V., 1839	Valleandona, Asti	2007
8331-I	<i>Dentalium</i> (<i>Dentalium</i>) <i>sexangulum</i> Gmelin, 1791	Valleandona, Asti	2007
8332-I	<i>Dentalium</i> (<i>Dentalium</i>) <i>sexangulum</i> Gmelin, 1791	Valleandona, Asti	2007
8333-I	<i>Schizaster</i> sp.	Valleandona, Asti	2007
8334-I	<i>Chlamys</i> (<i>Flexopecten</i>) <i>inaequicostalis</i> Lamarck, 1819	Valleandona, Asti	2007
8335-I	<i>Glycymeris</i> (<i>Glycymeris</i>) <i>violacescens</i> Lamarck, 1819	Valleandona, Asti	2007
8336-I	<i>Natica</i> (<i>Naticarius</i>) <i>dilluyni</i> Payraudeau, 1826	Valleandona, Asti	2007
8337-I	<i>Terebratulina ampulla</i> (Brocchi, 1814)	Capriglio, Asti	2009
8338-I	<i>Hexaplex tapparonii</i> Bellardi, 1872	Colline di Asti	2009
8339-I	<i>Petalochonchus</i> (<i>Macrophragma</i>) <i>glomeratus</i> Lamarck, 1758	Rio Torsero, Cerialle, Savona, Liguria	2009
8340-I	<i>Pecten</i> (<i>Flabellipecten</i>) <i>flabelliformis</i> Brocchi, 1814	Monale, Asti	2007
8341-I	<i>Pecten</i> (<i>Flabellipecten</i>) <i>flabelliformis</i> Brocchi, 1814	Monale, Asti	2007
8342-I	<i>Bufonaria</i> (<i>Aspa</i>) <i>marginata</i> Gmelin, 1791	Colline di Asti	2009
8343-I	<i>Phalium</i> (<i>Echinophoria</i>) <i>intermedium</i> Brocchi, 1814	Colline di Asti	2009
8344-I	<i>Pseudochama gryphina</i> (Lamarck, 1819) com perfurações de Cliona	Colline di Asti	2009
8345-I	<i>Natica</i> (<i>Naticarius</i>) <i>tigina</i> Defrance, 1825	Colline di Asti	2009
8346-I	<i>Nassarius</i> (<i>Niotha</i>) <i>clathratus</i> Born, 1788	Colline di Asti	2009
8347-I	<i>Balanus</i> cf. <i>concaus</i> Bronn, 1831	Colline di Asti	2009
8348-I	<i>Neverita josephinia</i> Risso, 1826	Colline di Asti	2009
8349-I	<i>Turricola dimidiata</i> Brocchi, 1814	Colline di Asti	2009
8350-I	<i>Turritella</i> (<i>Haustator</i>) <i>vermicularis</i> Brocchi, 1814	Colline di Asti	2009
8351-I	<i>Chlamys</i> (<i>Flexopecten</i>) <i>inaequicostalis</i> Lamarck, 1819	Colline di Asti	2009
8352-I	<i>Nassarius</i> (<i>Uzita</i>) <i>serratus</i> Brocchi, 1814	Colline di Asti	2009
8353-I	<i>Anadara diluvii</i> Lamarck, 1805	Colline di Asti	2009
8354-I	<i>Conus</i> cf. <i>clavatus</i> Lamarck, 1810	Colline di Asti	2009
8355-I	<i>Glans</i> (<i>Glans</i>) <i>intermedia</i> Brocchi, 1814	Colline di Asti	2009
8356-I	<i>Murex spinicosta</i> Bron, 1831	Colline di Asti	2009
8357-I	<i>Chlamys</i> (<i>Chlamys</i>) <i>multistriata</i> Poli, 1795	Colline di Asti	2009
8358-I	<i>Conus striatulus</i> Brocchi, 1814	Colline di Asti	2009
8359-I	<i>Dentalium</i> (<i>Dentalium</i>) <i>sexangulum</i> Gmelin, 1791	Colline di Asti	2009
8360-I	<i>Stoltia lyrata</i> Brocchi, 1814	Colline di Asti	2009
8361-I	<i>Eastonia rugosa</i> Helbling, 1779	Madonna del Casale, Asti	2007
8362-I	<i>Nassarius</i> (<i>Nassarius</i>) <i>mutabilis</i> Linnaeus, 1758	Madonna del Casale, Asti	2007



Figura 2. O Museu Nacional em fotografia de 31/07/2008. O prédio, antiga residência da família imperial brasileira, abriga o Museu Nacional desde 1892 quando a instituição foi transferida da construção que ocupava no Campo de Santana. Fotografia de Antonio Carlos S. Fernandes.

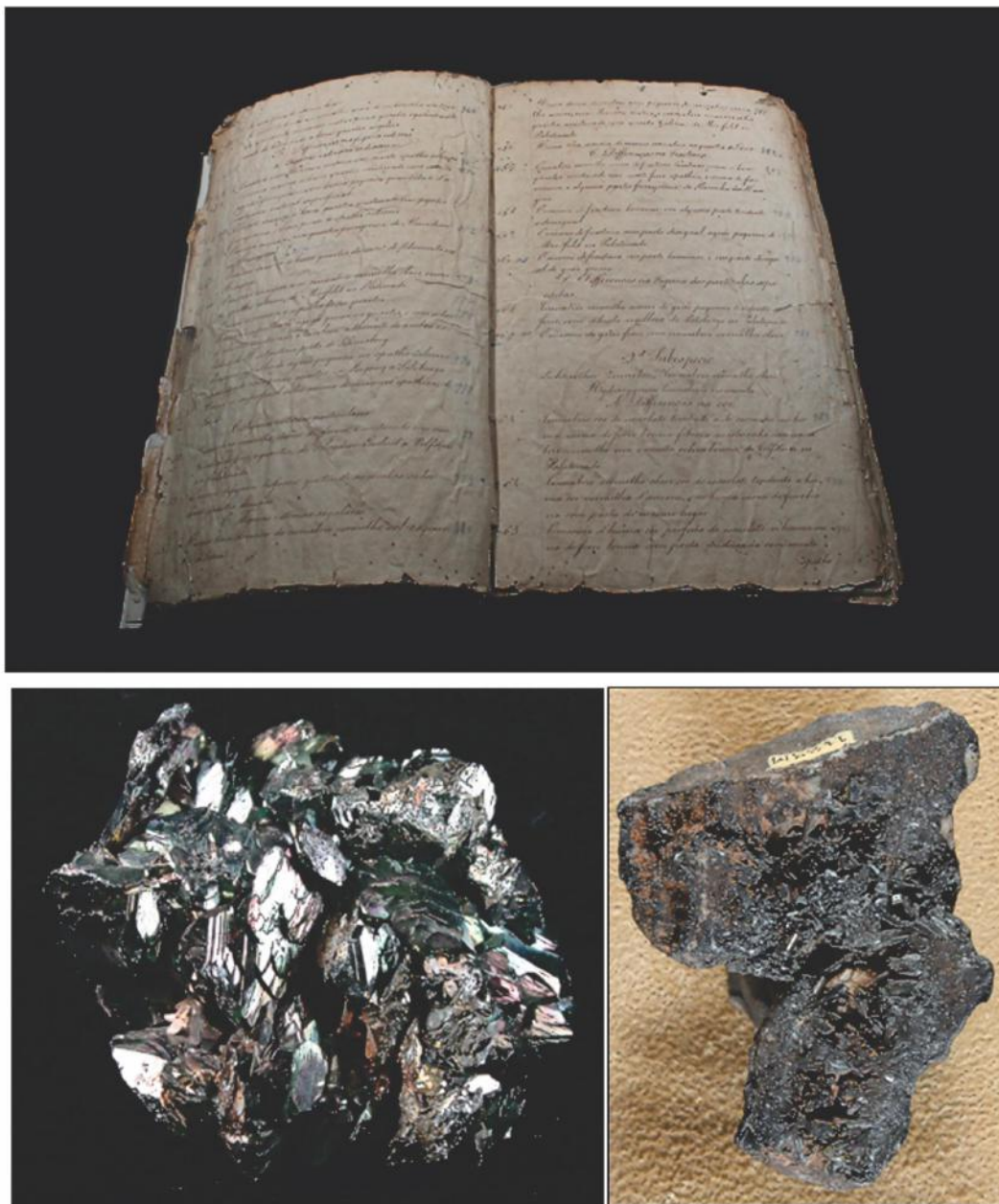


Figura 3. Catálogo da coleção Werner datado de 1824 presente na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional e dois exemplares da histórica coleção: à esquerda, amostra de hematita da *Isola d'Elba* (MN 191-M) e, à direita, amostra identificada originalmente como pirolusita do *Piemonte* e reclassificada como manganita (MN 1123-M). Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.

2
1831
Janeiro 29
Doc. n.º 141
Pasta n.º 1
Tendo nesta data expedido as correspondentes Ordens
para ser recolhida ao Museu Imperial e Nacional
hũa caixa com productos mineralógicos e geognósti-
cos do Vesúvio, que veio de Genova no Brigue por
na - Exortano Sardo -, e se acha na Alfândega
desta Corte para ter aquelle destino: Arrei o presento
no a S. R. para sua intelligencia, e para proceder
a este negocio na forma costumeada.
Deos Guarde a S. R. Páro, em 29 de Janeiro
de 1831.
Visconde d'Alcântara
Sr. F. Custodio Alves
Serrab.

Figura 4. Aviso de 29 de janeiro de 1831 do Visconde de Alcântara para o diretor do Museu Nacional receber os produtos mineralógicos e geognósticos do Vesúvio (documento do Museu Nacional número 141, pasta 1; acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional).

Y Tendo-me participado o Sr. Ministro, e Secretario do Estado
dos Negocios Estrangeiros, em Aviso de 10 do corrente, que o En-
carregado do Negocio da Santa Sé lhe annunciara haver recebido
do Director do Museu de Roma um caixote contendo objec-
tos de Historia Natural dos Estados Pontificios, para serem re-
colhidos ao Museu desta Capital, exigindo em retribuição a re-
muneração de iguaes objectos aqui classificados: A Regencia, em
Nome do Imperador, ha por bem Authorisar V. R. para
receber o referido caixote, e verificar a dita remuneração, sobre a qual
deverá entender-se com aquelle Encarregado do Negocio.
Dios guarde a V. R. Paço, em 15 de Janeiro
de 1834. Antonio Pinto Bichocho de Sousa.

24

Sr. Fr. Custodio Alves Lemos.

r

Figura 5. Aviso de 15 de janeiro de 1834 do Ministro dos Negócios do Império que autoriza o diretor do Museu Nacional a receber do Encarregado de Negócios da Santa Sé um caixão com produtos de história natural dos Estados Pontifícios (documento do Museu Nacional número 13, pasta 2; acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional).

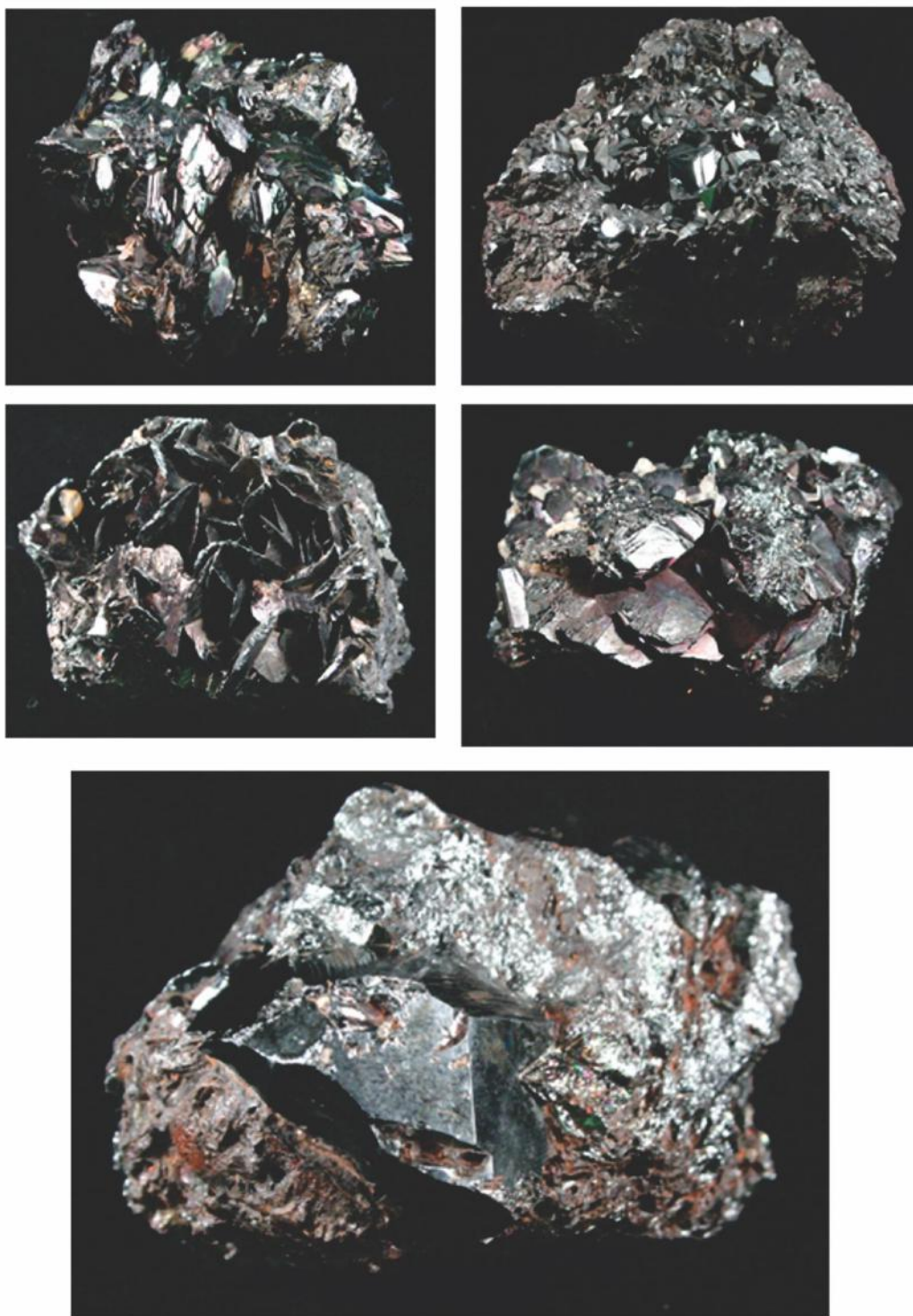


Figura 6. Exemplares de hematitas da *Isola d'Elba*: (A) MN 191-M, pertencente à coleção Werner; (B) MN 257-M; (C) MN 259-M; (D) MN 1290-M; (E) MN 1297-M, apesar de atribuído à *Isola d'Elba*, há dúvidas sobre a procedência deste exemplar. Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 7. Minerais do *Piemonte*. Em cima: amostra com cristais de granada e piroxênio, MN 977-M; embaixo, cristais de granada de *Traversella*, MN 3372-M. Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 8. Minerais do *Piemonte*: vesuvianita. Exemplares MN 1936-M (em cima) e MN 2238-M (embaixo). Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 9. Minerais do *Piemonte*: galena, MN 371-M (em cima, à esquerda); epidoto, MN 2239-M (em cima, à direita) e apatita, MN 655-M (embaixo). Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 10. Minerais do Vesúvio: espinélio, MN 1238-M (em cima, à esquerda); vesuvianita, MN 4185-M (em cima, à direita) e MN 2010-M (ao centro); e meionita, MN 2699-M (embaixo). Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.

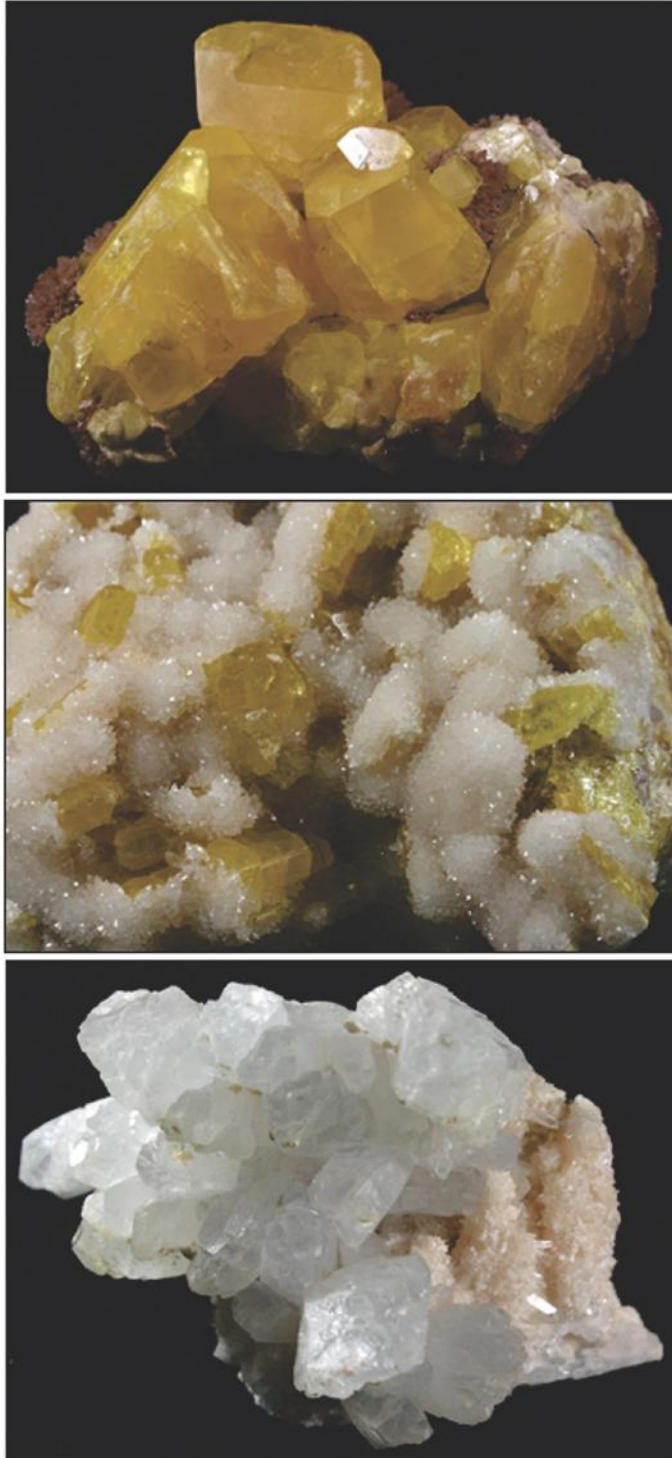


Figura 11. Minerais da *Sicilia*: enxofre, MN 4005-M (em cima) e MN 7277-M (ao centro); e celestita, MN 7276-M (embaixo). Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 12. Carta de Giovanni Michelotti ao diretor do Museu Nacional (acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional) e alguns dos fósseis do Piemonte que doou à instituição em 1836: *Strombus bonelli* (em cima, à direita, MN 483-I), *Arca ovata* (embaixo, à esquerda, MN 307-I) e *Perna maxillata* (embaixo, à direita, MN 1352-I). Os fósseis de Michelotti compunham a primeira coleção de fósseis de invertebrados estrangeiros do Museu Nacional. Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 13. Vista do afloramento pliocênico do *Parchi e Riserve Naturali Astigiani di Valleandona* (em cima) com detalhe dos fósseis presentes (embaixo, à esquerda). Destas rochas pliocênicas vieram alguns dos fósseis coletados por Giovanni Michelotti. Embaixo, à direita, os paleontólogos Antonio Carlos S. Fernandes, Piero Damarco e Vittorio Pane em 26/05/2010. Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 14. Em cima, a lista dos exemplares recentes e fósseis enviados pelo “Museu de Roma” em 1837, hoje extraviados (acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional). Embaixo, o exemplar de *Pietra Paesina* procedente da Toscana na coleção de mineralogia (MN 2754-M). Fotografia de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 15. Capa do relatório do cônsul brasileiro em Catania para D. Pedro II que tem como anexos um mapa com os derrames do *Etna* em 1886, fotografias dos derrames, sendo uma com a moldura do *Club Alpino Italiano, Sezione di Catania* e uma amostra da lava (MN 4492, coleção de petrografia). Acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional e fotografia de Antonio Carlos S. Fernandes.

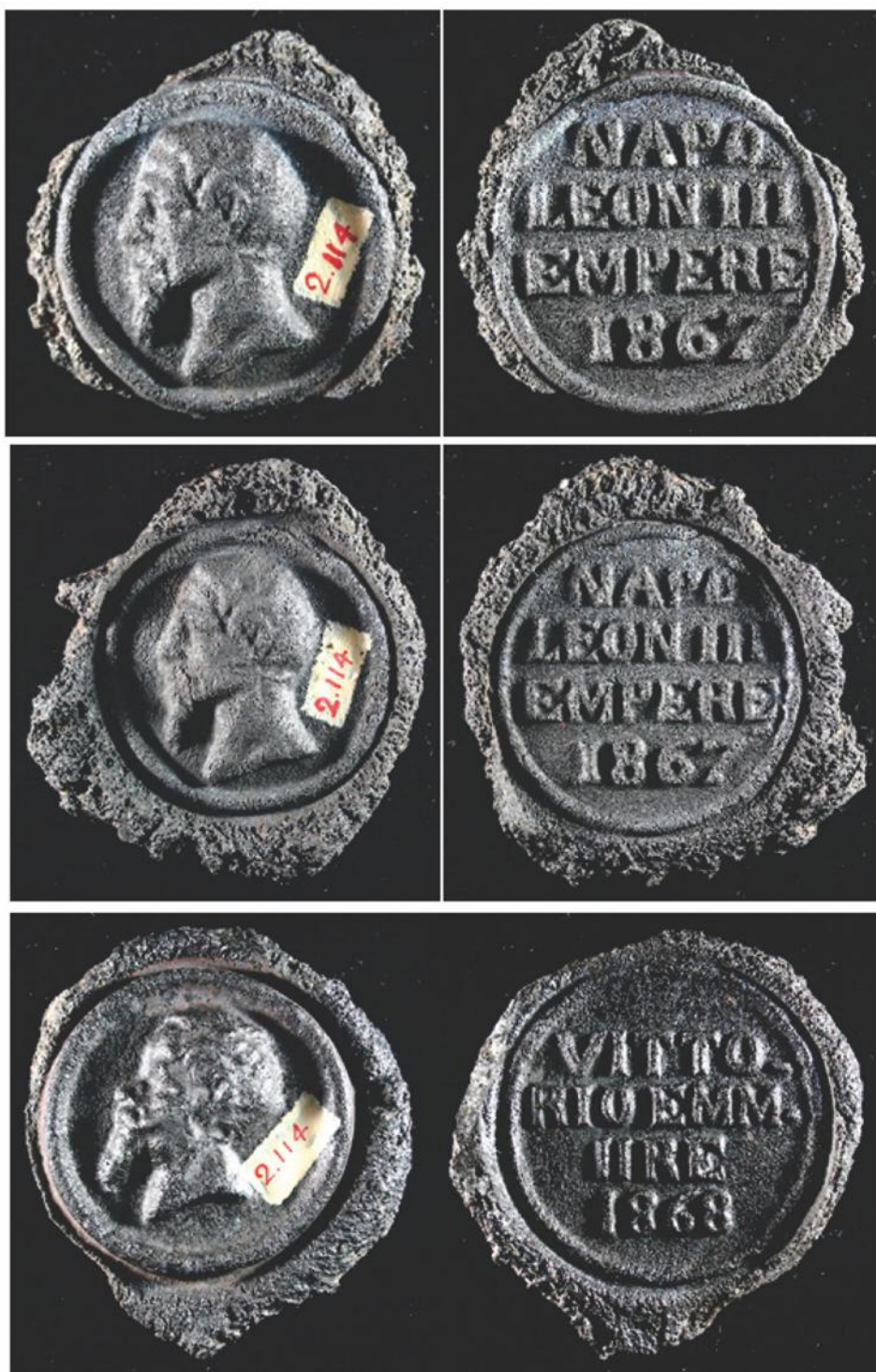


Figura 16. Medalhas com o busto do imperador Napoleão III e do rei Vittorio Emanuele II cunhadas em lava do *Vesúvio* nos derrames de 1867 e 1868 (MN 2114, coleção de petrografia). Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.

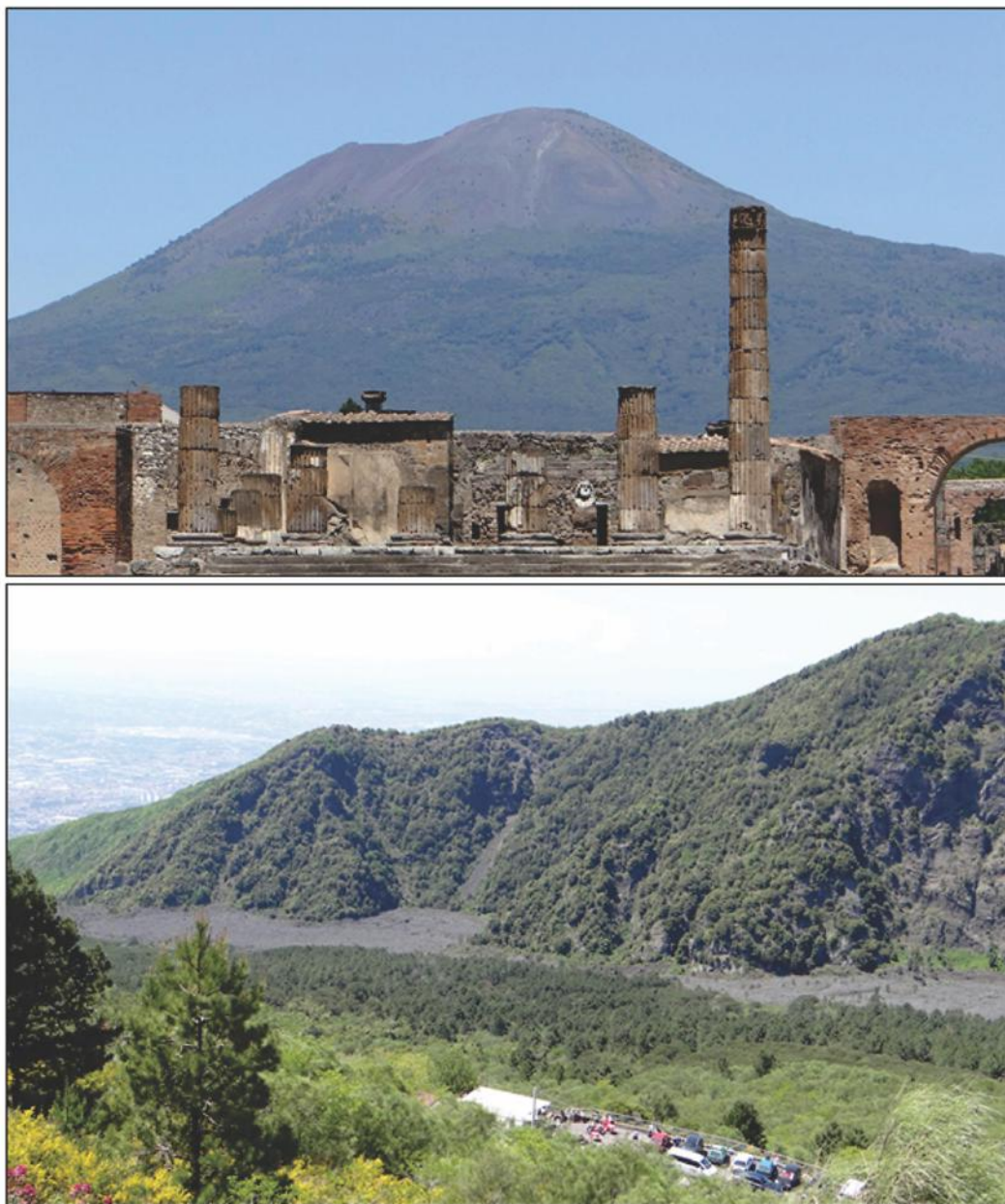


Figura 17. O *Vesuvio* visto a partir de *Pompeia* (em cima) e a imagem do derrame de lava de sua última atividade em 1944 junto à encosta do monte *Somma*. Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 18. A misteriosa caixa rotulada como “Colecção do Vesúvio” contendo divisões com pequenas amostras de minerais procedentes do *Vesuvio* e outras ilhas vulcânicas como de *Lipari*, *Vulcano* e dos *Ciclopi*. Etiquetas originais redigidas em francês (ao meio, à esquerda) e a análise do diário do imperador Pedro II permitiram lançar hipóteses sobre sua origem. Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.

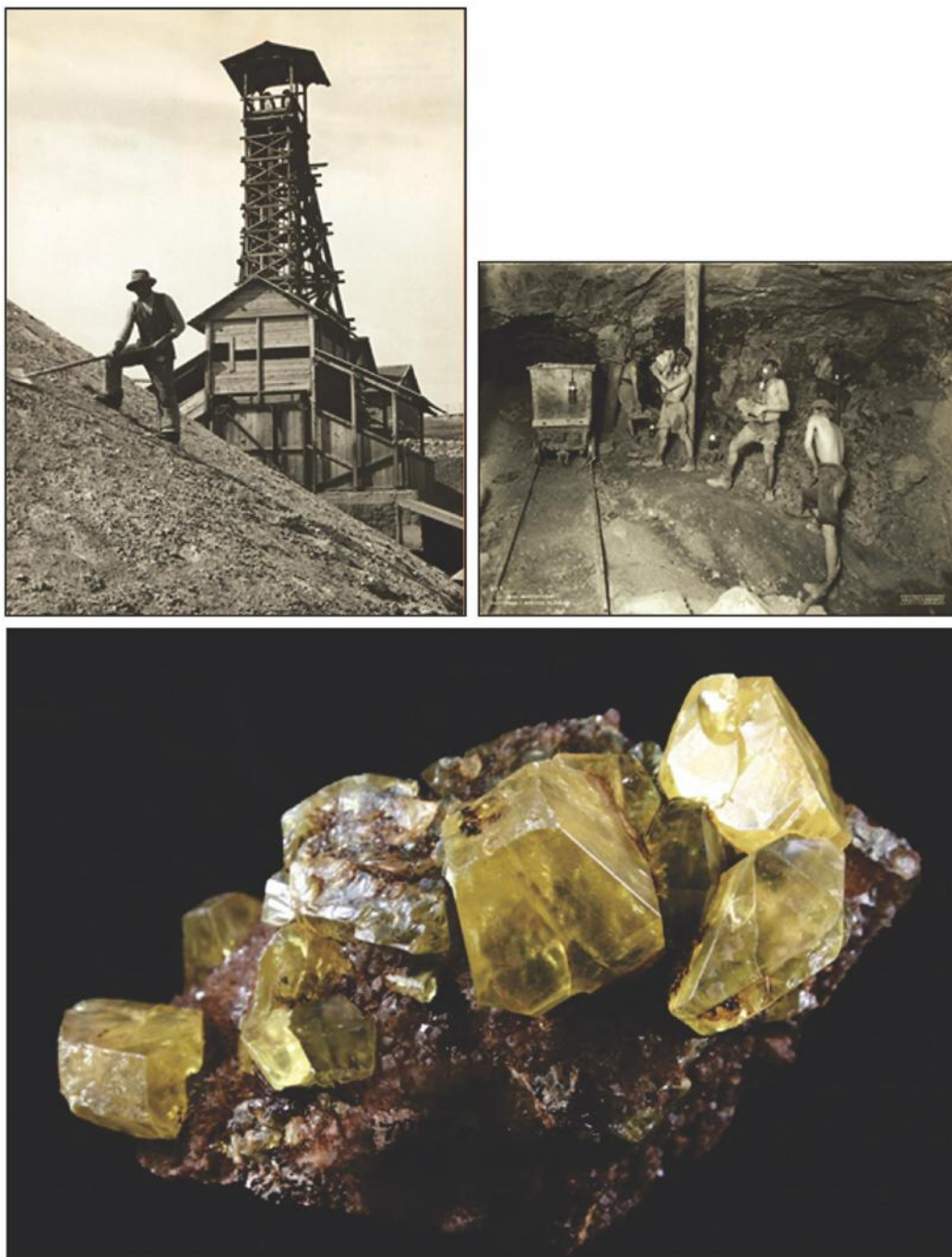


Figura 19. Mina de *Peticara*: a torre do poço *Vittoria*, detalhe do interior das galerias da mina (fotos cedidas pelo *Fondo Edison de Milano*) e exemplar MN 7275-M de enxofre com betume da mina de *Peticara* resultado da permuta com Alberto Ponis. Fotografia de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 20. Fósseis pliocênicos doados pelo Museo Geologico Sperimentale: em cima, *Pecten* (*Flabellipecten*) *flabelliformis* (MN 8341-I), *Dentalium* (*Dentalium*) *sexangulum* (MN 8331-I) e *Terebratulilla* *ampulla* (MN 8337-I) procedentes respectivamente de Monale, Valleandona e Capriglio, Asti, Torino. Fotografias de Antonio Carlos S. Fernandes.

